EXCLUSIVO: JAMES CAMERON FALA SOBRE *AVATAR*

SET

CINEMA ✪ ENTRETENIMENTO ✪ TECNOLOGIA

aver

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Setembro 2009 - Ed. 266 - Ano 22 - R$ 9,90

ACESSO TOTAL!

Brad Pitt vai à guerra em

Bastardos Inglórios

A nova obra-prima de **Quentin Tarantino**

✈ Visitamos as filmagens em Berlim ✆ Entrevistas com o astro e diretor

Distrito 9

Peter Jackson + alienígenas = o melhor filme do ano (até agora)

Chega um dia em que todo mundo
descobre como é fácil voar.

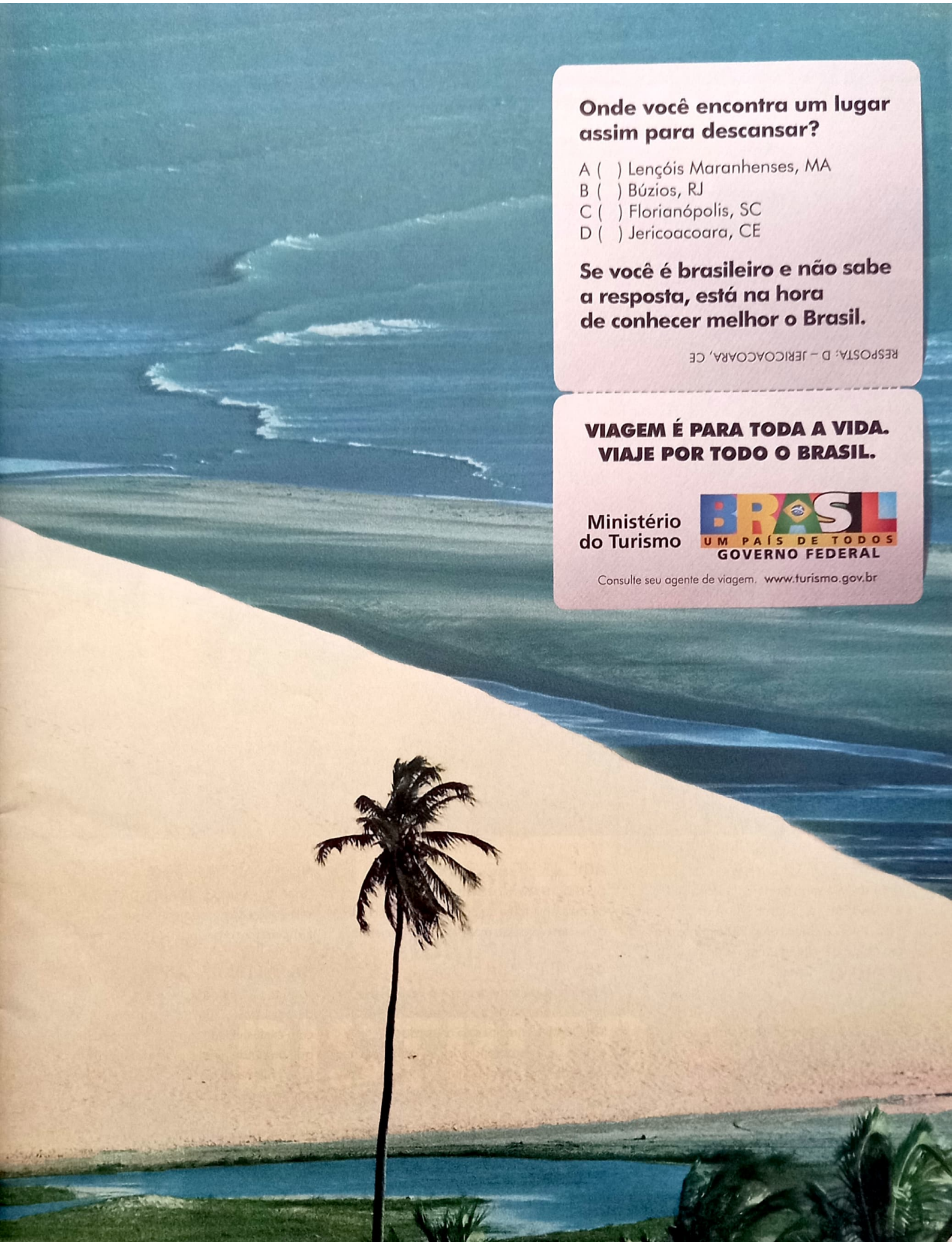
Gol. Aqui todo mundo pode voar.

Quando a Gol nasceu, estava nascendo também uma nova era da aviação brasileira. Uma era mais moderna, mais inteligente, mais tecnológica. Com a Gol, você programa toda a sua viagem de forma rápida e descomplicada. Pela internet, você compra passagens, reserva assentos e faz até o check-in. Porque tudo o que a Gol faz tem o mesmo objetivo: mostrar que, aqui, voar é muito mais fácil.

WWW.VOEGOL.COM.BR

GOL
Linhas aéreas inteligentes

BRASIL



Onde você encontra um lugar assim para descansar?

A ( ) Lençóis Maranhenses, MA
B ( ) Búzios, RJ
C ( ) Florianópolis, SC
D ( ) Jericoacoara, CE

Se você é brasileiro e não sabe a resposta, está na hora de conhecer melhor o Brasil.

RESPOSTA: D – JERICOACOARA, CE

VIAGEM É PARA TODA A VIDA. VIAJE POR TODO O BRASIL.

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Consulte seu agente de viagem. www.turismo.gov.br

NESTA EDIÇÃO

26
GAROTA DA CAPA: Bonita e esperta, Melanie Laurent é o trunfo de Tarantino em *Bastardos Inglórios*

26 CÃES DE GUERRA
Quentin Tarantino finalmente lança seu lendário filme de guerra, BASTARDOS INGLÓRIOS, e coloca Brad Pitt à frente de um grupo de soldados com sede de sangue e um plano para matar Hitler

36 SÃO PAULO PARA!
O diretor Sergio Rezende usa o ataque do PCC à capital paulista para contar uma história de mãe e filho em SALVE GERAL

40 ELES ESTÃO ENTRE NÓS
DISTRITO 9 revela o talento do diretor Neill Blomkamp, a força do produtor Peter Jackson e cria um novo patamar para a ficção científica

46 JAPÃO POP MOVIE
Espelhando a homenagem no Festival de Veneza, homenageamos o mestre AKIRA KUROSAWA, antecipando o ano de seu centenário e lembrando de sua influência na forma de seus grandes filmes

50 PARA SEMPRE NA MEMÓRIA
Para comemorar os 22 ANOS DA SET, selecionamos os momentos que nos arrepiaram e emocionaram nesse período

58 SET ENTREVISTA
Mais de uma década depois de *Titanic*, o diretor JAMES CAMERON conversa com SET com exclusividade sobre seu novo trabalho, que pretende revolucionar o modo de ver e fazer cinema: *Avatar*

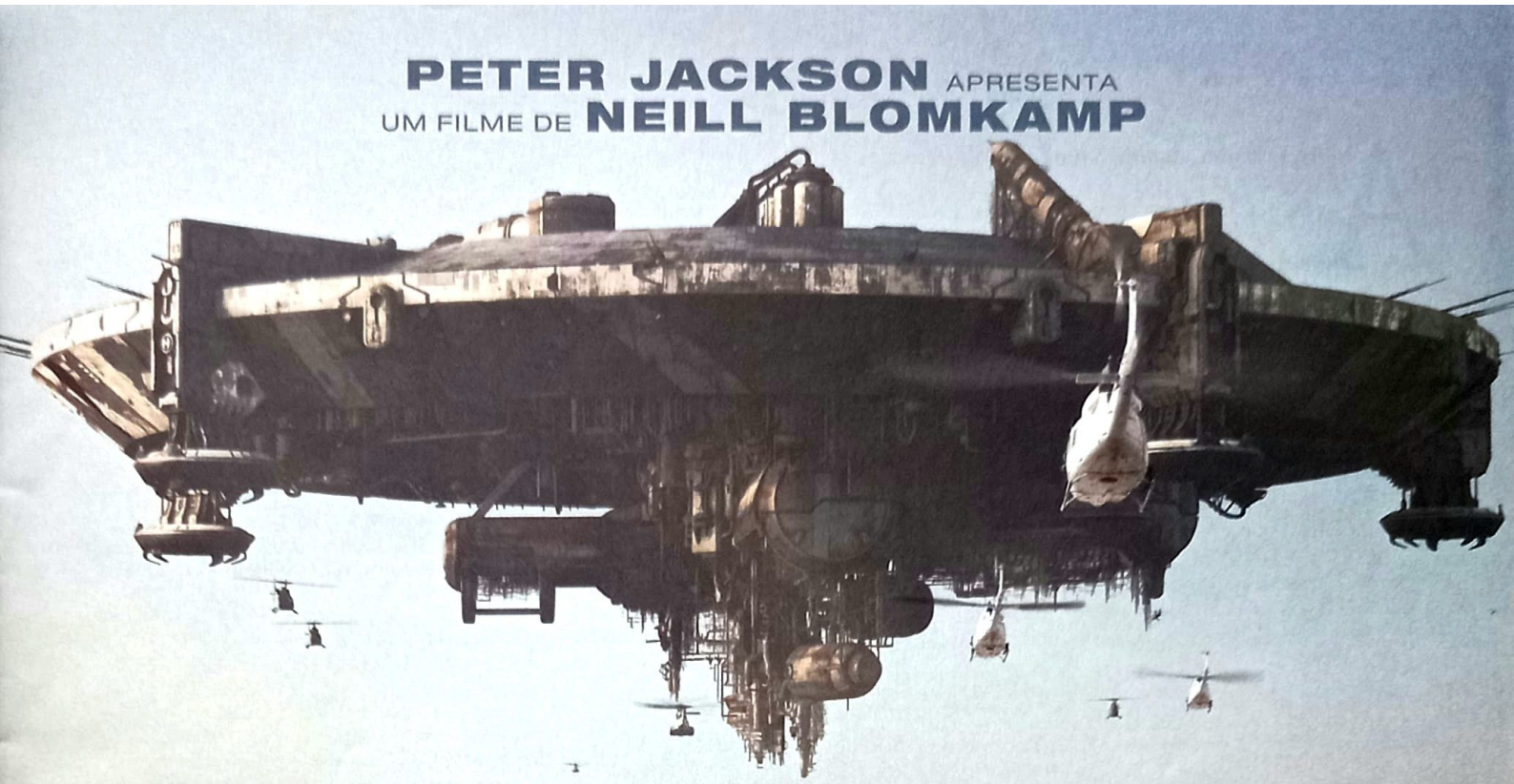
SEÇÕES

8 EDITORIAL **11** CARTAS **12** TAKES **66** CINEMA **68** DVD & BLU-RAY **72** TV PAGA **73** PRÓXIMAS ATRAÇÕES **74** HQ HUMOR

NA CAPA: Brad Pitt em *Bastardos Inglórios* (Universal)

PETER JACKSON APRESENTA

UM FILME DE NEILL BLOMKAMP



DISTRITO 9

(DISTRICT 9)

VOCÊS NÃO SÃO BEM-VINDOS AQUI.

QED

distrito9.com.br

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

TRI STAR

16 DE OUTUBRO NOS CINEMAS

Editorial

A Aver Editora adquiriu o título da SET, revista de qualidade do mercado editorial brasileiro. Assim, a SET, com a edição de setembro, passa a integrar o portfólio de nossa editora, formado hoje pela *Próxima Viagem*, *Jornal de Turismo*, *Aviação em Revista* e *Jornal de Teatro*. Nossas publicações seguem uma prioridade: são produtos da Aver e, principalmente, do nosso público. A SET, agora, será reforçada como uma marca multimídia, conceito que integra todas as ferramentas modernas da atualidade, dos serviços on-line, como o twitter, aos eventos relacionados aos seus temas. Queremos estar cada vez mais perto dos nossos leitores. E vamos estar, desenvolvendo continuamente um produto de leitura que agrade tanto o tradicional amante de cinema até os iniciantes atraídos pela nobre arte. A transição do título para a Aver Editora exigiu um redobrado esforço de todos os envolvidos, a exemplo da equipe do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro. Sob a guarda da Aver Editora, SET passa a ser editada em São Paulo, com a força de todas as suas redações no país – no mesmo Rio, em Brasília, Porto Alegre, Florianópolis e Salvador. Volta ao comando da revista o editor-chefe Roberto Sadovski, nome que tem sua história profissional ligada à SET. É dele o texto de apresentação desta edição:

"Pois é, Brad Pitt está na capa de SET com o novo filme de Quentin Tarantino, *Bastardos Inglórios*. Pois é, comemoramos o centenário de Akira Kurosawa com alguns meses de antecedência, para coincidir com a homenagem no Festival de Veneza. Pois é, mostramos como um dos melhores filmes do ano, *Distrito 9*, só se tornou realidade quase que por acidente. Pois é, celebramos com certo atraso nosso aniversário de 22 anos, lembrando momentos inesquecíveis no cinema desde o nascimento de SET. E, pois é, estamos de casa nova. Agora SET é publicada pela Aver Editora, e prepara-se para o futuro renovando sua proposta editorial, arrumando os móveis na parte gráfica e estreitando os laços com você, leitor, em nosso Clube do Assinante e também no novíssimo SET Online. A jornada é longa, o caminho é árduo, mas estamos com fôlego renovado e prontos para o desafio. Ah, e eu estou de volta ao timão da SET. Senti sua falta. É bom estar aqui".

Com Sadovski e outros profissionais competentes, a Aver Editora aplaude você, o nosso leitor, o leitor da SET.

Muito grato.

Cláudio Magnavita Castro
Publisher e Presidente da Aver Editora

SET

PUBLISHER
Cláudio Magnavita

Diretor Editorial José Aparecido Miguel
Diretor de Núcleo Turismo/Aviação Rodrigo Figueiredo

REDAÇÃO
Editor-Chefe Roberto Sadovski

ARTE
Editor de Arte Ken Tanaka
Designers Ayami Tanaka e Sidney João Rossini
Tratamento de Imagens Roberto Quevedo

FOTOGRAFIA
Editor de Fotografia Valdemir Cunha
Pesquisa de Imagens Marilene Bucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Alessandro Giannini, Christian Petermann, Damon Wise, Dennison Ramalho, Dulce Damasceno de Brito (*in memoriam*), Maria Fernanda Menezes, Odair Braz Júnior, Paulo Cabral, Renato Villiegas, Rodrigo Salem
Ilustração Fábrica de Quadrinhos
Revisão Jorge Cotrin

aver editora

www.avereditora.com.br

PRESIDENTE
Cláudio Magnavita

Vice-Presidentes Hélcio Estrella, Anderson Espinosa
Diretor Geral Sidnei Lubianco
Gerente de Publicidade Dervail Cabral

ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Gerente Acacio Neto

CIRCULAÇÃO E OPERAÇÕES
Wagner Pinheiro

ASSINATURAS
Alex Ferreira

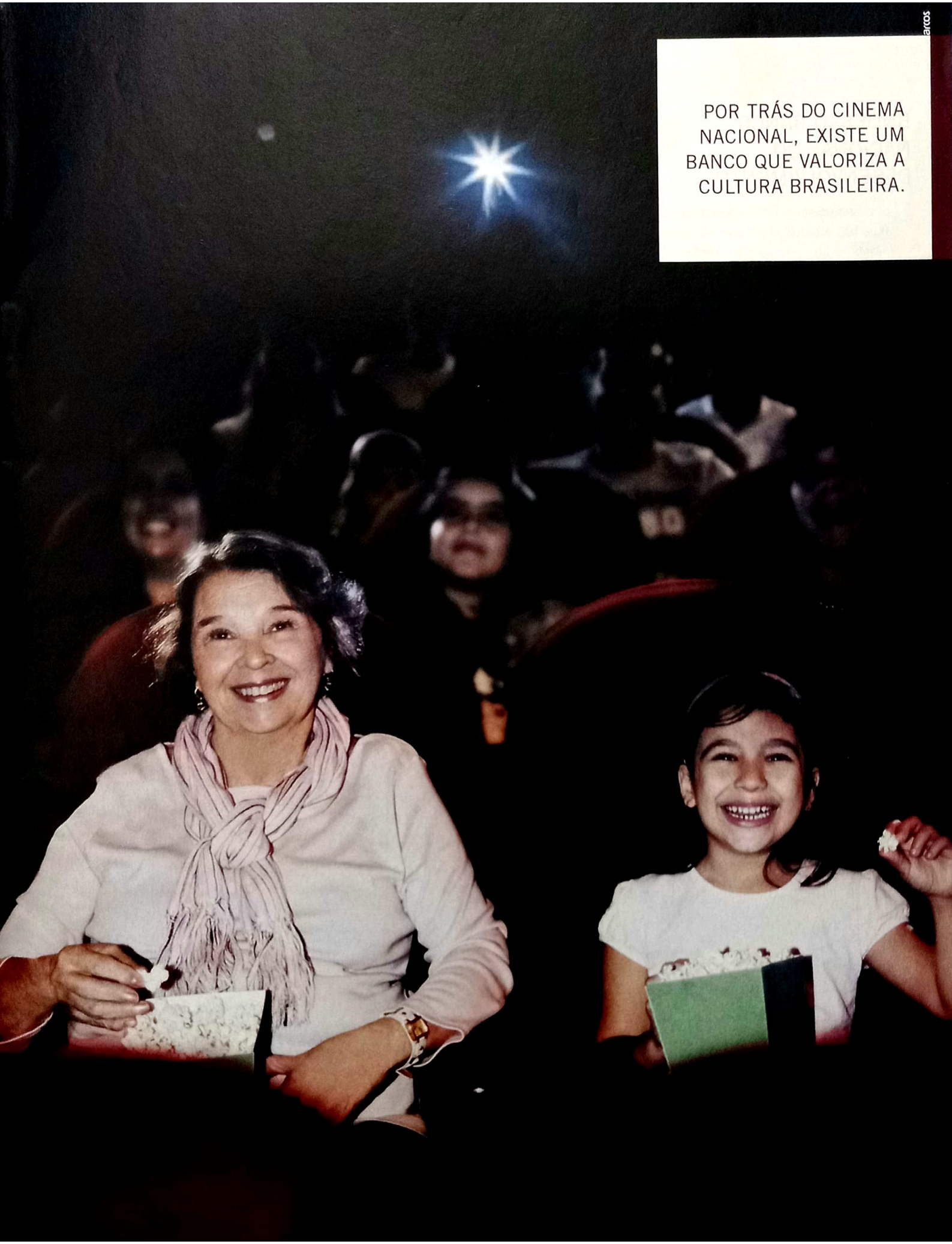
ASSISTENTE DE DIRETORIA
Elisângela Delabilia

REDAÇÃO E ESCRITÓRIO
São Paulo Rua da Consolação, 1992, 10º andar, CEP 01302-000, Fone/fax (11) 3257-0577

REDAÇÕES E ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio de Janeiro - Fone/fax (21) 2509-1675
Brasília - Fone/fax (61) 3327-1449
Porto Alegre - Fones (51) 3231-3745 e 3061-3483
Florianópolis - Fones (48) 3024-3571/3575

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3038-1450. De segunda a sexta-feira, das 8 às 20h, e aos sábados, das 9 às 15 h.
assinanteset@avereditora.com.br

SET é uma publicação da Aver Editora.
Distribuição: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.



POR TRÁS DO CINEMA NACIONAL, EXISTE UM BANCO QUE VALORIZA A CULTURA BRASILEIRA.

BNDES. O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO.

O BNDES é um dos principais parceiros do cinema nacional. Está presente desde a produção e distribuição de filmes até o patrocínio de festivais e o financiamento de salas de exibição. Por tudo isso, o BNDES já pode ser considerado um protagonista da indústria brasileira do audiovisual, mesmo atuando por trás das câmeras.

Ouvidoria: 0800 702 6307
www.bndes.gov.br

BNDES

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

O bom filho...

Eis que meu telefone toca, já embolorado e coberto por teias. Eu me levanto lentamente (a artrite não deixa ser de outra maneira), passo ao largo de minha TV de altíssima definição e da coleção de mais de 20 mil filmes (todos originais) e atendo. Do outro lado, Roberto Sadovski. Espanto! Ele não me chamou de Mr. Phelps, mas passou uma missão impossível: voltar a responder às cartas de SET. Eu gosto de um desafio... Ou seja, o desafio está em suas mãos, caro leitor! Escreva, critique, elogie, sugira, peça mimos, faça tudo! O canal com SET está aqui (e mais ainda no novíssimo SET Online), e é todo seu. E todo mês você vai me encontrar por aqui. É uma promessa (não uma ameaça).

CREPÚSCULO NA BERLINDA

Não aguento mais ouvir essa gurizada falar que *Crepúsculo* é o máximo! Bem que SET podia publicar artigos com personalidades que fazem cinema. Sabe... ampliar a formação cinematográfica dessa garotada. Não falo de atores, mas sim de diretores e profissionais envolvidos em cinema, como Ray Harryhausen, Lucio Fulci, Dario Argento, Enio Morricone... Poderiam fazer uma matéria especial sobre a produtora inglesa Hammer! Eles sabiam fazer filmes de terror!

Dalton Delfini Maziero
São Paulo (SP)

Dalton, eu juro que pensei em passar seu e-mail para algumas fãs de Crepúsculo *que fazem plantão na redação com foices e machetes... E, vamos combinar, não é pior do que filmes do Lars Von Trier, vai. Decidi ser legal em meu retorno, então seu e-mail permanece um segredo. Ah, acho que você vai gostar de nosso novo colunista, o diretor e roteirista Dennison Ramalho. Só uma ideia....*

DÚVIDA

Algumas vezes enviei-lhes e-mails na tentativa de acabar com uma dúvida que tenho sobre um filme que eu via na TV durante a madrugada. Acho que era um longa em preto e branco, da década de 1950. A história era mais ou menos a seguinte: em Nova York, na obra de um metrô, é descoberta uma nave espacial que estaria soterrada ali durante séculos, ou milênios. Esta nave é feita de um metal muito resistente, tornando-a praticamente indestrutível. Um homem é chamado para ajudar nas investigações e, ao entrar em contato com ela, começa a ter visões dos seres que habitavam o planeta de onde a nave teria vindo. Eram criaturas com aparência de formigas que enfrentavam problemas de superpopulação. Isso acarretou a fome e, mais tarde, a guerra. Essa guerra dividiu a população e se tornou cada vez maior até que acabou por destruir o planeta com o uso de armas nucleares. Mas antes de o planeta ser destruído, foram enviadas milhares de naves pelo espaço com a intenção de salvar a espécie. Uma dessas naves teria caído na Terra. Ao final do filme, fica a ideia de que a humanidade é descendente dessas criaturas e que sua história está seguindo pelo mesmo caminho. Eu gostaria muito de saber que filme é este e se já foi lançado em DVD no Brasil.

Luís Wagner Viana Ramires,
por e-mail

Pô, Luís, tantos detalhes e nada do nome do filme? Eu ia buscar no arquivo morto que eu chamo de cérebro, mas deixo o trampo para os fiéis leitores de SET. O primeiro que mandar a resposta correta ganha um mimo (e por "mimo" eu quero dizer um "valeu, rapá!").

NO DIVÃ

Quero apoiar o colega leitor Allen Mahet, do Rio de Janeiro, que escreveu para a seção da edição 265. A revista SET mudou e estamos analisando o quanto...

Fernando Dias Silva,
por e-mail

Como diria o tio Ben, até computadores precisam de análise hoje em dia...

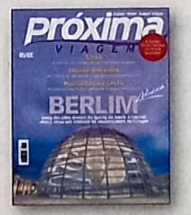
SENTIDO POP

Gostei muito de o sentido pop da revista ter sido preservado na mudança, e o conteúdo também estar muito bom.

Marco Gonçalves,
por e-mail

Se até o papa é pop, por que não SET? Mantenha a sintonia que mudanças ainda mais bacanas estão a caminho.

Outras publicações da **AVER EDITORA**



Próxima Viagem

Jornal de Teatro

Jornal de Turismo

Aviação em Revista

JT Magazine

Catálogo Abav

CONVERSE COM A GENTE
Fone: (11) 3257-0577 - E-mail: set@avereditora.com.br
ou acesse www.set.com.br - Endereço: Rua da Consolação, 1992, 10º andar, CEP 01302-000, São Paulo (SP)

ASSINATURA SET
Fone: (11) 3038-1450

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Morte na neve

Dois anos depois de estar pronta, *Terror na Antártida*, adaptação de uma HQ de suspense, chega aos cinemas

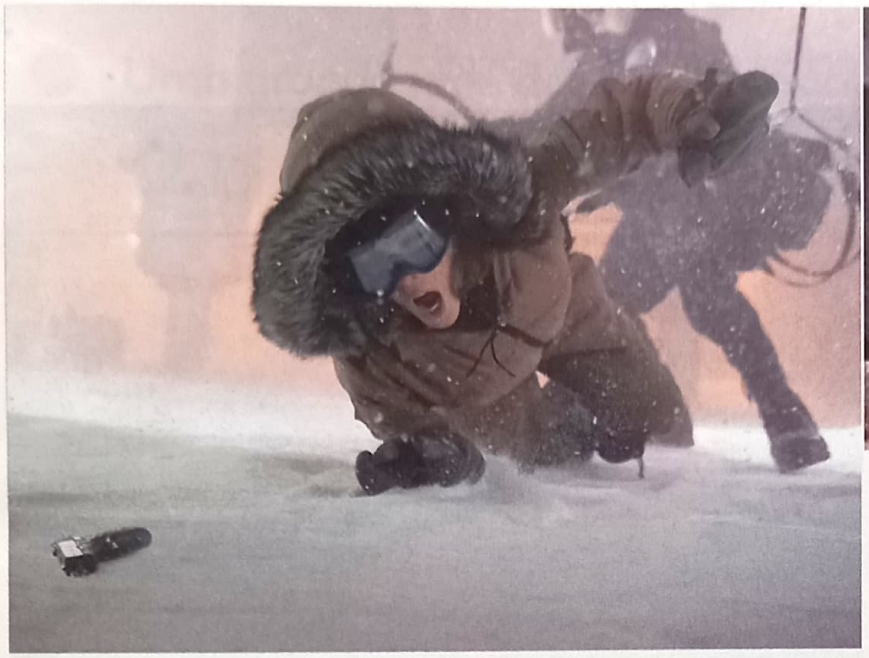
POR ROBERTO SADOVSKI DE SAN DIEGO

Duas horas de atraso. Kate Beckinsale está corada, já pediu desculpas umas 15 vezes, e garante que sua demora gigantesca para a entrevista sobre *Terror na Antártida* não foi sua culpa. Foi de um trem. "É verdade, a gente parou de um lado dos trilhos e o trem começou a passar", diz a atriz, quase sem conter as risadas. "Uma hora depois, continuávamos no mesmo lugar! Aquilo não acabava nunca!" Depois de dizer que não queria mais participar de filmes de ação e de gênero – ela tornou-se estrela com os dois primeiros *Anjos da Noite*, dirigidos pelo maridão, Len Weiseman, mas quis desacelerar quando trabalhou em *O Aviador* –, Kate topou encarar temperaturas extremas para rodar *Terror na Antártida*, que adapta a *graphic novel Whiteout* para o cinema. Participando da Comic Con, em San Diego, ela mostra cenas do filme ao lado do diretor, Dominic Sena, e de Greg Rucka, autor da HQ original e um dos produtores do filme. Quando pergunto a data de lançamento, a resposta é imediata: "Setembro".

Isso foi em 2007.

Dois anos depois e *Terror na Antártida* realmente aterrissa nos cinemas ianques em setembro (e por aqui no começo de outubro). Quando um filme fica na estante por tanto tempo, mesmo depois de pronto, é sempre sinal de problemas. De acordo com o produtor Joel Silver, nem tanto assim. "*Terror na Antártida* teve uma pós-produção

Atualmente em pós-produção do que será o melhor filme da história (o mega SYLVESTER STALLONE prepara *Rambo 5: The Savage Hunt*, que coloca o sold



Entrando numa fria: Kate Beckinsale em trajes para frio extremo em *Terror na Antártida*, em que ela caça um assassino com a ajuda de Gabriel Macht (*acima*)

extensa", tenta amenizar o produtor. "Praticamente todas as cenas trazem efeitos digitais, principalmente para reproduzir as condições climáticas de onde a trama se desenrola." Em outras palavras, toda neve, cada respiração que está em cena é CGI. Ou quase. "Acredite, o frio era bem real", garante Kate Beckinsale, que em *Whiteout* interpreta Carrie Stetko, uma delegada federal que, perturbada por um caso que não acabou bem, pede transferência para uma estação de pesquisas no Pólo Sul. Prestes a terminar seu período de isolamento entre cientistas e pesquisadores, um assassinato – o primeiro no continente gelado – a força a descobrir o criminoso antes de a base ser fechada para o inverno por seis meses. "Filmamos no Canadá, que era igualmente gelado", continua Beckinsale, ainda no bate-papo com SET de dois anos atrás. "Quando as máquinas de vento eram ligadas, o frio era quase insuportável." Para diminuir o impacto, a atriz se escondeu atrás de roupas pesadas, em que só uma parte de seu rosto escapava. "Não era como aquelas roupas de couro que eu usava em *Anjos da Noite*", continua, já emendando com uma piada. "Era incrível, quando eu me abaixava para pegar alguma coisa, a equipe inteira fazia um 'hummmm'." As curvas perfeitas da atriz – que surgem em uma ducha no começo do filme – contrastam com Carrie Stetko como ela foi desenhada em *Whiteout*, lembrando mais os traços da atriz Janeane Garofalo (*Cop Land*, *24 Horas*). Mas Beckinsale é mais "bancável" e seu nome carrega um filme, e em Hollywood é o que conta.

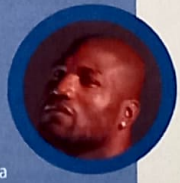
"Não me incomodei nem um pouco", conta Greg Rucka, autor da HQ e produtor executivo do filme. "São mídias diferentes, e eu não tenho o menor interesse em ver no cinema algo exatamente igual ao que eu li em um gibi." As mudanças não param aí. A cena inicial, com a queda de um avião russo no continente gelado, nem sequer estava no roteiro filmado em 2007 – era mencionado, mas só foi de fato rodado durante a pós-produção. A identidade do assassino, revelada no meio do gibi, fica para o final do filme. E o personagem de Gabriel Macht (The Spirit), um agente federal que chega à base no meio da investigação, era originalmente uma mulher. "A gente queria manter o foco em Carrie, que ela se sentisse isolada e fosse mesmo única", confirma o diretor Dominic Sena. "Eu? Uma mulher? Ninguém me contou nada!", protesta Macht, em tom jocoso. Hollywood é mesmo um lugar estranho.

filme de ação *Os Mercenários*, aposto uma cerveja),
ndo caçando uma criatura geneticamente alterada

■ **Guy Ritchie** (*Snatch*, *Sherlock Holmes*, ex-de Madonna) vai dirigir a aventura *Lobo*, baseada num personagem da DC Comics muito famoso... nos anos 1990. Suas aventuras, violentas e amorais, agora têm de se contentar com uma censura livre...

■ Não é uma ameaça, mas **Martin Lawrence** vai reaver a roupa de látex para *Vovó... Zona 3*, que retoma as aventuras do agente federal que, sabe-se lá por quê, tem de se disfarçar como uma senhora obesa para resolver seus casos. Ei, a molecada gosta...

■ Ele é grande, ele é forte, e provavelmente vai dizer para você "beber seu leite, ir para a escola, não usar drogas". É o lutador **Rampage Jackson**, que vai ficar com o papel de B.A. na adaptação da série *Esquadrão Classe A*, que está sendo preparada por Joe Carnahan (*Narc*). Difícil será ganhar status de ícone como Mr. T.



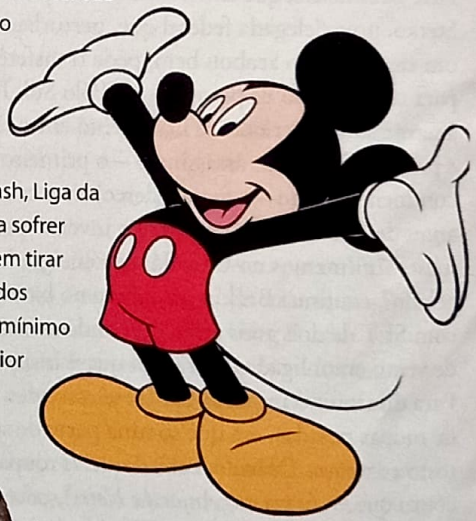
Os gigantes se movem

A Disney compra a Marvel por 4 bilhões de dólares; Warner e DC contra-atacam

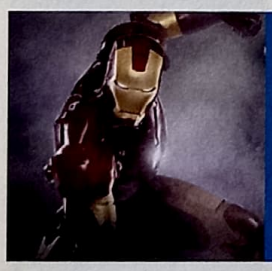
Em uma operação que deixou a indústria surpresa, a Disney comprou a Marvel por 4 bilhões de dólares. A partir de agora, o estúdio do Mickey é também dono do Homem-Aranha, Capitão América, X-Men e um catálogo de cerca de 5 mil personagens, espalhados entre histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes e uma penca de produtos licenciados. A pergunta que fica no ar é: como as coisas ficam na prática? A decisão de Bob Iger, presidente da Disney, foi mercadológica, claro. Com máquinas de imprimir dinheiro como *Hannah Montana* e *Jonas Brothers*, a empresa tinha liderança total numa fatia de mercado jovem e predominantemente feminina – com os super-heróis da Marvel no bolso, eles também podem investir numa faixa que dava de ombros para lápis de colorir do Mickey, mas com certeza tinha um caderno como o Wolverine na capa. Para a Marvel, ampliam-se horizontes, já que fazer parte da Disney também significa ser parceiro da rede de TV ABC, de contratos de distribuição exclusivos com redes de lojas pelos EUA e também pelo mundo, além do apoio de uma marca sólida. Claro que o anúncio é acompanhado de medo – medo que a Disney "infantilize" a Marvel. Não parece ser o caso, principalmente pelo motivo da compra. O cenário mais provável é que as divisões operem da mesma forma, mais ou menos como a Pixar trabalha com o estúdio. Sem falar que as consequências da fusão só devem começar a ser sentidas em 2012: os contratos atuais de licenciamento para o cinema não muda; a Sony continua "dona" do Homem-Aranha e do Motoqueiro Fantasma; a Fox, do Demolidor, X-Men e Quarteto Fantástico; e a Paramount vai distribuir os cinco próximos filmes produzidos pela Marvel – *Homem de Ferro 2*, *Thor*, *Capitão América*, *Vingadores* e *Homem de Ferro 3*. "Claro que nossa ideia é rever isso com o tempo", comentou Iger. Agora, já pensou que bacana um filme da Marvel produzido pela Pixar?

Ao mesmo tempo, a Warner reestruturou sua relação interna com a DC Comics e anunciou a criação da DC Entertainment. Embora pareça um contra-ataque, a mudança já era parte dos planos do presidente da empresa, Jeff Robinov, há mais de dois anos. Na prática, a divisão de quadrinhos agora responde a Robinov e à executiva Diane Nelson, que desde 2000 é responsável por cuidar da marca Harry Potter. Mas é fato que a ascensão da Marvel é estopim da mudança: enquanto os heróis da concorrência abocanham milhões nas bilheterias e em produtos licenciados, a DC criou nada além de uma franquia – o *Batman* de Christopher Nolan. Enquanto isso, Mulher Maravilha, Flash, Liga da Justiça e outros pesos pesados continuam a sofrer nas mãos de produtores que não conseguem tirar os projetos da gaveta. A partir de agora, todos voltam para a supervisão de Robinov, e no mínimo testemunharemos uma movimentação maior para levá-los ao cinema – e integrá-los em outras mídias do grupo. Alguma dúvida de qual gênero manda no cinema hoje?

FOTOS: DIVULGAÇÃO



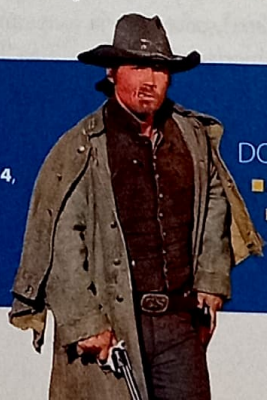
Melhores amigos para sempre: será que veremos o Homem-Aranha dividindo a cena com Mickey Mouse?



NA AGULHA...

Marvel

- **Homem de Ferro 2**, de Jon Favreau (2010)
- **Homem-Aranha 4**, de Sam Raimi (2011)
- **Thor**, de Kenneth Branagh (2011)
- **Capitão América**, de Joe Johnston (2011)
- **Vingadores**, diretor a ser anunciado (2012)



DC

- **Jonah Hex**, de Jimmy Hayward (2010)
- **The Losers**, de Sylvain White (2010)
- **Lanterna Verde**, de Martin Campbell (2011)

Vem aí o Multiplus Fidelidade.

- Uma grande rede de programas de fidelidade.
- Um jeito fácil e rápido de acumular pontos e resgatar prêmios.
- E você ainda pode sugerir os nossos parceiros.

multiplus fidelidade

Multiplus Fidelidade. Vários programas de fidelidade. Uma só conta.

Já pensou se suas compras, sejam de celular, passagem aérea, cartão de crédito, supermercado, entre outras, somassem pontos de fidelidade em uma só conta? E imagine se você pudesse usar tudo isso no que quisesse. Bem, o Multiplus Fidelidade vem para tornar essa ideia realidade. Acesse www.multiplusfidelidade.com.br e diga que tipo de empresa você gostaria que fizesse companhia à TAM, TAM Viagens e vários parceiros que vêm por aí. Participe.

TAM TAM VIAGENS ...

Suas compras do dia a dia
podem ser o ponto de partida
para uma viagem internacional.
Aqui você soma pontos em uma imensa rede de parceiros e troca por destinos nacionais e internacionais TAM, além de muitos outros através de companhias aéreas parceiras. E você também troca pontos por roteiros turísticos TAM Viagens. Logo seus pontos TAM Fidelidade também farão parte de uma grande rede de programas de fidelidade: o Multiplus Fidelidade. Aguarde.
multiplus
fidelidade
Para mais informações, acesse tam.com.br
Cosméticos e perfumaria
Hotelaria
Cafeteria e restaurantes
Telefonia
Moda e acessórios
TAM
FIDELIDADE
15 ANOS

Clube da Luta de David Fincher

Obra-prima de David Fincher ainda diz muito sobre quem somos nós

O pessoal da Fox me chamou para assistir a *Clube da Luta* assim que a cópia do filme chegou ao Brasil. Era mais um menos um mês antes de sua estreia nos EUA, e naquela altura eu já havia lido tudo que você puder imaginar sobre o longa – menos o livro em que ele se baseia, de Chuck Palahniuk. Chegamos ao cinema, 10 da manhã. Luzes apagadas. Dust Brothers. Sabonete. Bob Paulson. Pitt e Norton. Pixies... Duas horas depois, o sol do meio-dia não aquecia as ideias. Eu estava chocado, perplexo, mil perguntas passavam pela mente. "Será que eu acabei de ver o filme mais importante dessa geração?" era a primeira, seguida de "uma grande corporação como a Fox bancou um filme que, entre outras coisas, desdenha da existência das corporações?". *Clube da Luta* não é um filme de respostas fáceis. Diabos, nem sequer é um filme sobre respostas! Talvez seja sobre nosso papel na sociedade atual, consumista, fútil, oca – e como nos acomodamos a ela. Por outro lado, pode também ser um retrato de nossa letargia, de como não agimos, mas só reagimos aos estímulos escancarados em nossa frente. Raspando toda teoria da frente, ainda é um filme excepcional, uma paulada de perfeição técnica, atuações icônicas e uma química tão absurda dos protagonistas, Brad Pitt e Edward Norton, que só posso lamentar que nesses dez anos eles não tenham mais dividido a cena. Por falar em tempo, uma década depois e as ideias de *Clube da Luta* continuam mais atuais do que nunca – o assustador é que nosso retrato talvez esteja ainda pior, mais insensível, menos esperto, mais apático... continuamos tão anônimos quanto o Narrador sem nome interpretado por Norton. Será que a gente precisa sair no braço com estranhos para... sentir alguma coisa? Será que essa briga só existe em nossa mente? A gente nunca vai saber. Afinal, a primeira regra do Clube da Luta é não falar sobre o Clube da Luta.

ROBERTO SADOVSKI

FOTO: DIVULGAÇÃO

Narrador: Tyler, que merda tá acontecendo aqui?
Tyler Durden: Eu te peço uma coisa, uma coisinha de nada...
Narrador: Por que as pessoas pensam que eu sou você? Responde!
Tyler Durden: Senta.
Narrador: Agora me responde, por que as pessoas pensam que eu sou você.
Tyler Durden: Eu acho que você sabe.
Narrador: Não sei, não.
Tyler Durden: Sim, você sabe. Como é que alguém poderia me confundir com você?
Narrador: Uh... Eu... Eu não sei.
Tyler Durden: Sacou?
Narrador: Não.
Tyler Durden: Fala.
Narrador: Porque...
Tyler Durden: Fala!
Narrador: Porque somos a mesma pessoa.
Tyler Durden: É isso aí."

Será que o futuro é mesmo a telinha? Depois da série pela HBO anunciada por Martin Scorsese (*Boardwalk Empire*, com Steve Buscemi), é a vez de Spike Lee e **Robert De Niro** trilharem o caminho do cabo. Os dois vão trabalhar em *Alphaville*, série ambientada nos anos 1980 em Alphabet City, a parte de Nova York entre as avenidas A e D. Lee deve dirigir o piloto, mas De Niro até o momento só está envolvido como produtor.

Hugh Jackman quer rodar o segundo *Wolverine* no Japão. Magneto ainda está na fila para ganhar seu filme. E o ator Tim Pocock, que interpreta o jovem Ciclope em *X-Men Origens: Wolverine*, entregou em seu Twitter que **X-Men: First Class**, mostrando a primeira turma de mutantes na escola de Charles Xavier, deve ser filmado em 2010. A Fox ainda não confirmou.

Mais super-herois? **Woody Harrelson** será o protagonista da comédia *Defendor*, que mostra um sujeito que pensa ter poderes defendendo sua cidade.

Problema bom

São Paulo e Rio de Janeiro preparam suas maratonas para deixar cinéfilos bem servidos com o melhor do cinema mundial

Aberta a temporada dos grandes festivais de cinema no Brasil: deste mês até novembro, a Mostra Internacional em São Paulo e o Festival do Rio oferecem um enorme número de títulos, deixando cinéfilos sem fôlego atrás de ingressos para as melhores sessões.

Com média de 400 títulos em cada edição, o Festival do Rio (*de 24 de setembro a 8 de outubro, www.festivaldorio.com.br*) e a Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (*de 23 de outubro a 5 de novembro, www.mostra.org*) dividem a atenção de quem gosta da sala escura. A maior das atrações chega à capital carioca: é o diretor Quentin Tarantino, que volta ao país para o lançamento de *Bastardos Inglórios* – na década passada ele esteve na Mostra, então como estreante, trazendo *Cães de Aluguel* para São Paulo. Já a edição 2009 da Mostra recebe neste ano como convidada de honra a diva francesa Fanny Ardant, que, além de estrear como diretora em *Cinzas e Sangue* (*Cendres et Sang*), também estará no novo longa-metragem de Tsai Ming-Liang, *Visage*, sobre um cineasta de Taiwan que viaja à França para filmar no Museu do Louvre.

Para quem faz cinema no Brasil, os prêmios oferecidos pelos dois festivais são um chamariz à parte. Neste ano, o Festival do Rio e a Mostra de São Paulo dividirão exibições de inéditos de diretores como Suzana Amaral (*Hotel Atlântico*), Karim Aïnouz e Marcelo Gomes (*Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo*), Marco Ricca (*Cabeça a Prêmio*) e Paulo Machline (*O Natimorto*), que competirão pelo Troféu Redentor, prêmio do Festival do Rio, e pelo Troféu Bandeira Paulista, da Mostra.

A seleção oficial para 2009 inclui também o vencedor da Palma de Ouro, *A Fita Branca*, de Michael Haneke, e o ganhador do Prêmio Especial do Júri em Sundance, *Humpday*, de Lynn Shelton. A Mostra anunciou até o fechamento desta edição que exibiria *À Procura de Eric*, de Ken Loach; a primeira animação de Wes Anderson – *O Fantástico Sr. Raposo* –; *Aconteceu em Woodstock*, de Ang Lee; e o esperado *O Imaginário do Dr. Parnassus*, filme que Heath Ledger rodava quando morreu. Vale a correria.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Fazendo a festa: *Aconteceu em Woodstock*, de Ang Lee, e *O Imaginário do Dr. Parnassus*, de Terry Gilliam, último filme com Heath Ledger, serão exibidos entre São Paulo e Rio de Janeiro

BELO HORIZONTE E PORTO ALEGRE TAMBÉM ABRIGAM FESTIVAIS

Ente 15 e 20 de outubro, Belo Horizonte recebe a Mostra CineBH (www.cinebh.com.br), desenhada em cima do ano da França no Brasil, com a exibição de filmes franceses e convidados do país para dialogar com a plateia – as sessões são gratuitas. Além da conexão com a França, o CineBH também homenageia a produtora O2, que de *Domésticas – O Filme* a *Ensaio sobre a Cegueira* ajudou a firmar o novo cenário do cinema brasileiro. Já a capital gaúcha apresenta a sexta edição do CineEsquemaNovo – Festival de Cinema de Porto Alegre (www.cineesquemanovo.org), com mostras competitivas, sessões comentadas com a participação de diretores e outras atividades. O evento acontece entre 17 e 24 de outubro com quatro filmes na mostra de longas (*A Casa de Sandro*, de Gustavo Beck; *Loveless*, de Cláudio Gonçalves; *Ressaca*, de Bruno Vianna; e *Praia do Futuro*, uma colaboração de 18 realizadores) e apresentação de curtas realizados em todos os formatos audiovisuais.

Planeta vingador

O subgênero eco-horror retrata uma mãe natureza enfurecida com as ações de seus atrevidos filhotes humanos. Controle suas emissões de carbono! Você pode estar andando sobre o seu predador!

Casal em crise se perde em praia inóspita na Austrália. De casa ao acampamento high-tech, bichinhos são atropelados, incêndios florestais iniciados, sacolas plásticas jogadas pela estrada e madeira cortada sem necessidade. Súbito, o jogo se inverte, e vegetação, mares, animais e ventos conspiram para trucidar e enlouquecer os invasores. Esse é o enredo de *Long Weekend* (Colin Eggleston, 1978), que ganhou uma refilmagem milionária, com direito à direção de Jaime Blanks (*Lenda Urbana*, *Valentine*) e estrelando Jim Caviezel, dessa vez num papel, como diz a gíria, "nada católico". Não é de hoje que o cinema de horror é dos primeiros a metaforizar os medos contemporâneos. George A. Romero, em seus 40 anos de zumbis, sempre pontuou seus filmes com fortes entrelinhas políticas – criticou a Guerra Fria, o consumismo, os experimentos com animais e a administração Bush. Era um discurso que, a seu modo, falava de preservação e (quem diria?) sustentabilidade.

O assunto aqui, porém, não é educação ambiental. Que a natureza se vinga, nós já sabemos. O que queremos ver é como. E nossa pesquisa mostrou histórias em que ela é implacável! Alfred Hitchcock, por exemplo, soltou *Os Pássaros* pra cima da gente! Baseado em uma novela de Daphne Du Maurier sobre um ataque de aves a uma cidade na Cornuália, o filme foi transposto para a baía de San Francisco. A pesquisa para o roteiro compilou o relato devastador de um ataque semelhante, em 1961, nos arredores de Capitola, na Califórnia. A razão foi justificada por um exame em espécimes que morreram durante o incidente: o laudo que acusou contaminação sanguínea por ácido domóico, uma neurotoxina ingerida na água poluída da região, e que disparou a ira dos penosos. Se a fúria com que desceram na realidade foi minimamente semelhante à com que atacaram Tippi Hedren na fita de 1963, pode-se deduzir que estrago por lá foi enorme!

***Os Pássaros*, de Hitchcock: precursor do horror ecológico**

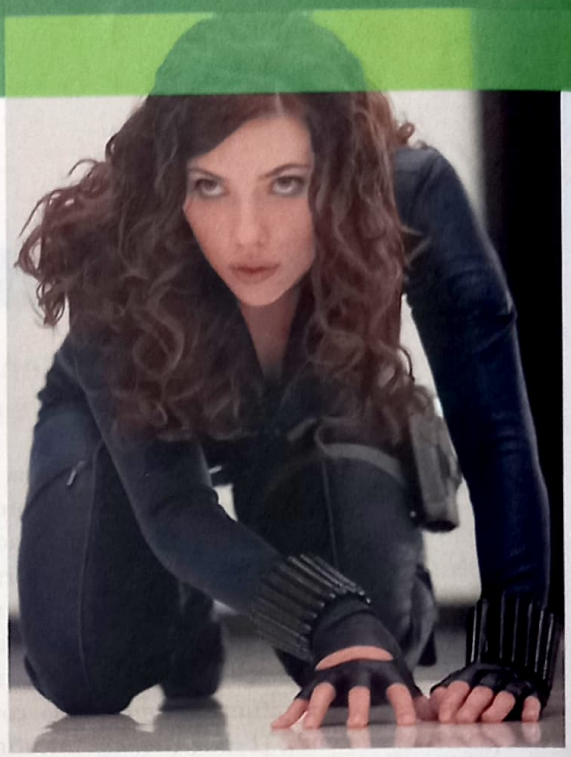
E o que dizer do aquecimento global? Eu aprendi o que é permafrost (solo à temperatura de congelamento da água ou inferior, por um período de dois ou mais anos) num filme de horror. Aprendi também que não só o dito está derretendo demais, mas que sua liquefação liberará bestas arcanas, guardadas há milênios pelo gelo do Ártico. Pelo menos é esse o aviso amigo de *The Last Winter* (2006), thriller dirigido pelo ator/produtor/diretor americano Larry Fessenden (*Wendigo*, *Habit*). O filme, visualmente deslumbrante, foi rodado na Islândia e conta com o celebrado ator Ron Perlman (*Hellboy!*) no papel de um prospector de petróleo ganancioso e autoritário.

Você ainda não sujou suas mãos de petróleo, eu sei, mas, provavelmente, já matou algumas formiguinhas. Bem, comece a olhar por onde anda, depois de assistir ao genial *Phase IV* (1974), dirigido por Saul Bass (o artista gráfico por trás de grandes aberturas do cinema, como as de *O Homem do Braço de Ouro*, *Um Corpo que Cai* e *Psicose*). Nessa competente ficção científica, uma infestação de formigas no deserto do Arizona prova-se não só um sinal de instabilidade natural, mas de uma perigosa evolução. Utilizando imagens magníficas da rotina das formigas em seu hábitat, Bass logrou retratá-las como predadoras mais convincentes que os aliens de *Independence Day*.

E o Brasil? Pelo jeito aqui as coisas andam bem! Ledo engano... Nos pântanos de Guarapari, no Espírito Santo, a terra castigada pela podridão despojada nos rios revolta-se e purga sua morte na forma de... ZUMBIS! O filme é *Mangue Negro* (Rodrigo Aragão, 2008). O realizador, que vive na região onde o longa foi rodado, conta que a ideia veio do testemunho da devastação em primeira mão: "Aqui sempre foi um lugar rico em recursos naturais. Era comum pescar cavalos-marinhos e grandes peixes. Lamento dizer que, devido à pesca predatória, minha filha de 10 anos nunca viu um cavalo-marinho. E o mangue que ela herdou recebe grande parte do esgoto de Guarapari". *Mangue Negro* é uma das obras que representam a ressurgência do terror no Brasil, e vem arrebatando prêmios em diversos festivais. Fique de olho! A natureza agradece? Não. Você é quem agradece!

O roteirista e diretor Dennison Ramalho escreveu *Encarnação do Demônio* e dirigiu o curta *Amor Só de Mãe*

Scarlett Johansson



FRANCOIS DUHAMEL/PARAMOUNT

Não é fácil impressionar um bando de jornalistas marmanjos depois de um papo com Megan Fox, mas Scarlett Johansson dá um sorriso e a lembrança da estrela de *Transformers* vira poeira. Duvida? Então pergunte aos quase 7 mil fãs que aplaudiram a atriz quando ela apresentou, ao lado dos colegas de elenco e do diretor Jon Favreau, as primeiras imagens de *Homem de Ferro 2* durante a Comic Con em San Diego: se já não bastasse a empolgação em ver um pedaço da continuação de um dos filmes de super-heróis mais sensacionais já criados, a visão de Scarlett como a Viúva Negra (*que você vê nesta página, claro*) arrebentando um coadjuvante incauto causou um silêncio coletivo, acompanhado de aplausos entusiasmados. Depois de enfrentar a multidão, a atriz de 24 anos conversou com SET sobre como foi entrar no time de Tony Stark, o treinamento, as lutas e, claro, os fãs.

Como é fazer parte desse clube, entrar numa equipe estabelecida com o primeiro filme?

Eu achei que seria mais complicado, principalmente por ter conseguido o papel sendo fã do primeiro *Homem de Ferro*. Tive uma reação meio nerd mesmo, que continuou nos primeiros dias no set. Mas na prática foi o contrário, já que como 80 por cento da equipe era a mesma, eu senti certo conforto, mesmo que a escala seja assombrosa. O clima era mesmo de um filme pequeno. Foi bacana, me receberam de braços abertos.

Se a Viúva Negra que você interpreta no filme for minimamente semelhante com a dos quadrinhos, não acredito que as filmagens tenham sido muito tranquilas...

Ah, é parte de como você encara um papel. Com uma personagem assim, não é só fazer uma cena de ação, é criar uma cena de ação em que tudo é exagerado, em que tudo pareça super-humano – mesmo que ela não tenha poderes. Mas eu acredito que um papel assim deva ser encarado como o de qualquer outro filme, seja sutil, seja menor, porque a dedicação é a mesma. E é questão de acreditar no que você faz, é acreditar que esses mundos, embora diferentes, sejam de reais.

O que você mais gostou na personagem?

Tudo! (*risos*) Aquele traje espetacular, os cabelos maravilhosos... Ela é durona, não tem o que não gostar, sério! Sem falar que ela é determinada e ambiciosa. E também é uma personagem misteriosa, eu gosto de alguém que não mostra tudo que é de cara. Ela é surpreendente.

Então, como atriz não é difícil dizer que você também se sente mais forte, mais em controle... Principalmente com todo o treinamento físico, a pressão em seu corpo. Não deve ser difícil sair de um personagem assim com mais segurança...

É verdade, eu me sinto mesmo mais forte do que eu nunca estive. Eu tive de desenvolver músculos que nem sabia que tinha... (*risos*) O trabalho físico também serve para dar mais estabilidade, mais equilíbrio, flexibilidade... Eu faço boa parte de minhas próprias cenas de ação. O trabalho começa muito antes de o filme começar a ser rodado.

Alguma das cenas mais perigosas te deixou hesitante?

Hummm... A Viúva participa de muitas lutas marciais, vários estilos... Acho que o mais complicado são as cenas com os cabos, a pressão no corpo para fazer que os movimentos sejam perfeitos é extenuante. É frustrante quando a gente não consegue fazer algum movimento... e daí a gente faz de novo até conseguir... Provavelmente eu nunca mais serei capaz de virar meu pescoço para a esquerda, mas tudo bem (*risos*).

Quer dizer que agora você consegue se virar bem numa luta?

Por que, você quer me desafiar? (*gargalhadas*)

Você consegue ver a Viúva Negra como parte deste universo expandido que a Marvel está construindo além de *Homem de Ferro 2*?

Eu espero que sim! A personagem com certeza continua, ela é parte dos Vingadores – ela chegou a ser seu líder! Sei que ela fará parte desse filme, e é o modo como a Marvel está desenvolvendo cada um dos filmes. Muito depende da resposta dos fãs, se eles vão gostar dela a ponto de pedir mais.

Aqui na Comic Con, os fãs são onipresentes... Eles te assustam?

Assustar? Não, de maneira alguma! É muito bacana! As perguntas que eles fazem são elogiosas e muito divertidas. Eu acho o máximo entrar numa sala e sentir uma energia positiva, uma empolgação genuína. A gente acabou de filmar, menos de duas semanas atrás! Quem mais consegue ter esse tipo de reação em tão pouco tempo?

ROBERTO SADOVSKI ■

JOHNNY
DEPP
PUBLIC
ENEMIES
CHRISTIAN
BALE
MARION
COTILLARD
R
SUMMER 2009
WWW.PUBLICENEMIES.NET

THE FUTURE BEGINS
STAR TREK
MAY 8

STAR TREK

(EUA, 2009)

Direção: J.J. Abrams. **Roteiro:** Roberto Orci e Alex Kurtzman, baseado na série de TV criada por Gene Roddenberry. **Produção:** J.J. Abrams, Damon Lindelof, David Witz. **Direção de fotografia:** Dan Mindel. **Desenho de produção:** Scott Chambliss. **Direção de arte:** Curt Beech, Dennis Bradford, Luke Freeborn, Beat Frutiger, Gary Kosko. **Figurino:** Michael Kaplan. **Edição:** Maryann Brandon e Mary Jo Markey. **Música:** Michael Giacchino. **Estúdio:** Paramount Pictures, Spyglass Entertainment e Bad Robot

150
milhões de dólares, o mais caro de todos os *Star Trek*

SINOPSE

A espaçonave Enterprise, em seu voo inaugural, enfrenta um grupo de romulanos deslocado no tempo liderados por Nero. Ao mesmo tempo, forja-se o laço entre os cadetes dessa primeira viagem, principalmente (e relutantemente) Kirk e Spock.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

James T. Kirk: Procurando o sentido de sua vida, Kirk é convencido a se alistar na Frota Estelar, e logo se vê enfrentando os responsáveis pela morte de seu pai duas décadas antes.

Spock: Filho de um vulcano e de uma humana, Spock está em conflito com sua herança, mas precisa colocar esses sentimentos de lado para salvar a Enterprise em sua maior crise.

Spock Prime: Deslocado no tempo, Spock volta ao passado e é indiretamente responsável pela criação de uma realidade alternativa, em que seu planeta é destruído e ele co-existe com seu eu mais jovem.

Nero: Após testemunhar seu mundo ser consumido por uma supernova, Nero volta ao passado disposto a aniquilar a Federação dos Planetas e o mundo de quem ele culpa por sua perda: Spock.

Leonard "Bones" McCoy: Amigo de Kirk quando ambos se alistaram na Frota Estelar, McCoy é o cínico que equilibra o laço entre seu parceiro e o vulcano, que não se bicam...

Cap. Christopher Pike: Comandante original da Enterprise, Pike enxerga em Kirk as qualidades para devolver à Frota o tipo de liderança ousada que se perdeu.

CURIOSIDADES

■ O diretor J.J. Abrams assinou para dirigir *Star Trek* quando estava trabalhando em *Missão Impossível III* ■ A data de lançamento mudou do Natal de 2008 para o verão americano de 2009 quando os executivos do estúdio viram o filme e acreditaram em seu potencial numa temporada mais lucrativa ■ Com 258 milhões de dólares arrecadados nos EUA (e 130 milhões no resto do mundo), é a maior renda da série ■ O capitão Pike, personagem de Bruce Greenwood, foi o protagonista de um piloto rejeitado de *Star Trek* em 1966. Quando um segundo foi feito, ele foi substituído pelo capitão James Kirk ■ O ator e diretor Tyler Perry, da série de filmes protagonizados pela personagem Madea, faz uma ponta – é seu primeiro filme fora de seus projetos ■ Zoe Saldana interpretou uma fã de *Star Trek* em *O Terminal*, de Steven Spielberg ■ Zachary Quinto só encontrou o Spock original, Leonard Nimoy, minutos antes de eles encararem 7 mil fãs da série na Comic Con de 2008. Eles se tornaram grandes amigos

DATA DE ESTREIA

6 de abril de 2009 (prémiere em Austin, Texas)

James T. Kirk
(Chris Pine)

Spock
(Zachary Quinto)

Spock Prime
(Leonard Nimoy)

Nero
(Eric Bana)

Bones
(Karl Urban)

"Vida longa e próspera"
Spock

INIMIGOS PÚBLICOS

(*Public Enemies*, EUA, 2009)

Direção: Michael Mann. **Roteiro:** Ronan Bennett, Michael Mann e Ann Biderman, baseado no livro de Bryan Burrough. **Produção:** Michael Mann e Kevin Misher. **Direção de fotografia:** Dante Spinotti. **Desenho de produção:** Nathan Crowley. **Direção de arte:** Wiliam Ladd Skinner. **Figurino:** Colleen Atwood. **Edição:** Jeffrey Ford e Paul Rubell. **Música:** Elliot Goldenthal. **Estúdio:** Universal Pictures, Relativity Media, Tribeca Productions, Appian Way

31
era a idade de Dillinger quando morto

SINOPSE

Nos anos 30, quando o crime atingiu níveis alarmantes nos EUA, o FBI criou uma força-tarefa para capturar o gângster John Dillinger, que se tornou uma das maiores celebridades da primeira metade do século 20.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

John Dillinger: assaltante de bancos, Dillinger tornou-se uma celebridade por seus roubos ousados, fazendo com que o FBI começasse uma caçada humana sem precedentes para pegá-lo

Melvin Purvis: designado para capturar o criminoso depois de ter matado outro bandido, Pretty Boy Floyd, Purvis criou uma força-tarefa e arquitetou a primeira prisão do assaltante

Billie Frechette: garçonete que se apaixona por Dillinger, ela foi usada como isca pelo FBI em sua captura, já que se tornou uma constante em sua vida.

J. Edgar Hoover: o chefão do FBI usou Dillinger como exemplo de sua administração, em que os agentes passaram a ser tão implacáveis e violentos quanto os bandidos que perseguiam.

John "Red" Hamilton: braço-direito de Dillinger, Red sempre foi a voz da consciência que mantinha o parceiro com os pés no chão. Mas não dá para usar a razão com um homem apaixonado...

CURIOSIDADES

■ Boa parte das locações escolhidas por Michael Mann foram os lugares onde os eventos mostrados no filme realmente aconteceram – o tiroteio no Little Bohemia Lodge, em Winsconsin, foi filmado na mesma floresta, em que até hoje é possível encontrar cápsulas das balas disparadas ■ A morte do gângster Baby Face Nelson em *Inimigos Públicos*, porém, é totalmente fictícia: ele não morreu em um tiroteiro em plena luz do dia, e sim na cama, de ferimentos mortais, meses depois da morte de Dillinger ■ Quando o corpo de Dillinger estava na calçada, vários transeuntes recolheram seu sangue com lenços como um suvenir ■ O cinema em que ele estava pouco antes de ser morto pelo FBI, o Biograph, de Chicago, é mostrado pelo personagem de John Cusack em *Alta Fidelidade* ■ Embora o Biograph ainda esteja no mesmo lugar, seu interior não é mais como um cinema dos anos 1930 – as cenas internas foram rodadas em uma sala similar, o Paramount Theater da cidade de Aurora. ■ Dillinger e outros assaltantes tinham boas relações com a máfia de Chicago – Al Capone os admirava e lhes dava proteção. Quando Capone foi preso e Frank Nitti assumiu os negócios, os assaltantes passaram a ser malvistos pela atenção que eles chamavam da polícia ■ Billie Frechette casou-se duas vezes depois da morte de Dillinger, e morreu de câncer em 1969.

DATA DE ESTREIA

24 de julhode 2009 (Brasil)

John Dillinger
(Johnny Depp)

Melvin Purvis
(Christian Bale)

Billie Frechette
(Marion Cotillard)

J. Edgar Hoover
(Billy Cudrup)

Red
(jason Clarke)

"Eu gosto de beisebol, filmes, boas roupas, uísque, carros velozes... e de você. O que mais você precisa saber?"
John Dillinger

França.Br 2009

Confira a programação:
anodafrancanobrasil.cultura.gov.br

Os perfumes franceses você já conhece

Mas tem uma outra França que você nem imagina

ANO DA FRANÇA NO BRASIL. A FRANÇA MUITO ALÉM DO QUE VOCÊ IMAGINA.

Em 2005, a França dedicou um ano ao Brasil. Agora, em 2009, é a nossa vez de retribuir. **De 21 de abril a 15 de novembro,** acontecem centenas de eventos em todas as regiões brasileiras para mostrar a riqueza e a diversidade da França contemporânea. Espetáculos, shows, exposições, palestras e debates proporcionam uma grande oportunidade para fortalecer ainda mais a parceria entre os nossos países nas áreas de economia, tecnologia e cultura. Participe.

Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. A Webjet não apenas voa para todas essas cidades como oferece excelente espaço entre as poltronas, ótimo serviço de bordo e tarifas superpromocionais. Tudo para conectar você a sua família, a seus amigos e a seus negócios também.

Acesse webjet.com.br ou consulte seu agente de viagens preferido.

Agora conectando o
aeroporto Santos Dumont
com as principais
cidades brasileiras.
webjet
conecte-se

GÃES DE GU

POR VÁRIOS ANOS, *BASTARDOS INGLÓRIOS* FOI O ROTEIRO NÃO ESCRITO MAIS ESPERADO DE QUENTIN TARANTINO. ENTÃO, O FILME GANHOU VELOCIDADE. NUMA VISITA ÀS FILMAGENS SEM COMPARAÇÃO, **SET** REVELA A GÊNESE DO ÉPICO DE GUERRA QUE O CINEASTA PROMETE SER "UMA NOITE NO CINEMA DO CACETE!"

POR DAMON WISE

UERRA

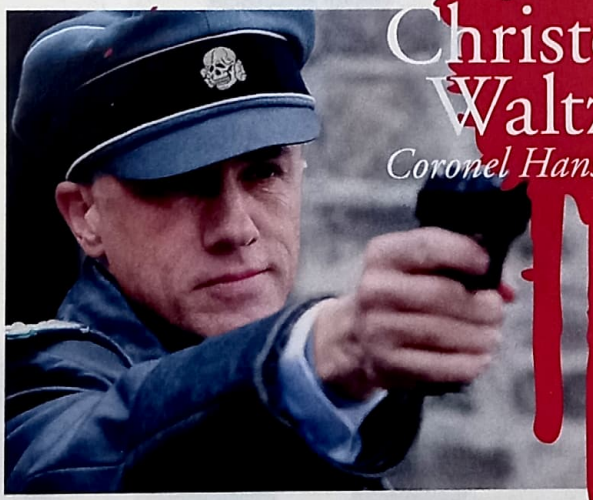
Bastardos Inglórios

"Oh, meu Deus, está nevando lá fora. Está nevando lá fora!" Lawrence Bender olha pela porta aberta e observa uma escada, onde homens uniformizados de nazistas e mulheres com chapéus e ternos elegantes dos anos 1940 estão reunidos para fumar. Bender, produtor e parceiro de Quentin Tarantino desde Cães de Aluguel, *tem razão em se sentir maravilhado. Estamos nos primeiros dias de dezembro de 2008 e Bender acaba de se tocar que faz apenas cinco meses desde que seu velho amigo ligou para falar sobre o roteiro que havia terminado de escrever naquele momento. O roteiro que Tarantino passou uma década falando que iria filmar. Aquele que ninguém pensava que o cineasta iria de fato filmar. Aquele que nem mesmo Bender pensava que o cineasta iria filmar. E, mesmo assim, Quentin Tarantino repentinamente estava do outro lado da linha, em pleno 4 de Julho, todo empolgado, não apenas com o script pronto, mas com uma pergunta urgente: "Você acha que poderíamos fazer isso a tempo de Cannes?". Mas o 62º Festival de Cannes aconteceria em dez meses. Esse era o tempo que Tarantino teria para terminar* Bastardos Inglórios, *o filme mais ambicioso de sua carreira, aquele que seus colegas de balcão de locadora tiravam sarro, afirmando que ele nunca conseguiria rodar. Quando os dois amigos se encontraram para discutir o épico de guerra, Bender abriu um guardanapo e começou a fazer as contas. "Se vamos para Cannes, precisamos começar a pré-produção na segunda", adiantou o produtor. "Teremos mais ou menos 14 semanas para filmar, o que nos dá 14 semanas para a preparação e 13 semanas para a pós-produção. Podemos conseguir, mas será duro. O que estou falando é... Ninguém viu o roteiro ainda. Não temos um investidor. Nem mesmo temos um elenco!" Bender olhou diretamente para Tarantino. "Você está falando sério, Quentin?", perguntou. "Porque amanhã vou pegar o telefone e sua vida mudará. Não teremos como voltar." Tarantino sorriu e disse: "Tudo bem! Vamos fazer isso".*

Cinco meses depois, os dois estão aqui em Berlim, Alemanha. A dupla está aqui desde agosto e trouxe o circo todo: o diretor de fotografia, Robert Richardson; a montadora, Sally Menke e as outras produtoras, Pilar Savone e Erica Steinberg. Nesse tempo, eles contrataram um elenco de 60 atores, uma equipe técnica de quase 200 pessoas e tomaram conta do Babelsberg, o estúdio de larga escala mais antigo do mundo. Fritz Lang filmou *Metrópolis* aqui, em 1927, e Roman Polanski recriou o gueto de Varsóvia para seu *O Pianista* numa estrada que Tarantino agora transformou numa rua da Paris ocupada pelos alemães: a Rue D'Antin.

BASTARDOS FOI RODADO NO ESTÚDIO BABELSBERG, EM BERLIM, ONDE FRITZ LANG FILMOU *METRÓPOLIS*

Hoje, no entanto, Tarantino está em locação exterior numa filial do Café Einstein, remodelada para se transformar no famoso restaurante Maxim's. Usando uma camisa de caubói branca e preta, o diretor está nas filmagens quando SET chega ao local. Ainda são 9 horas da manhã, mas o ambiente está repleto de uma energia quieta de concentração. Se Quentin está sentindo qualquer tipo de pressão, ele não demonstra. Porém, pouco antes de ligar a câmera, o diretor explica que não existe pressão maior do que a dele mesmo para realizar *Bastardos Inglórios* – o mais falado de seus roteiros inacabados. "Senti assim também em relação ao filme", admite. "Se pensasse que não conseguiria fazer



Christoph Waltz é *Coronel Hans Landa*

QUEM É HANS? "O Caçador de Judeus. O que posso falar sobre ele? Bem, imagine que estou na posição de não precisar explicar nada, mas mostrar. Não vou falar sobre ele. Por que faria isso, se posso simplesmente convidá-lo para assistir?"

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "O que notei no primeiro dia de filmagem é que ele não manda você fazer nada, mas você termina fazendo exatamente o que ele quer. Ele não é um instrutor, mas um diretor. Mostra onde devemos ir. E você precisa ser muito idiota para não seguir isso".

FRASE PREFERIDA: "Eu gosto especialmente da frase: 'O trabalho de um Bastardo nunca está completo'".

Brad Pitt é
Tenente Aldo Raine

QUEM É ALDO? "Ele é do Tennessee, um tenente, e lidera esse grupo de guerrilha na França ocupada que está louco para chutar os nazistas para fora. No melhor estilo dos guerrilheiros."

LEMBRANÇA FAVORITA DE QT NO SET: "Eu estava realmente muito impressionado com a capacidade dele em reformular o filme ao mesmo tempo em que rodava. Ele é tão versado na linguagem de cinema que ele podia sentir quando começava a se cansar do próprio longa".

FRASE FAVORITA: "Ah, tenho várias. Mas a minha preferida é: 'Eles são a artilharia do ódio aos judeus, assassinos em massa, maníacos, e eles precisam ser destruídos'".

Michael Fassbender é *Tenente Archibald Hicox*

QUEM É ARCHIBALD? "Ele é um tenente, um soldado britânico. Mas não é um soldado supercool. Quentin falou para mim: 'Não estou procurando por Michael Caine no personagem – ele é um jovem George Sanders'. Ele parece uma estrela do cinema da década de 1940."

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "Acho que só o fato de ele estar ali! Não sei quantas vezes me belisquei. Quando eu estava com 18 anos, dirigi uma peça de teatro de *Cães de Aluguel* com meus amigos. E agora estou sendo dirigido por Quentin Tarantino".

FRASE FAVORITA: "O bar é no globo".

tão bem quanto eu estava imaginando, eu não teria feito. Mas eu sabia que precisava escrever. Sabia que precisava terminar aquele script – mesmo que não fosse filmá-lo – só para tirar de mim, para que eu pudesse colocá-lo de lado e partir para outra. Precisava subir naquela montanha para ver onde estava a outra montanha."

"EU QUERIA FAZER UM GRANDE FILME ANTES DO FIM DA DÉCADA, NÃO QUERIA ESTRAGAR TUDO", DIZ TARANTINO

Isso significa que Tarantino realmente pensou em não filmar *Bastardos Inglórios*? "Sim, de uma maneira que me libertasse. A ideia de não fazer o filme meio que me levou de volta a ele. Em determinado momento, pensei em transformá-lo em uma minissérie, porque existe uma história inteira que precisei cortar e serviria como uma 'prequel' se *Inglórios* der certo. Tinha histórias para 12 horas de duração. Até a estrutura dos episódios e essas coisas. Então, eu fiquei meio..."

Tarantino suspira e deixa os ombros caírem numa exagerada imitação de derrota. "Estava me preparando para sentar e fazer a série, então pensei: 'Sabe, vamos tentar mais uma vez em transformar isso em um longa. Só mais uma vez...'" O diretor abre um sorriso. "Acho que era a hora do filme. Mas eu também tinha uma intenção. Eu queria fazer um grande filme antes do fim da década. E não queria estragar tudo." Por muitos anos, o boato que percorria os corredores de Hollywood era de que Quentin Tarantino não sabia como acabar seu roteiro. Algo que ele gosta de esclarecer. "Não era que eu não soubesse como acabar", ressalta. "Você sabe o final de um roteiro quando se compromete a escrevê-lo. O que aconteceu nesses anos é que eu não conseguia parar de escrever. Era gigante. Não era um filme. E pensei: 'Quer dizer que agora sou grande demais para o cinema?'. Além disso, as séries televisivas ficaram melhores e o conceito de ver tudo em DVD se tornou uma ideia viável. Pensei muito sobre isso depois de *Kill Bill*." Por sorte, Tarantino recobrou os sentidos depois de jantar com o diretor francês Luc Besson e seu parceiro de produção. Tarantino descreveu como iria fazer a minissérie e o colega de Besson logo comprou a ideia. "Ele está certo, Luc. Seria uma forma incrível de fazer isso." Mas o francês suspirou. "Sim, eu sei. Mas estou desapontado", respondeu. Tarantino perguntou a razão e Besson não contou conversa: "Porque você é uma das poucas pessoas que me fazem ir ao cinema. Então, não queria ver você perder tanto tempo de sua vida em algo que posso assistir em casa." "Isso ficou na minha cabeça", confessa Tarantino. "E quando chegou a hora, eu falei: 'Vamos ver se consigo transformar isso em um filme.'" O resultado é um devastador épico ambientado na Segunda Guerra Mundial que divide o nome o mesmo título do filme de 1978,

Eli Roth é *Sargento Donny Donowitz*

QUEM É DONNY? "Ele é um judeu de Boston. É um fã do Red Sox, arruma um bastão e sai pedindo para todo mundo do bairro assinar com o nome de uma pessoa que estão preocupados na Europa. Ele leva o bastão e esmaga até a morte todos os nazistas que encontra pela frente".

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "O *calabash* – o cachimbo de Sherlock Holmes que o coronel Landa fuma. Um dia, olhei para Quentin e ele estava sentado no canto, lendo o roteiro e fumando aquilo. Eu falei: 'Quentin, vou lembrar de você desse jeito para sempre neste filme'".

DIÁLOGO FAVORITO: "Quando Landa faz um gesto para Bridget colocar seu pé sobre seu joelho. Também gosto de *'Attendez la crème'* e 'Eu adoro rumores!'. Mas acho que tudo leva àquele gesto. Quentin vai ficar furioso!"

dirigido por Enzo G. Castellari, mas nada mais – nem mesmo a grafia em inglês, *Inglourious Basterds*, propositadamente errada. O longa começa no interior da França e com uma explosão de violência chocante quando o sádico coronel Landa (Christoph Waltz), mais conhecido como o "Caçador de Judeus", dizima a família Dreyfus, com exceção da filha, Shosanna, que escapa para Paris, onde muda a identidade para se tornar gerente de um cinema particular. A segurança da moça é comprometida quando a sala é escolhida por Joseph Goebbels, o ministro do Povo e da Propaganda de Hitler, para servir de palco da prémiere de sua mais nova produção, *O Orgulho da Nação*. Nesse meio tempo, um grupo de assassinos judeus-americanos – conhecidos como Os Bastardos e liderados por Brad Pitt como o tenente Aldo Raine – foi solto atrás das linhas inimigas. Eles são contatados pelos britânicos, que têm um elaborado plano para matar Hitler no evento cinematográfico, juntando, assim, várias linhas narrativas num final ultraviolento. Mas se isso não parece muito com o trailer do longa é porque *Bastardos Inglórios* não é um simples longa sobre "homens e sua missão".

Para se preparar, tente assistir a *Desafio das Águias* (1968), no qual mais de 50 por cento da ação se concentra na dúvida se o personagem de Richard Burton é um agente duplo ou não. Ou, quem sabe, *Os Doze Condenados* (1967), um longa que utiliza dois terços do tempo em treinamentos e manobras no interior da Inglaterra antes de os soldados irem à guerra. Contudo, isso não significa que a Segunda Guerra Mundial é apenas um cenário sem importância. "Quando comecei a escrever, eu fiz zilhões de pesquisas",

Til Schwelger é *Sargento Hugo Stiglitz*

QUEM É HUGO? "Ele odeia nazistas e está numa missão para matá-los. É capturado por causa disso, mas é libertado pelos Bastardos e se junta ao grupo. É um cara legal."

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "A energia dele. Ele é louco e digo isso da melhor maneira. Ele é maluco e obcecado por atores. Você se sente incrivelmente seguro".

FRASE FAVORITA: "'Desta distância, sou um verdadeiro Fredrick Zoller'. Morri de rir quando li isso no roteiro".

Daniel Brühl é *Fredrick Zoller*

QUEM É HUGO? "Ele é o primeiro alemão agradável que aparece no filme. Quando Shosanna o encontra, ele já é um herói da propaganda nacional e isso só acontece porque ele matou 300 americanos na Itália sem querer."

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "Lembro que aquele canalha ficava tirando sarro de nossa língua, como qualquer americano! Ele estava sempre se divertindo e rindo. Quentin criou e ditou a atmosfera no set com sua energia e a maneira de tratar todo mundo".

FRASE FAVORITA: "Oh, Deus. São tantas... Eu simplesmente amo o personagem do coronel Landa. Algumas de suas cenas são horríveis de ver. Adoro as frases banais que ele fala, como: 'Antes que eu vá, posso pegar mais um copo de seu leite delicioso?'".

POR VÁRIOS ANOS, *BASTARDOS INGLÓRIOS* FOI O ROTEIRO NÃO ESCRITO MAIS ESPERADO DE QUENTIN TARANTINO

exagera o cineasta. "Principalmente, há essa história sobre uma tropa de negros que seria o segundo filme, caso eu conseguisse fazer esse primeiro. Mas o problema é que tudo que eu encontrava acabava parando no filme. De repente, aquilo estava virando uma lição de História. Quando voltei para o roteiro, vi que precisava saber sobre a vida na França ocupada, mas, fora isso e o que já havia pesquisado, fiz o novo script sem ler mais nada." Ele para por um segundo. "Eu não queria estar preso a nada a não ser pela criatividade."

A cena que está sendo filmada hoje é pequena, mas essencial. Shosanna (Mélanie Laurent) é levada para jantar por Fredrick Zoller (Daniel Brühl), um jovem atirador nazista que se apaixona pela mulher – sem saber das origens judaicas dela. O set está tão silencioso que mesmo o ruído mais baixo é incômodo. Numa pequena sala ao lado estão Tarantino, o diretor de fotografia e o assistente de direção se apertando numa mesa redonda, onde Zoller e Shosanna recebem a companhia de Goebbels (Sylvester Groth), sua amante (uma participação especial de Julie Dreyfus, de *Kill Bill*) e um membro da Gestapo (August Diehl). O cineasta convida SET para tomar uma posição atrás de Richardson no momento em que ele conversa com a menina da claquete. Em vez de números, as tomadas recebem nomes. A que estamos prestes a testemunhar será chamada de "Frederick Elmes", em honra ao diretor de fotografia de David Lynch.

Quando a (longa) cena termina, o assistente de direção agracia SET com um presente que todos ganham ao trabalhar com Tarantino. Se você é novo na área, o elenco e a equipe técnica são levados a acreditar que é seu aniversário e todos eles param para cantar parabéns. A vergonha é absolutamente dolorosa. As filmagens do cineasta são normalmente divertidas. Quando uma pessoa cai no sono, alguém tira foto dos dorminhocos com um vibrador púrpura e a obra de arte vai para o "Mural da Vergonha". Sempre há música tocando entre os *takes* (no cardápio de hoje, "Hocus Pocus", da banda holandesa Focus) e, quando a energia cai, Quentin pergunta "Vamos lá, de novo! Por quê??" para seus funcionários, que logo respondem: "Porque amamos fazer filmes!". O bom humor do diretor hoje está conectado parcialmente à cena, apesar da reunião aterrorizante de Shosanna. "Ah, acho essa sequência muito engraçada", diz Quentin. "Há muita comédia em todo o filme, mas essa é a cena mais 'Ser ou não Ser' do longa. Está ligada à situação de Shosanna, mas tudo ao redor da mesa é divertido. Perturbador em alguns momentos, mas divertido." Sylverster Groth, como Goebbels, está especialmente desconcertante, atacando os *takes* de diferentes maneiras até chegar ao auge na canção "I Wish I Were a Chicken", de Glückskinder (Lucky Kids), hit produzido pelo ministro em 1936. "Sempre fui fascinado pela ideia de Goebbels como um chefão de estúdio, algo que ele realmente achava ser. A maioria dos filmes era formada por comédias e musicais. Se você quiser ver nazistas marchando,

Melanie Laurent é *Shosanna Dreyfus*

QUEM É SHOSANNA? "Começamos o filme com ela jovem e assustada, porque vê a família ser morta pelos nazistas. Três anos depois, encontramos Shosanna em Paris, se escondendo em um cinema."

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "A mais bonita que tenho dele é no primeiro dia de filmagem, quando eu escapo dos nazistas, correndo por um campo coberta de sangue. Ele falou: 'Ação, Shosanna!', e correu ao meu lado! Ele estava exausto como eu".

FRASE FAVORITA: "E quero que você olhe bem para a cara do judeu que vai fazer isso!"

Diane Kruger é *Bridget von Hammersmark*

QUEM É BRIDGET? "Ela é uma estrela de cinema, mas também uma agente dupla. Quentin deixou claro que não queria transformá-la numa James Bond, então ela não é uma máquina de matar. Na verdade, ela é bem vulnerável."

LEMBRANÇA PREFERIDA DE QT NO SET: "Ele é bem falante. Você sempre sabe o que ele acha de você. Ele se senta próximo da câmera – não há monitor –, então fica encarando. No começo, foi um pouco perturbador. Paramos algumas tomadas na cena de La Louisiane porque ele estava rindo muito".

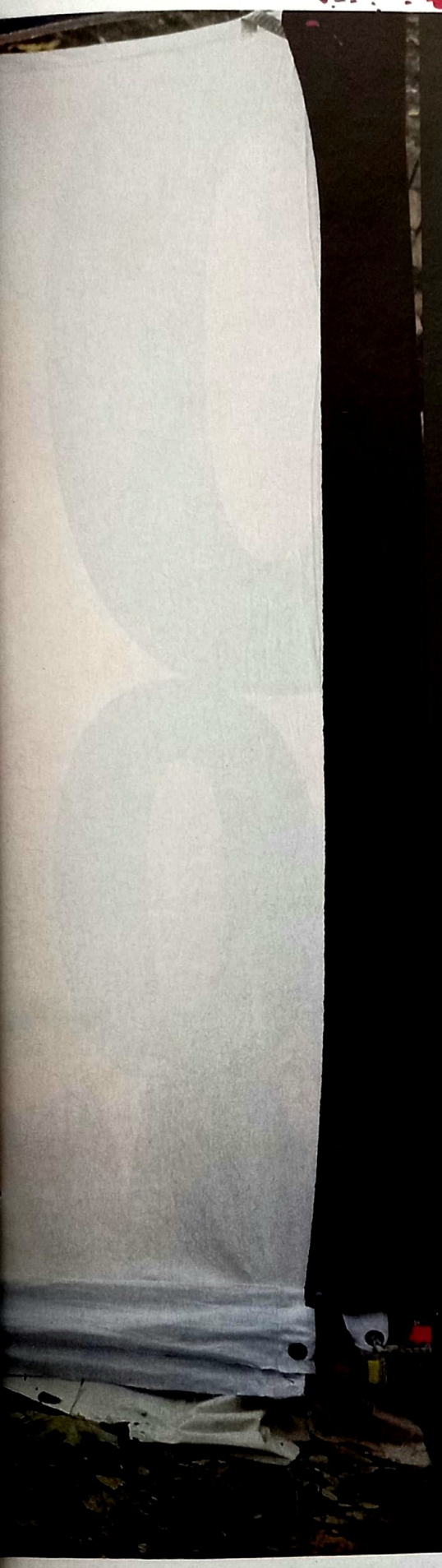
FRASE FAVORITA: "Quando eles estão comendo um strudel no Maxim's e Landa fala para Shosanna: *'Attendez la crème!'*".

precisa assistir a filmes de propaganda americana e britânica. Pense assim: se você morasse na Alemanha e tudo que soubesse da guerra viesse dos filmes, provavelmente nem mesmo saberia que havia uma guerra acontecendo." Outro gênero favorito de Goebbels, de acordo com Tarantino, era "filmes de Grandes Homens do Passado", o que pode explicar por que, em *Bastardos Inglórios, O Orgulho da Nação* é o longa de tributo a Zoller, que se tornou um ícone nazista ainda muito jovem. "O lance é: como o filme orbita em volta do cinema alemão sob o domínio do Terceiro Reich, acho muito interessante que ele trate da ideia de Goebbels, como um executivo de estúdio, realizando sua obra-prima e promovendo uma pré-estreia."

Originalmente, Tarantino ia dar a missão de acabar com a festa de Goebbels para Shosanna. "Mas eu comecei esse roteiro há muito tempo, antes mesmo de *Kill Bill*", explica. "Então, tudo aquilo de 'o poder da mulher' e a vingança foi feito com A Noiva. Quando reescrevi, era muito parecido. O resultado é que Shosanna ficou mais real." O cineasta, portanto, passou a tarefa para os Bastardos, que promovem uma trilha de escalpos e horror pela Europa, marcando a testa dos (raros) sobreviventes com uma suástica cortada à faca. "A ideia é que eles estão fazendo a resistência apache contra os nazistas", conta o diretor. "A ideia é entrar na mente dos nazistas e aterrorizá-los. Os Bastardos estão tentando ganhar uma guerra psicológica contra os nazistas. E para fazer isso precisava ser judeus."

Algumas pessoas podem dizer que Quentin Tarantino está no paredão similar depois do fracasso de *Grindhouse* – embora seu *À Prova de Morte* tenha sido um sucesso em certos países, como Alemanha e França (o longa permanece inédito no Brasil). Ele completou 46 anos há poucos meses e sua base de fãs não é mais tão leal assim. Mas, se ele está querendo provar algo, não aparenta. "Eu pareço um sujeito tentando fazer isso?", questiona. "Mas você perguntou algo mais cedo: 'Eu estou preocupado com a pressão e a expectativa em volta desde filme?'. Bem, eu estaria preocupado se não houvesse nenhuma expectativa. Quero grandes ideais, quero uma expectativa gigante. Eu vivo nessa área. Quero que as pessoas esperem uma obra-prima. Sempre almejo isto: conceber uma noite do cacete no cinema! E espero que este seja um de seus filmes preferidos."

"Na estante de todo mundo", adianta Tarantino. "Naquele bloco de madeira reservado para os DVDs, ao lado de *Scarface*, *Os Bons Companheiros*, *Pulp Fiction* e *Cães de Aluguel*...", pausa o cineasta. "Ali também estará *Bastardos Inglórios*."



Brad Pitt

Humor, birita e violência no mundo de Tarantino

"Você quer um café?" Brad Pitt parece que precisa de um. Estamos em um bar sem janelas de um hotel discreto, mas lindo, em Cannes, a dez minutos de seu costumeiro lugar de hospedagem, o luxuoso Hotel Du Cap. Seus óculos escuros estão na mesa. Ele está todo de preto, com uma camiseta de jogador de boliche e é todo sorrisos quando nos cumprimentamos. Sua linguagem corporal é interessante: se você imagina Pitt sendo um sujeito de poucas palavras, ele é surpreendentemente ágil nos movimentos. Algumas vezes, ele falha em responder a uma pergunta simples como: "Nos fale sobre seu personagem" ("Err, eu devo ter um botão que me desliga quando preciso falar sobre meu personagem"). E, às vezes, ele perde o trem do pensamento ("A questão é", suspira. "Tivemos uma noite incrível ontem. Estou realmente enferrujado.").

Estamos na manhã seguinte do début de *Bastardos Inglórios* em Cannes, recebido com aplausos de 11 minutos – seguido de uma festa na praia Baioli. "Essas festas funcionam para mim, mas são todas iguais", revela o astro. "Levo umas pessoas que quero agradecer e elas têm uma grande noite. Mas, para mim, é trabalho." Ainda assim, Pitt está feliz e empolgado com o filme. "É realmente absurdo", ele concorda. "De um modo absurdo e gostoso que só Tarantino sabe fazer." O ator diz que só viu o longa pela primeira vez ontem e ainda está chocado com a velocidade de seu diretor. "Sabe, só terminamos de filmar há três meses. Acho que Tarantino demorou tanto tempo para levar *Grindhouse* para às telonas que ele ficou chateado. Então, embora tenha levado oito anos para escrever *Bastardos Inglórios*, ele levou para os cinemas em oito meses, porque queria aproveitar essa energia que surge quando fazemos um filme. Quentin queria fazer e não ficar pensando e repensando. E você nota como ele ama o cinema a ponto de ser contagioso. É como uma religião."

Assim como toda a plateia em Cannes, Brad Pitt foi pego de supresa pelo senso de humor inesperado do longa. "No final", recorda. "Eu estava surpreso em como ficou engraçado. Quando fiz o filme, não tinha notado como era divertido." Como seu personagem não aparece em diversas linhas narrativas, não foi difícil para Pitt se surpreender com *Bastardos*. "Eu fiz meu trabalho. Enquanto isso, mulheres são estranguladas e as pessoas são baleadas", brinca o astro. Mas a colisão do roteiro com fatos da Segunda Guerra Mundial deixou um ar de dúvida em Pitt. "Acho que até a História é 'bastardizada' neste longa. Sou fanático por História e, mesmo assim, adorei", teoriza. "É um filme de Quentin Tarantino e isso tem seu próprio significado. Há certas licenças necessárias para entrarmos no mundo de Tarantino. Eu perguntei algo sobre isso para ele." O que ele falou? "Não lembro, porque estávamos muito bêbados na hora! Mas ele deve se lembrar. Ele lembra de tudo. Sei que aceitei o fato que ele apenas queria se divertir com os fatos. Fazer um cenário de 'o que aconteceria se...'."

Outro lado bom é que Brad Pitt finalmente pôde ver a pressão cair nas costas de outra pessoa, para variar. Depois de *O Curioso Caso de Benjamin Button*, o astro foi capaz de sentir a emoção de fazer parte de um time e não carregar todo o peso de um longa nos ombros. "Quando você topa fazer um filme, tenta quebrar o personagem, se desdobrar e analisar. Mas esta produção foi única. Foi como, depois de todos os anos de trabalho duro, se eu finalmente tivesse sido recompensado. O roteiro chega e é perfeito. Você anda e sabe exatamente o que fazer. Tem um grande sujeito na liderança. Só precisei desligar e correr junto..." ■

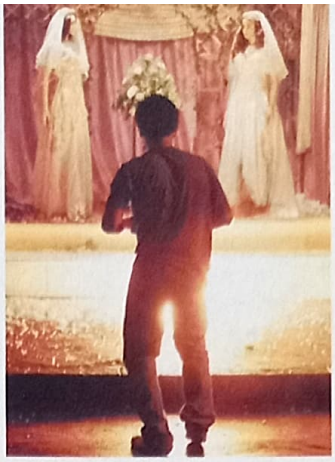
SÃO PAULO PARA!

Em *Salve Geral*, o diretor Sérgio Rezende concentra-se em um evento real e contemporâneo – o ataque do PCC à capital paulista – para criar uma história no coração da classe média brasileira

Chuva de fogo:
São Paulo vive o terror com os ataques do PCC em pleno Dia das Mães

Salve Geral

Fazer filmes inspirados em fatos e personagens da história brasileira não é novidade para Sergio Rezende. O diretor fez isso durante quase toda a carreira, em *O Homem da Capa Preta* (1985), *Lamarca* (1994), *Guerra de Canudos* (1997), *Mauá – O Imperador e o Rei* (1999) e *Zuzu Angel* (2006). Com *Salve Geral*, ele se aproxima pela primeira vez de um assunto tão próximo e contemporâneo, como em algumas grandes produções americanas e europeias. A ideia de fazer *Salve Geral* surgiu em setembro de 2006, três meses depois dos ataques da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) à cidade de São Paulo. Rezende estava dentro de um carro, em viagem a Minas Gerais. O cineasta havia acompanhado pela imprensa e pela TV todos aqueles acontecimentos. "O que mais me impressionou, de tudo que li e vi, foi a entrada em cena das mulheres no mundo do crime, com uma posição de força que eu nem suspeitava que elas tinham", disse ele à SET, durante as filmagens do longa. "Esta foi minha primeira intuição, construir o filme em torno dessas mulheres." A segunda decisão de Rezende foi ter como protagonista uma mulher de classe média. Assim nasceu Lucia, personagem de Andréa Beltrão, uma viúva que com o marido perde algumas posses e uma qualidade de vida incomparável. E o filho dela, Rafa, interpretado pelo estreante em cinema Lee Thalor, que lamenta a perda de poder aquisitivo e tem saudade da vida de irresponsabilidades. Lucia e Rafa são inteiramente ficcionais, assim como Xizão, HD, Tirso e Ângela, outros personagens envolvidos na trama.



FILME DE FICÇÃO

Salve Geral começa mesmo quando o rapaz se envolve em confusão e acaba preso. Condenado a passar alguns anos na cadeia, ele entra em contato com a criminalidade e começa a fazer parte da engrenagem invisível que move a comunidade carcerária. Ao mesmo tempo, a mãe dele faz de tudo para tirá-lo da prisão e acaba se envolvendo com células adormecidas do PCC. Pela natureza recente da história, Rezende convidou Patrícia Andrade para trabalhar no roteiro. Antes de estrear no cinema com *2 Filhos de Francisco*, escrito em parceria com Carolina Kotscho, ela trabalhou como jornalista. Ambos foram para São Paulo, entrevistaram policiais, jornalistas, promotores. E mergulharam alguns meses na pesquisa do material da imprensa. Mais do que fazer um documentário sobre aqueles ataques ou uma reconstituição do que aconteceu com os personagens centrais do episódio real, Rezende e Patrícia tinham claro que precisavam construir um filme de ficção, com liberdade para criar e fundir personagens, inventar situações, adaptar outras. Segundo escreveu o diretor sobre essa etapa do trabalho, mais do que "se deter sobre a tempestade, era preciso entender como ela se formou".

REALIDADE AMPLIADA

A dupla escreveu o primeiro tratamento, depois Patrícia se afastou para realizar outros trabalhos e Rezende seguiu até o último tratamento, ao longo de 2008, fazendo o que os roteiristas chamam de polimento final. "Do ponto de vista técnico, o desafio era equilibrar dramaticamente uma narrativa multifacetada, com quase 20 personagens importantes, divididos entre Lucia e o filho, os líderes da facção, a polícia, e a turma de Ruiva, uma criminosa que faz a ponte entre os dois mundos", escreveu o cineasta.

O roteiro final de *Salve Geral* era composto de 222 cenas, das quais cerca de dez não foram filmadas por conta de problemas de produção e outras dez foram abandonadas no "chão da sala de montagem". Por outro lado, de acordo com Rezende, a estrutura não foi alterada. As cenas foram montadas na mesma ordem em que foram escritas. Com seu novo trabalho, o diretor talvez inicie um ciclo e uma tendência que chega ao cinema brasileiro em um novo contexto: a ideia de comentar a realidade em que vivemos, sem medo de fazer uso da ficção e, em certa medida, do espetáculo que a tela grande proporciona. Equilibrar entretenimento de qualidade, reflexão e fazer um balanço sobre nosso "quintal".

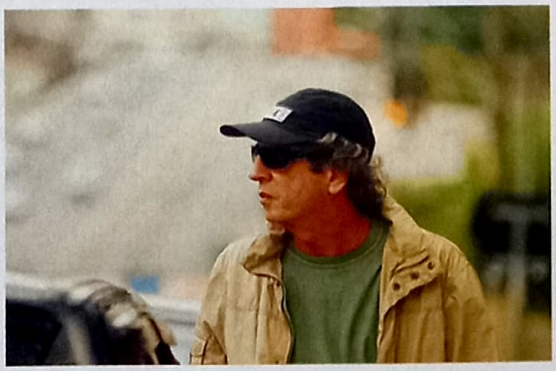
RUMO AO OURO...

No início de setembro, o Ministério de Cultura anunciou a lista preliminar dos dez filmes brasileiros que concorrem à indicação oficial ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 2010. Do total de 108 longas nacionais exibidos no primeiro semestre de 2009, uma dezena se apresentou para disputar a vaga – *Salve Geral* ficou entre os pré-selecionados. A Comissão Especial de Seleção está assistindo aos filmes concorrentes. Composta por Carlos Alberto de Mattos (crítico, RJ), Luiz Alberto Rodrigues (produtor, RS), Ivana Bentes (professora e pesquisadora, RJ), Carlos Gerbase (diretor, RS) e Luiz Gonzaga de Luca (exibidor, RJ), a comissão se reúne dia 18 deste mês, às 10h, no Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, para anunciar a produção escolhida para representar o Brasil na disputa por uma indicação ao prêmio de melhor filme de língua estrangeira. A cerimônia de entrega do Oscar será realizada no dia 7 de março de 2010, em Los Angeles. Os selecionados: ● **Besouro**, *de João Daniel Tikhomiroff. Com Aílton Carmo, Jessica Barbosa, Anderson "Grillo", Flávio Rocha e Irandhir Santos* ● **Síndrome de Pinocchio – Refluxo,** *de Thiago Moyses. Com Raphael Farias, Andrade Júnior, Clara Camarano, Hugo Rodas* ● **A Festa da Menina Morta**, *de Matheus Nachtergaele. Com Daniel de Oliveira, Jackson Antunes, Cássia Kiss, Dira Paes* ● **O Menino da Porteira**, *de Jeremias Moreira. Com Daniel, João Pedro Carvalho, José de Abreu, Vanessa Giácomo* ● **Se Nada Mais Der Certo**, *de José Eduardo Belmonte. Com João Miguel, Cauã Reymond, Caroline Abras, Luíza Mariani, Leandra Leal* ● **Budapeste**, *de Walter Carvalho. Com Leonardo Medeiros, Giovanna Antonelli, Gabriella Hámori* ● **Feliz Natal**, *de Selton Mello. Com Leonardo Medeiros, Darlene Glória, Graziella Moretto, Paulo Guarnieri, Lúcio Mauro* ● **Jean Charles**, de Henrique Goldman. Com Selton Mello, Vanessa Giácomo, Luís Miranda, Patrícia Arman ● **Salve Geral**, *de Sérgio Rezende. Com Andréa Beltrão, Denise Weinberg, Lee Thalor, Eucir de Souza, Kiko Mascarenhas* ● **O Contador de Histórias**, *de Luiz Villaça. Com Maria de Medeiros, Jú Colombo, Marco Ribeiro, Paulinho Mendes, Clayton Santos*

Selton Mello em *Jean Charles*

Amor de mãe: Lucia (Andrea Beltrão) conforta o filho Rafa (Lee Thalor) em uma ficção enraizada em acontecimentos reais

PARCERIA ACERTADA



O diretor Sergio Rezende comanda o set

Salve Geral é o terceiro trabalho em conjunto de Sergio Rezende com a Toscana Audiovisual, de Joaquim Vaz de Carvalho, que com o diretor realizou também *Mauá – O Imperador e o Rei* e *Zuzu Angel*. Aos 66 anos, este carioca tem uma história com o cinema brasileiro que se estende por três décadas. Produtor desde os anos 1970, quando iniciou uma parceria com o cineasta David Neves, Vaz de Carvalho produziu e participou do roteiro de *Muito Prazer* (1979), Candango de melhor filme no Festival de Brasília. Também com Neves produziu e escreveu *Luz del Fuego* (1982), com Lucélia Santos, ganhador de quatro prêmios em Brasília, e o documentário *Flamengo Paixão* (1980). Na década de 1980, produziu e colaborou com o roteiro de *Águia na Cabeça* (1984), de Paulo Thiago, e *Urubus e Papagaios* (1986), de José Joffily. A parceria com Rezende começa no fim dos anos 1990. Vaz de Carvalho se aproximou do cineasta e juntos desenvolveram o projeto de *Mauá – O Imperador e o Rei*, em que o produtor participou também do roteiro. Sete anos depois, colaboraram em outro drama histórico, desta vez sobre a famosa estilista Zuzu Angel, morta durante a ditadura militar. *Salve Geral* fecha a trinca, puxando a história em algumas décadas para criar uma trama original, inspirada nos ataques de maio de 2006 da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) à cidade de São Paulo – nesse mesmo período, Vaz de Carvalho realizou como produtor associado *Veneno da Madrugada* (2005), de Ruy Guerra. "Se fosse obrigado a mencionar apenas uma pessoa importante nesse percurso, seria com certeza David Neves", escreveu Rezende. "A mais brilhante, inteligente e mais instigante." ■

Eles estão entre nós

Com orçamento modesto, muita criatividade (e uma forcinha do produtor Peter Jackson), o diretor Neill Blomkamp fez da ficção científica *Distrito 9* um dos filmes mais espetaculares do ano

POR ROBERTO SADOVSKI DE SAN DIEGO

FOTO: DIVULGAÇÃO

Na linha do horizonte: Wikus Vem de Merwe (Sharlto Copley) observa a gigantesca nave alienígena que há 20 anos paira sobre o céu de Joannesburgo em *Distrito 9*

Os imigrantes chegaram a Joannesburgo, África do Sul, há cerca de 20 anos. O país ainda vivia sob o regime do apartheid, mas mesmo assim o governo deu as boas-vindas aos novos – ainda que temporários – moradores. Muitos estavam doentes e, para evitar uma epidemia e tratar os enfermos, os visitantes foram abrigados em um conjunto habitacional delimitado. E de lá não saíram. O isolamento se tornou uma espécie de campo de concentração. A convivência, de tolerável, tornou-se insuportável. O povo de Joannesburgo, mesmo depois do fim do apartheid, passou a pedir a retirada dos imigrantes de seu assentamento, batizado de Distrito 9. O local tornou-se uma favela, que logo abrigou crime, tráfico de drogas e outras atividades ilegais. Duas décadas depois de sua chegada inesperada, os visitantes se tornaram um incômodo, e agora chegou a hora de sua remoção – o que se torna ainda mais inflamável por se tratar da África do Sul. E o fato de esses visitantes serem criaturas alienígenas presas na Terra quando sua espaçonave surgiu nos céus de Joannesburgo não melhora a situação. Esse é o mundo esculpido pelo diretor estreante Neill Blomkamp na espetacular ficção científica *Distrito 9*, que honra o gênero por trazer uma brilhante metáfora do planeta em que vivemos hoje, escancarando um espelho em uma das regiões mais violentas e voláteis do globo que reflete a xenofobia e a segregação social daquela parte do mundo. Apesar da diplomacia postiça, *D9* finca os pés na realidade quando mostra que a linguagem que os governos do planeta geralmente usam quando têm de lidar com o que não conhecem – ou se apoderar do que cobiçam – é mesmo a força. Some esse contexto a efeitos digitais de ponta, integrados ao ambiente e à narrativa de forma tão natural, que eles deixam de parecer truques. Tudo isso pela bagatela de 30 milhões de dólares. Preço de uma comédia romântica em Hollywood. E sem astros no elenco.

ÁS NA MANGA

E pensar que, para *Distrito 9* existir, outro projeto teve de morrer: a adaptação do videogame *Halo*. "É o que acontece quando temos cozinheiros demais", conta Peter Jackson, que conduziu a versão para o cinema das aventuras do herói Master Chief e apontou como seu diretor um especialista em animação em 3D que, até então, havia comandado comerciais e curtas: Neill Blomkamp. Nascido em Joannesburgo (como não poderia deixar de ser), o sul-africano educado no Canadá chamou a atenção de Jackson por seu equilíbrio na habilidade em lidar com efeitos visuais, somada ao talento apurado em desenvolver personagens bem estruturados. Por seis meses ele trabalhou ao lado de Jackson em sua produtora na Nova Zelândia, Wingnut, atuando com arte conceitual e testes de efeitos especiais para trazer o mundo de *Halo*, um dos jogos de maior impacto cultural do novo milênio, para o cinema. Nesse período, Blomkamp dirigiu filmes promocionais para o lançamento do jogo *Halo 3*, e o impacto das imagens – cruas, realistas, integradas à realidade da série – deixou fãs entusiasmados e executivos do estúdio animados.

Então, Hollywood aconteceu. "Com um projeto desse tamanho, é normal que nem sempre todas as partes concordem", continua Jackson. "Nesse meio tempo, o interesse por *Halo* foi minguando, até que o estúdio colocou a produção na gaveta." Seis meses de trabalho e Blomkamp estava pronto para voltar para casa, sua grande chance adiada. "Mas gostamos de Neill, e queríamos trabalhar com ele", lembra o produtor. "Eu então perguntei se ele não tinha algum outro projeto na manga. Se tivesse, eu queria produzir e ajudar a colocar no cinema." Acontece que Blomkamp tinha, sim, um ás: seu curta *Alive in Joburg*. Em pouco mais de seis minutos, o diretor mostrava a consequência da chegada de alienígenas à sua cidade-natal, e como a população local reagia aos visitantes. "(*A produtora*) Philippa (*Boyens*) perguntou se havia história para um longa", lembra Jackson. "E Neill não hesitou em dizer que sim."

Alive in Joburg também trazia outro trunfo para a concepção de *Distrito 9*: Sharlto Copley, ator, produtor e diretor também sul-africano, que ajudou a viabilizar o curta de Blomkamp e terminou assumindo o papel principal do longa, o do burocrata seboso encarregado de retirar o 1 milhão de alienígenas vivendo na favela que dá título ao

Portões do paraíso: o otimismo do Distrito 9 dá lugar à realidade de um campo de prisioneiros, como Christopher (*abaixo*), um visitante que só quer ir para casa. Na página ao lado, De Merwe faz seu trabalho, entregando ordens de despejo para os aliens

filme. "Abracei a responsabilidade sabendo que *D9* podia se tornar muito especial", comenta o ator, que improvisou todo seu diálogo no longa. "E o clima nas filmagens não poderia ser melhor. Neill é um diretor extremamente competente e detalhista, mas sempre aberto a sugestões." As sugestões, por incrível que pareça, raramente partiram de Peter Jackson. "Para ser bem direto, *Distrito 9* não existiria sem Peter", abre Blomkamp. "Ele é o melhor parceiro, protegeu o conceito do filme, garantiu o orçamento, mas não impôs nada. *D9* existe exatamente como foi imaginado, e eu sou eternamente grato a ele por proteger minha visão."

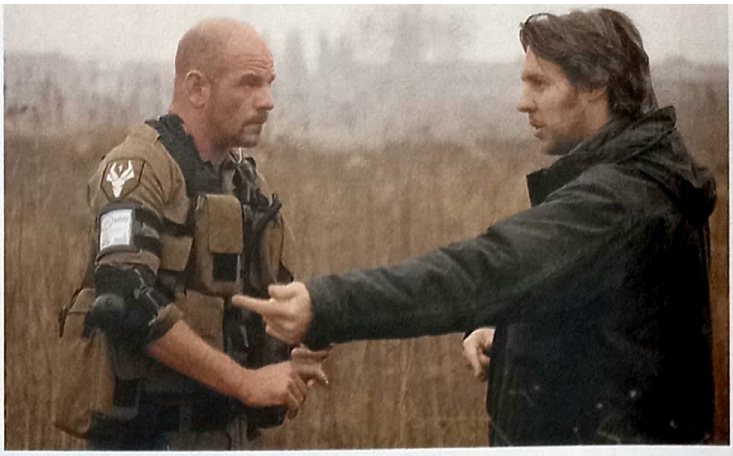
CORPO ESTRANHO

Embora compartilhe da mesma ideia de *Alive in Joburg*, *Distrito 9* a expande e aumenta seu escopo. O filme começa em ritmo documental, com depoimentos de conhecidos de Wikus Vem De Merwe, personagem de Sharlto Copley. Aparentemente algo aconteceu durante a retirada dos alienígenas do *Distrito 9*, e ele está diretamente envolvido. Aos poucos, o longa abraça um formato narrativo mais linear. É 1982 quando a gigantesca nave das criaturas – chamadas de forma jocosa de *prawns*, uma espécie de crustáceo menor que um camarão – surge à deriva no céu de Joannesburgo. Quando os militares a abordam, descobrem 1 milhão de aliens a bordo, que são trazidos para a Terra e ganham abrigo do Estado na área batizada *Distrito 9*. Duas décadas depois, o lugar se tornou uma favela, não muito diferente das piores que existem no Brasil. Quando o problema se torna demais para a população de Joannesburgo, o governo decide remover os visitantes para uma espécie de campo de prisioneiros (ou "de relocação", como um burocrata se refere), e Wikus é apontado como responsável.

Uma das grandes sacadas de Neill Blomkamp é não mostrar os alienígenas como um corpo estranho. Eles são simplesmente vizinhos indesejados, mas que têm uma tecnologia invejável, que o governo ainda não sabe como fazer funcionar – seus equipamentos e armas só são ligados por um usuário de DNA *prawn*. E é exatamente a posição em que se encontra Wikus quando ele é borrifado por acidente com uma substância desenvolvida por um *prawn* com planos de deixar a Terra, e passa a ter seu DNA fundido com o dos alienígenas. A partir daí, acompanhamos o burocrata em sua jornada para encontrar uma cura, ao mesmo tempo em que o governo o caça, fazendo com que ele só encontre refúgio no último lugar que um ser humano poderia se esconder: no Distrito 9.

> Os aliens do filme não são vistos como uma novidade espantosa, e sim como visitantes indesejados, mantidos por perto por um governo que deseja canibalizar sua tecnologia

"Wikus é um sujeito normal, classe média, um burocrata que pensa em sua promoção e no dinheiro e conforto que isso vai lhe trazer; retirar os *prawns* do D9 é só mais um trabalho", entusiasma-se Copley. "Quando sua condição é alterada e ele vê sua humanidade



Comandante de primeira: o diretor Neill Blomkamp (*à dir.*) em locação em Joannesburgo

se esvair, ele reage como qualquer um: com medo, com raiva e, no final, por instinto, pura autopreservação." Como "parceiro", Wikus é obrigado a se aliar a um *prawn* que ele chama de Christopher, o mesmo que inventou o fluido espirrado em sua face – e que pode ser a chave para uma grande mudança na vida de De Merwe e de todos ligados ao Distrito 9. Christopher, por sinal, é uma criação ímpar, um personagem digital que traz a mesma carga emocional que vimos antes em Gollum de *O Senhor dos Anéis*. Para quem viu *Alive in Joburg*, por sinal, o design modificado das criaturas é um choque: eles deixam de ser criaturas como lesmas, vestidas com trapos, para se tornar aliens insectóides, com visual vagamente emprestado do ser que Jeff Goldblum se torna em *A Mosca*.

"Eu queria que eles parecessem insetos", explica o diretor. "O conceito de *Distrito 9* é de que a nave das criaturas é como se fosse uma imensa colmeia. Em algum ponto, o rei ou rainha dessa colmeia morreu, o que fez a nave parar aqui e deixou seus habitantes sem direção." Blomkamp conta que os *prawns*, então, são como formigas operárias, que realmente ficam felizes em fazer o que mandam. "Por isso que, apesar de fisicamente mais fortes que um humano, eles se mantêm no Distrito 9, e terminam enganados por traficantes e subjugados pelo Exército. Os *prawns* não reagem, pelo menos não no começo." Para completar o trabalho digital, naves e equipamentos são incorporados no cenário, mas de uma forma tão perfeita que é difícil acreditar que *D9* não custou 100 milhões de dólares.

> O diretor Neill Blomkamp imaginou os alienígenas de *D9* como insetos em uma colmeia, dispersos sem liderança e dispostos a fazer o que lhe mandam, apesar da superioridade física e tecnológica

CAMPANHA VIRAL

Se não custou isso, nas bilheterias americanas *Distrito 9* se tornou uma anomalia: uma ficção científica ambientada na África do Sul (e não, digamos, em Nova York, aparente ponto de chegada favorito de ETs na Terra) que, sem diretor conhecido, sem nenhum ator minimamente famoso, e contando só com o nome de Peter Jackson para ancorar a campanha de marketing (o que ele fez incansavelmente), faturou, no final da temporada do verão ianque, mais de 100 milhões de dólares. É resultado de uma campanha esperta que começou com um viral na Comic Con de San Diego do ano passado, e que culminou com a apresentação de Blomkamp e Copley ao lado de Jackson no evento deste ano, coroado com uma exibição concorridíssima que, poucas horas depois, já espalhava o boca a boca para lá de positivo pela internet. "Não sei como será a carreira do filme nos cinemas dos Estados Unidos", confidenciou Blomkamp semanas antes de *Distrito 9* começar sua carreira vitoriosa. "Só sei que para mim é a vitória do bom senso. Eu fiz o longa que gostaria de assistir e espero que as pessoas reajam da mesma forma." Com seu desejo atendido e o estúdio de olho não só no faturamento, mas também na possibilidade de abrir uma nova franquia – o que, afinal, é sempre o combustível mais eficiente nas engrenagens do cinema ianque –, será que *Distrito 10* está tão distante assim? "O filme deixa essa possibilidade em aberto", conclui Neill Blomkamp. "Eu sei que adoraria voltar para esse mundo e explorar as portas que deixamos abertas." A julgar pela recepção de sua fantástica estreia, ele não é o único. ■

Ação alien: Wikus Vem de Merwe entra em combate para recuperar sua vida

PRIMEIRA BEM DADA

Seis diretores do novo milênio que fizeram de sua estreia um marco

Richard Kelly, diretor de *Donnie Darko* (2001)

Depois de dois curtas que ganharam atenção da crítica, Kelly criou um dos maiores cult movies do novo milênio. *Donnie Darko* ganhou seguidores, criou ícones (a fantasia de coelho é uma das favoritas do Halloween gringo) e até gerou uma continuação (*S. Darko*, mas melhor nem comentar). Kelly foi alardeado como o grande autor contemporâneo e deixou a lenda subir à cabeça – o resultado foi o confuso *Southland Tales*. Ele aguarda a redenção com o terror *The Box*, com Cameron Diaz.

Neil Marshall, diretor de *Cães de Caça* (2002)

O inglês Marshall subverteu os filmes de lobisomem e adicionou à lenda um componente militar em *Cães de Caça*, um longa de terror tenso que espanta por sua crueza e violência. Três anos depois, criou sua obra-prima: *Abismo do Medo*, uma das produções mais apavorantes dos anos 2000. Já *Juízo Final* é o resultado de orçamento inflado e ideias recicladas, mas ele prepara um filme de guerra no Império Romano, *Centurion*, para se recolocar no topo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Eli Roth, diretor de *Cabana do Inferno* (2002)

Com orçamento inexistente, Eli Roth fez um tributo à claustrofobia com *Cabana do Inferno*, fazendo com que o "assassino na floresta" não fosse um mascarado com um machete, e sim um vírus que corrói a carne. Fino. Roth ajudou a criar um gênero – o *torture porn* – com os dois *O Albergue*, mas ultimamente anda preocupado em ser ator, como no filme que enfeita a capa desta edição de SET...

Shane Carruth, diretor de *Primer* (2004)

O maior exemplo de que ficção científica se faz com inteligência é *Primer*, um filme sobre viagens no tempo em que Carruth não usou nem DeLoreans ou fendas espaciais: só dois sujeitos com uma máquina construída no quintal, duas caixas e muita habilidade em amarrar tudo com um roteiro coeso. *Primer* continua sendo seu único filme até o momento.

James McTeigue, diretor de *V de Vingança* (2005)

Depois de trabalhar nos bastidores de superproduções como *Street Fighter* (é, com o Van Damme), *Cidade das Sombras* e a trilogia *Matrix*, McTeigue ganhou de seus "padrinhos", os irmãos Wachovski, a tarefa de levar para o cinema a série em quadrinhos de Alan Moore e David Lloyd. O resultado é um filme elegante que transporta as ideias subversivas da HQ com um bem-vindo senso de espetáculo. Seu segundo filme, *Ninja Assassin*, estreia ainda neste ano.

Duncan Jones, diretor de *Moon* (2009)

A outra grande surpresa de ficção científica neste ano é *Moon*, em que Sam Rockwell interpreta um astronauta isolado na Lua por três anos que se prepara para voltar para a Terra. Sucesso no circuito independente, abriu as portas para Jones (e elogios para a performance de Rockwell) – e deve chegar ao Brasil em dezembro.

黒澤

Kurosawa

Japão Pop Movie

Um dos principais responsáveis pela divulgação do cinema japonês no mundo, Akira Kurosawa começa a ganhar homenagens pelo centenário de seu nascimento

POR PAULO CABRAL

Akira Kurosawa é desses artistas que independem de datas e efemérides para ser homenageados em festivais e mostras de cinema. Neste ano, Veneza, por sua vez, resolveu lembrar o cineasta com um seminário internacional sobre sua vida e obra, antecipando as comemorações do seu centenário de nascimento, que se completará em março de 2010. Mas o Festival de Veneza tem esse direito, pois foi de lá que o nome de Kurosawa se propagou para o resto do mundo após abocanhar o Leão de Ouro com *Rashomon*, em 1951. Até então, ele nem era considerado importante para o cinema japonês, mas, a partir dali, o cinema ocidental passou a cultuá-lo.

Comparado a um japonês médio, Akira Kurosawa, com seu 1,84 metro, era alto e cabeçudo, um tipo incomum em seu próprio país. Seu sonho irrealizado foi dirigir uma versão de *Godzilla*, o monstro-símbolo do Japão, mas seu projeto não recebeu um iene sequer de financiamento. Jamais ganhou em vida um prêmio da Academia Japonesa de Cinema. Para seus conterrâneos, filme de samurai são aqueles de cineastas pouco conhecidos por aqui e que passam direto na *Sessão da Tarde* de lá e na TV do Quentin Tarantino. Seria então Kurosawa um "diretor *made for festivals*", como escreveu o crítico de cinema José Lino Grünewald em 1964?

INFLUÊNCIA MUNDIAL

Antes dele, Yasujiro Ozu e Kenji Mizogushi já haviam dado uma palhinha de que o cinema japonês tinha muito o que mostrar. Mas, fã assumido do cinema americano, principalmente de John Ford, e discípulo de Eisenstein no que diz respeito a montar o seu próprio filme, Akira Kurosawa, sem perder sua origem e seu diferencial nipônico, travou um diálogo com o Ocidente a partir de *Rashomon*. A história, com uma narrativa criativa em que quatro personagens dão sua versão para um crime, chamou a atenção do público em geral, interesse esse que se estendeu para as produções seguintes, como *O Idiota* (1951), *Viver* (1952) e *Os Sete Samurais* (1954).

明

I l u m i n a d o

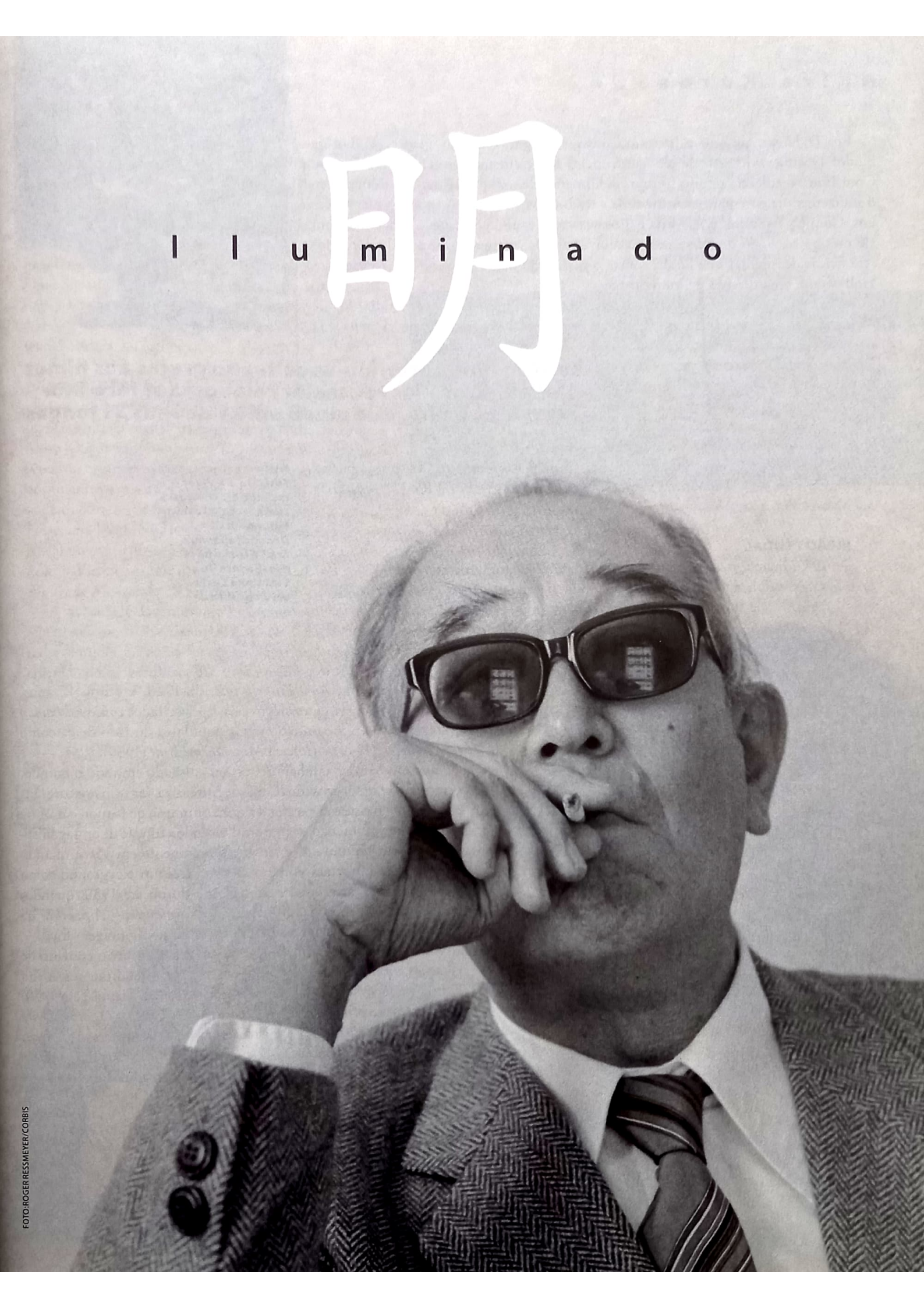


FOTO: ROGER RESSMEYER/CORBIS

Em *O Idiota*, ele teve a literatura universal como fonte ao adaptar a obra de Fiódor Dostoievski, além de ter seu primeiro flerte cinematográfico com a Rússia. Com *Viver*, o cineasta retoma os dramas humanos de seus primeiros filmes, mas com o impacto suficiente para garantir uma carreira nos cineclubes europeus e americanos. Com *Os Sete Samurais*, Akira Kurosawa vira o mundo de cabeça para baixo com ele mesmo servindo de referência na reinvenção do western, quando a história dos sete heróis decadentes que lutam contra o mal virou *Sete Homens e Um Destino* em Hollywood, com direção de John Sturges.

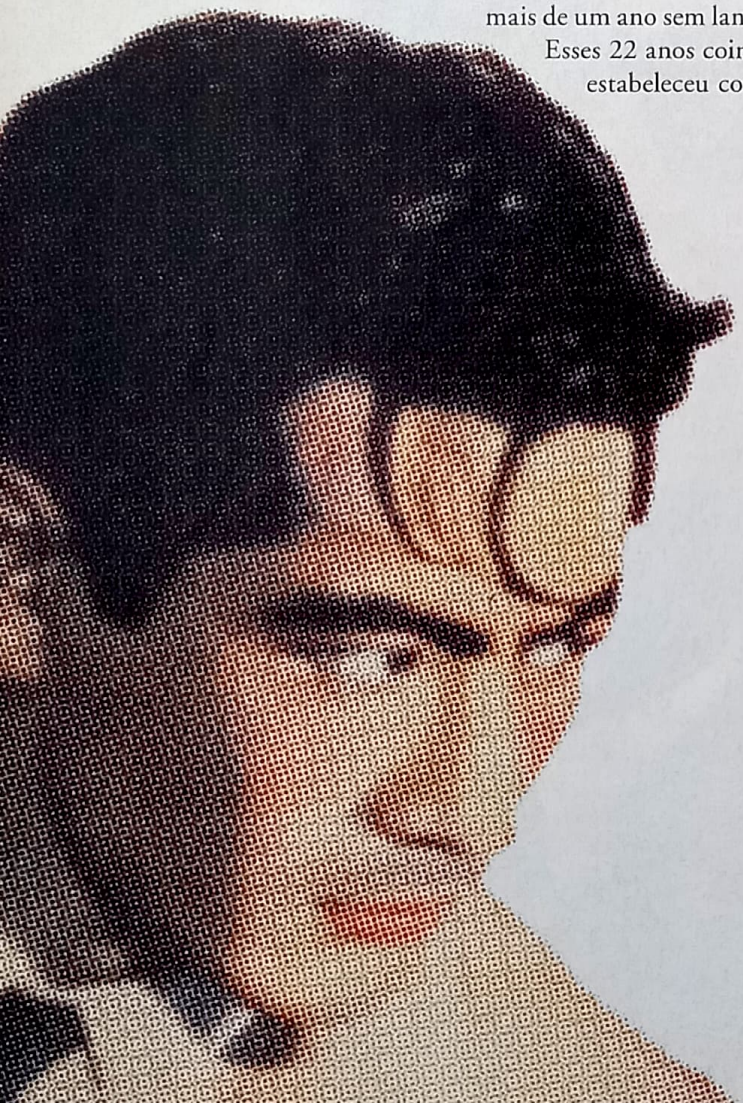
Aliás, pode-se dizer que Akira Kurosawa influenciou mais o cinema mundial do que o japonês. Samurais virarem caubóis quase se tornou uma regra, já que *Yojimbo – O Guarda-Costas*, de 1961, também foi transformado em faroeste, dessa vez por Sergio Leone, em *Por um Punhado de Dólares*, com Clint Eastwood. *A Fortaleza Escondida* (1958) não teve exatamente uma versão hollywoodiana, mas foi o filme que deu o estalo na cabeça de George Lucas, que tirou daquela obra a matéria-prima para a criação de Obi-Wan Kenobi, da Princesa Leia e até de C-3PO e R2-D2 para criar sua obra-prima, a saga *Star Wars*.

Toshiro Mifune tornou-se cultuado graças aos filmes de Kurosawa, mas seu maior colaborador foi o ator Takashi Shimura, que atuou em 21 de seus 31 longas

A chuva cai em Takashi Shimura em *Viver* (*acima*). Ele contrasta com a face de Toshiro Mifune em *Cão Danado* (*abaixo, à esq.*) e com a pose desafiadora de Yoshitaka Zushi em *Dodeskaden*

JAPÃO FEUDAL

De 1943, quando estreou com *Sugata Sanshiro*, que foi traduzido como *A Saga do Judô* e trata especificamente da tradição da luta marcial no Japão, até *O Barba Ruiva*, de 1965, Akira Kurosawa fez 24 filmes, um período em que não ficou mais de um ano sem lançar uma obra nos cinemas. Esses 22 anos coincidem com a parceria que estabeleceu com o ator Toshiro Mifune, que começou com *Anjo Embriagado*, de 1948, e durou 17 anos, rendendo 16 longas, entre eles os clássicos já citados como *Rashomon* e *Os Sete Samurais* e outros menos populares do lado de cá como *Cão Danado* (1949) e *Homem Mau Dorme Bem* (1960).



Toshiro Mifune também se tornou cultuado em todo o mundo, principalmente por causa dos filmes de Kurosawa, mas a maior constância na obra do cineasta é o ator Takashi Shimura, que atuou em 21 de seus 31 longas. Ora coadjuvante ora dividindo a função de protagonista com Mifune, Shimura teve seu grande momento em *Viver*, quando interpretou o burocrata solitário que constrói um playground como forma de repensar a vida. Essa parceria durou até 1980, quando, já doente, participou das filmagens de *Kagemusha – A Sombra do Samurai*, mas suas cenas acabaram cortadas na montagem final.

Ao encerrar com *O Barba Ruiva*, um drama sobre o conflito de gerações, a parceria com Mifune após sérios desentendimentos, Akira Kurosawa só viria lançar um novo filme cinco anos depois, em 1970, quando fez seu primeiro longa em cores, *Dodeskaden – O Caminho da Vida*. A fábula, em que várias histórias passadas na periferia de Tóquio se entrelaçam, rendeu ao cineasta a primeira indicação ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Mas esse fato não se traduziu em prestígio

para ele no cinema japonês e, deprimido, sem rumo na carreira e sem financiamento, tentou o suicídio no ano seguinte. Sem filmar, acabou fazendo comerciais para a TV.

Mais cinco anos sem lançar nada na tela grande até *Dersu Uzala* estrear em 1975, concretizando assim o flerte que tinha com a Rússia desde *O Idiota*, de 1951, e que passou por *Ralé*, de 1957, adaptação da obra de Máximo Gorky. *Dersu*, no entanto, sai do ambiente urbano para mostrar o choque de culturas entre um velho caçador que vive na selva e um explorador russo. Dessa vez, Kurosawa levou para casa o Oscar de melhor filme estrangeiro, e mesmo assim teve de esperar mais meia década para realizar sua próxima obra, *Kagemusha – A Sombra do Samurai*, que marca sua volta ao Japão feudal em grande estilo.

As cores fulgurantes de *Ran* (abaixo) enregam a influência da pintura na obra de Kurosawa. *Os Sete Samurais*, por outro lado, tornou-se uma influência em filmes como *Sete Homens e Um Destino*

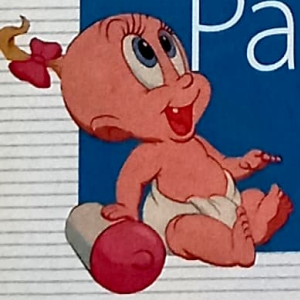
BOMBA ATÔMICA

Em alta no mercado cinematográfico dos anos 1970, Francis Ford Coppola e George Lucas, fãs declarados de Akira Kurosawa, produziram *Kagemusha*, que o próprio cineasta considera sua obra-prima. O filme levou o diretor novamente para o pódio de um grande festival, Cannes, onde dividiu a Palma de Ouro com *All That Jazz – O Show Deve Continuar*, de Bob Fosse, em 1980. No ritmo da superprodução, Kurosawa levou outros cinco anos para lançar um novo filme. E *Ran* não decepcionou. Dessa vez, ele bebeu em Shakespeare, *Rei Lear*, para contar mais uma história passada no Japão feudal, como já havia feito antes em *Trono Manchado de Sangue*, adaptação de *Macbeth* realizada em 1957.

A vivacidade das cores, principalmente nestes dois últimos filmes, *Kagemusha* e *Ran*, remetem a um desejo de infância do cineasta, o de ser pintor. Ele até batalhou bastante na juventude, mas não foi aceito nas escolas japonesas e acabou se aproximando do cinema como desenhista de *storyboards*, progredindo para assistente de direção e, por fim, diretor. Mas a pintura ainda era uma questão a se resolver em sua alma, por isso fez *Sonhos* (1990), no qual divaga em oito episódios cheios de sensações, delírios e todos com uma beleza plástica impressionante. O mais conhecido deles é o "sonho" com Van Gogh no meio do campo de girassóis, interpretado por ninguém menos que o colega Martin Scorsese.

Aos 80 anos, Kurosawa já não se inibe mais de expor sua velhice, tanto que seus dois últimos filmes são passados no tempo atual e tratam de temas amadurecidos em sua vivência. Em *Rapsódia em Agosto*, de 1991, com o admirador Richard Gere no elenco, ele conta o drama de uma sobrevivente da bomba atômica como se passasse a limpo sua história com o Japão, em que um americano o "salva" de seu pesadelo. Por fim, em *Madadayo*, de 1993, um professor no final da vida recebe a visita de seus ex-alunos. Cinco anos depois, em 1998, em vez de uma nova obra, uma hemorragia cerebral o levou à morte. Mas o mestre, como definiu o mesmo crítico que o chamou de "diretor *made for festivals*", deixou inegáveis lições que garantem longa vida ao cinema. ■

Para sempre na memória



O cinema vive de momentos inesquecíveis, de cenas que fazem nosso queixo cair, que nos tiram o fôlego, que emocionam de verdade. Para celebrar os 22 anos de SET, lembramos de (claro) 22 cenas que tornaram inesquecível a experiência de acompanhar um filme no cinema

"Quando eu abrir esta porta, não tem mais volta..."

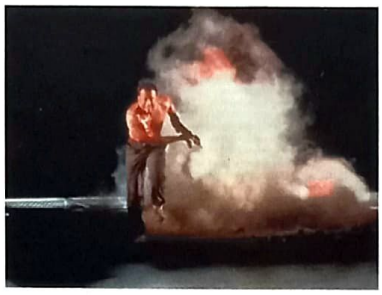
Os Intocáveis *1987*
O mestre Jim Malone (um fantástico Sean Connery) leva seu então aprendiz Eliot Ness (Kevin Costner) a conhecer o verdadeiro mundo da contravenção, existente sob o nariz das autoridades, e o que é preciso para combater o crime em Chicago. Com maestria de montagem, música e posição de câmera (como também na famosa cena da escadaria), o grande Brian De Palma leva Ness e o espectador a descobrir um admirável mundo novo do crime. A partir desta cena, a inocência está perdida e Ness se torna a nêmesis de Al Capone (Robert de Niro).

"P-p-por favor, Raoul. Eu posso te dar estrelas!"

Uma Cilada para Roger Rabbit *1987*
Antes de *Uma Cilada para Roger Rabbit*, animação e gente de verdade nunca dividiram o mesmo espaço com tanto realismo e naturalidade. Isso fica claro logo em sua primeira sequência, uma cena em que um atabalhoado Roger Rabbit tenta cuidar do bebê Herman, causando confusões típicas de qualquer desenho pastelão. Eis que alguém grita "corta!", e o público é assombrado ao ver que o desenho era na verdade um set de filmagem, e os personagens começam a interagir com atores reais de forma jamais vista.

"Bem-vindos ao Jurassic Park!"

Jurassic Park *1993*
Não é só o dr. Alan Grant (Sam Neill) que arregala os olhos ao ver dinossauros pela primeira vez. Excelente condutor de emoções, Steven Spielberg brinca com a expectativa do espectador, que naquele momento é tão criança e ansioso quanto o próprio cientista ao ver pela primeira vez as criaturas, vivas – para a gente, resultado de efeitos digitais perfeitos. O mundo ficou embasbacado, e dinossauros de fato caminhavam sobre a Terra mais uma vez.



"Por favor, Deus, não me deixe morrer!"

Duro de Matar *1988*
John McClane (Bruce Willis), único policial num edifício tomado por terroristas, sabe que o telhado está cheio de explosivos. Ele faz os reféns saírem de lá, mas encontra-se acuado por um helicóptero do FBI, que o confunde com um dos vilões. Contando os segundos para a explosão, McClane faz a única coisa que pode lhe salvar a vida: amarra uma mangueira de incêndio na cintura e salta, com o mundo se transformando num inferno em suas costas. Estava consagrado, assim, o maior filme de ação de todos os tempos.

"Merecer não tem nada a ver com isso"

Os Imperdoáveis *1993*
Contratados para matar dois caubóis que mutilaram uma prostituta, o trio liderado pelo matador aposentado Will Muny (Clint Eastwood) tem dificuldades para realizar a missão, pois sabem que matar não é tão simples. Mas ao perder seu antigo parceiro e amigo Ned Logan (Morgan Freeman), Muny esquece tudo isso e protagoniza a inesquecível cena final, um fantástico tiroteio no *saloon* da cidade, matando friamente meia dúzia de oponentes, terminando com a execução do xerife Little Bill Daggett (Gene Hackman), usando o rifle de seu amigo Ned, com um tiro no rosto à queima-roupa. E nosso pulso saltou uma batida.

"Papai? Levanta, você precisa levantar, a gente precisa ir pra casa... Socorro!, Alguém... Não..."

O Rei Leão *1994*
A Disney já tinha traumatizado uma geração inteira com a morte da mãe de Bambi em 1942. Mas *O Rei Leão* foi ainda mais incisivo, colocando o fim de Mufasa, o imponente pai de Simba, em uma sequência já histórica por seu triunfo tecnológico: o estouro da manada de gnus. O que começa com uma festa para os olhos termina com o pequeno Simba encontrando o corpo inerte de seu pai, marcando o início de sua complicada vida adulta.

"Hasta la vista, baby"

T2 *1991*

Essa frase curta e ímpar foi tão impactante no inconsciente coletivo do cinéfilo – ao lado de "Eu voltarei" – que se tornou impossível dissociá-la tanto da franquia *O Exterminador do Futuro* quanto da própria vida de Arnold Schwarzenegger. O atual governador da Califórnia já foi flagrado usando o jargão em resposta a repórteres. E para todos os seres humanos, o curto e grosso da exclamação passou a fazer parte do vocabulário cotidiano. Quem já não falou ao menos um *Hasta la vista, baby!* na vida que atire no primeiro andróide! No caso do T-800 vivido por Schwarza, foi o epitáfio de seu inimigo, o T-100, seu metal líquido congelado por nitrogênio líquido e estilhaçado por uma bala. Não era o fim, mas já estávamos na ponta da poltrona há tempos...

"Uma maldita conspiração! E todo mundo é parte, inclusive ela!"

Um Sonho de Liberdade *1994*

Esta que permanece até hoje como uma das melhores adaptações de um texto de Stephen King (e uma das poucas a não namorar o sobrenatural) tem por gancho, como de hábito, uma revelação-surpresa. Quando Norton (Bob Gunton), o diretor do presídio de Shawshank, descobre que o belíssimo pôster da atriz Rita Hayworth posando como Gilda, que decorava uma das celas, tinha uma razão muito especial de ser, o espectador se sente vingado e redimido, como fecho de uma trama que comoveu plateias (e a indústria) e as levou a elegê-lo como cult.

"Eles podem tirar nossas vidas, mas nunca vão tirar... nossa liberdade!"

Coração Valente *1995*

Que *300*, *Tróia* ou *O Senhor dos Anéis*, que nada! O principal chamado de guerra dos últimos 22 anos é o discurso enfático que William Wallace (Mel Gibson) desfila, no século 13, para unir os ânimos do povo escocês contra o jugo dos ingleses dominadores. Gibson exercitou aqui sua figura egocêntrica de liderança e fez cinemão com apoio na História e em cinco Oscar conquistados. Esta cena praticamente justifica o épico e conquistou o público.

"Que droga, eu atirei na cara do Marvin!"

Pulp Fiction *1994*

É, todo mundo lembra de John Travolta dançando com Uma Thurman em *Pulp Fiction*. Não é difícil apostar que muitos saibam diálogos inteiros de cor. Mas, dentro da narrativa descontinuada de Tarantino, uma cena é crucial por seu impacto: Vincent Vega (o personagem de Travolta) e Jules Winnfield (Samuel L. Jackson) levam um informante no banco de trás do carro – Marvin, vivido por Phil Lamarr – quando a arma de Vega dispara por acidente, estilhaçando o crânio do pobre Marvin. A reação de Vincent é acompanhada do lado de cá da tela: surpresa, asco e a sensação de que tudo, mas tudo mesmo, pode acontecer.

"Isso não é voar, é planar com estilo!"

Toy Story *1995*

Depois da pura aventura de uma cena de perseguição e resgate, o astronauta Buzz Lightyear salva Woody e revela ao brinquedo o prazer de se soltar das amarras do chão. E com estilo! Com esta cena, a Pixar prenunciou o império que conquistaria na indústria do entretenimento ao unir excelente animação com roteiro ágil e de bons diálogos e personagens inesquecíveis. Além de alimentar a amigável competição entre os dois bonecos, imediatamente aceitos pelo grande público. Aproveite agora este "planar com estilo" com o relançamento do filme no Brasil, pela primeira vez aqui em 3D.

"O maior truque que o diabo conseguiu foi convencer a humanidade de que ele não existe"

Os Suspeitos *1995*

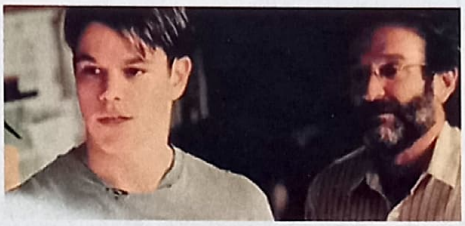
Há ainda quem não assistiu a *Os Suspeitos*? A identidade de Keyser Soze ainda é desconhecida por alguém? Pelo sim, pelo não e sem dar nomes, essa frase lapidar conclui com chave de ouro o roteiro impecável de Christopher McQuarrie, que colocou na roda quente de Hollywood o nome do diretor Bryan Singer. Instigante quebra-cabeça, a revelação de quem é o assassino nesta trama tem o choque semelhante à descoberta do próprio demo entre nós. O perigo pode ser vizinho.

"Eu não sei fazer outra coisa." "Nem eu"

Fogo contra Fogo *1995*
No alardeado primeiro encontro dos monstros sagrados Al Pacino e Robert de Niro num único filme, no confronto-clímax do policial dirigido por Michael Mann, os oponentes na lei descobrem-se muito mais próximos do que os dois de fato gostariam de ser. Pacino pelo lado da justiça, e De Niro pelo da contravenção, ambos cara a cara, eles fazem da vida exatamente o que sabem fazer – só que em lados opostos. Nesta rápida passagem, o mestre Mann sintetiza todo o universo ético e de tensão de seu grande filme.

"Você me ganhou no 'olá'"

Jerry Maguire *1996*
O diretor e roteirista Cameron Crowe ganhou a simpatia do público quando o agente esportista Jerry Maguire (Tom Cruise), em sua epifania ética com vocação de Davi contra Golias, arrebatou para seu lado Dorothy Boyd (Renée Zellweger), secretária de início furiosa com a demissão de Jerry e depois simpática à nova jornada profissional deste. Comprovando a boa química tanto entre os personagens quanto, claro, os atores que os encarnam, a cena em que ele tenta (e consegue) reconquistá-la arrancou um sorriso pré-romântico em meio mundo.



"Não é culpa sua"

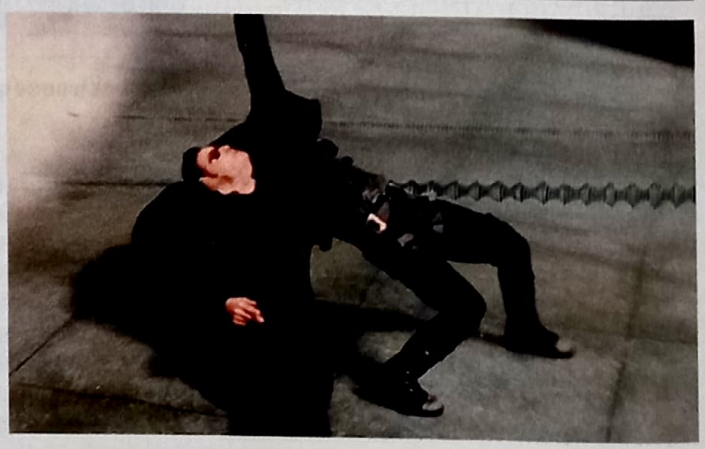
Gênio Indomável *1997*
Em autêntico *feel-good movie*, o roteiro de Matt Damon e Ben Affleck provoca a catarse que qualquer paciente de sessões de análise gostaria de experimentar quando toda a carga emocional e psicológica sufocada por anos explode numa única manifestação – no caso, o choro quase compulsivo que Will Hunting (Damon) compartilha nos ombros do amigo e "psicanalista informal" Sean Maguire (Robin Williams). Esta cena ajudou o filme rumo aos Oscar de roteiro original e ator coadjuvante.

"Não deixe entrar areia em suas armas. Vejo vocês na praia"

O Resgate do Soldado Ryan *1998*
O desembarque aliado nas praias da Normandia já foi retratado diversas vezes no cinema, mas nunca com o realismo e a frieza da sequência de abertura de *O Resgate do Soldado Ryan*. O medo e a tensão dos soldados dentro dos botes, a caminho do inevitável fogo inimigo, se espalha pela plateia, que chega a desejar que as portas da embarcação nunca se abram. A batalha na praia, mostrada com os detalhes e a crueldade que o cinema sempre escondeu, entrou para a história.

"Ele é o escolhido!"

Matrix *1999*
Neo (Keanu Reeves) e Trinity (Carrie-Anne Moss) invadem o prédio onde Morpheus (Laurence Fishburne) está preso. A dupla avança pelo saguão disparando contra policiais. Não bastante, é logo depois que Neo se conecta definitivamente à Matrix ao resgatar Morpheus e enfrentar o agente Smith (Hugo Weaving). A cena de Neo desviando de balas se tornou símbolo, virou referência e sinônimo do efeito *bullet-time*. Mas nada se compara ao resgate de Trinity, despencando de um helicóptero que explode em chamas nas paredes de um edifício. É quando o "operador" Tank (Marcus Chong) – e, por tabela, todos nós – nos convencemos de que Neo é realmente o escolhido.

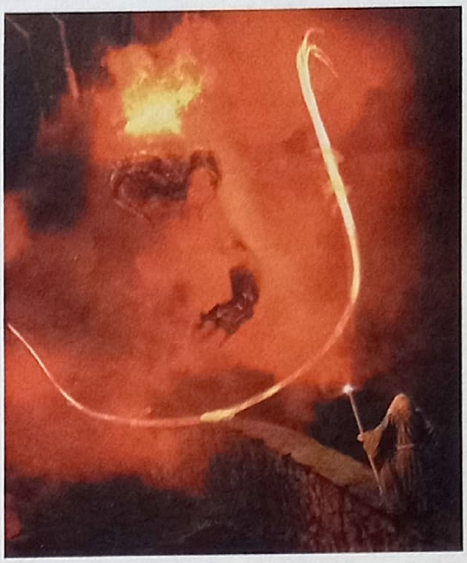


"Eu não deixei você"

O Sexto Sentido *1999*
Obra máxima de M. Night Shyamalan, *O Sexto Sentido* teve uma peculiar campanha de marketing, espelhada no trabalho de divulgação feito várias vezes pelo mestre Hitchcock, que pedia para ninguém revelar o desfecho do filme. E é apenas em sua cena final que a plateia descobre, com o queixo no chão, o que estava em sua frente pelas últimas duas horas. Após ajudar o pequeno Cole Sear (brilhantemente vivido por Haley Joel Osment) com suas visões dos mortos, o psicólogo infantil Malcom Crowe (Bruce Willis) finalmente percebe – ao mesmo tempo a atônita plateia – que ele também era um deles.

"Você não vai passar!"

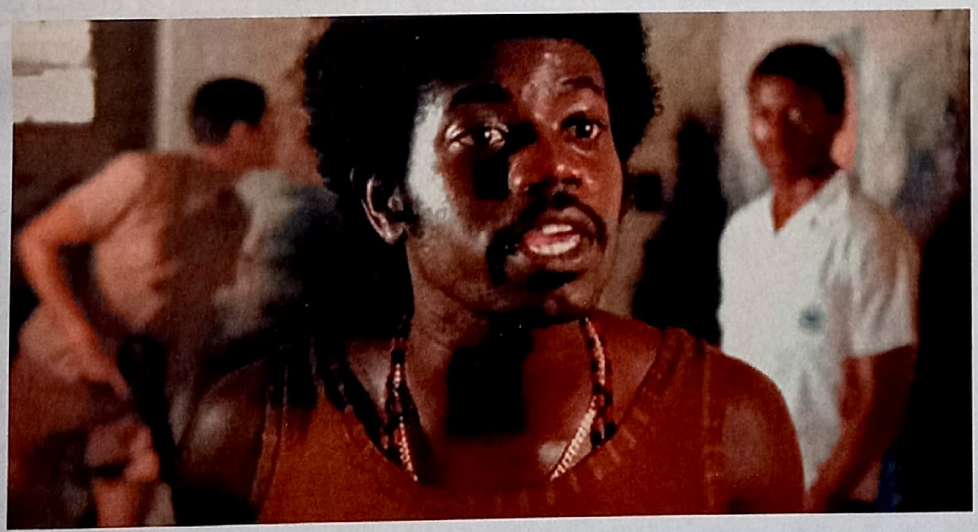
O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel *2001*
Após descobrir que os anões que habitavam as Minas de Moria foram massacrados, a Sociedade do Anel tem seu primeiro encontro com os Orcs, e precisa fugir por um desfiladeiro estreito. O combate culmina com o grupo encurralado por um gigantesco Balrog, um colosso feito de enxofre. Para garantir a segurança de Frodo (Elijah Wood) e seus companheiros, Gandalf (Ian McKellen) fica para trás e encara o monstro sozinho, destruindo a ponte em que ambos se equilibram, sendo arrastado pela besta rumo ao abismo sem fim. A "morte" de Gandalf reflete a habilidade do diretor Peter Jackson em conjurar o espetáculo sem deixar de lado a criação de personagens que aprendemos a nos importar.



"Eu bebo seu milk-shake!"

Sangue Negro *2007*
Dá muito medo o Daniel Plainview personificado com som e fúria por Daniel Day Lewis no clássico moderno de Paul Thomas Anderson. Anti-herói feito com o próprio sangue e suor, altivo, macho e obcecado, o cético Plainview alimenta por anos sua rivalidade com o jovem reverendo Sunday (Paul Dano), até essa pendência ser resolvida numa cena violenta física e psicologicamente. Com a frase, Plainview parece afirmar que enquanto Sunday vinha com a farinha, ele já voltava com a torta pronta (ou milk-shake, o que for). Das mais estupendas cenas desta década.

"Dadinho é o caralho..."



Cidade de Deus *2002*
Faz muito tempo que o cinema brasileiro não tem um contato constante e íntimo com o espectador, a ponto de virar tema e/ou jargão aplicado em conversas. Mas a exclamação de fúria do personagem interpretado por Leandro Firmino, que afirma que seu nome agora é Zé Pequeno, caiu nas graças do povo e, sete anos depois, foi até aplicada em recente campanha publicitária. Prova cabal de que essa frase chegou pra ficar, e de que *Cidade de Deus* é o filme brasileiro de maior repercussão internacional nesses 22 anos de SET.

"Você me completa"

Batman – O Cavaleiro das Trevas *2008*
E eles não são mesmo duas faces da mesma moeda? Todo e qualquer fã do justiceiro das trevas já sabia disso, mas a constatação de que Batman (Christian Bale) e Coringa (Heath Ledger) são frutos de uma mesma situação ganha uma dimensão trágica muito maior nesta cena, em que o vilão confronta seu nêmesis de orelhas pontudas em um discurso que mistura insanidade, lucidez, admiração e até certo carinho. Primeiro, porque a interpretação sibilada de Ledger é coisa do outro mundo; e depois, porque esta cena foi vista pelos mortais quando Ledger também já era coisa de outro mundo. A realidade e a fantasia às vezes se comunicam de forma que nem nossa vã filosofia pode prever. ■

E qual a sua cena inesquecível dos últimos 22 anos? Escreva para leitorset@avereditora.com.br contando quando foi o seu melhor momento no cinema. As dez mais votadas serão reveladas em breve no novo SET Online.

Quando lançamos o Jornal
quinzenais, teve gente que

Tudo sobre teatro
em um só jornal

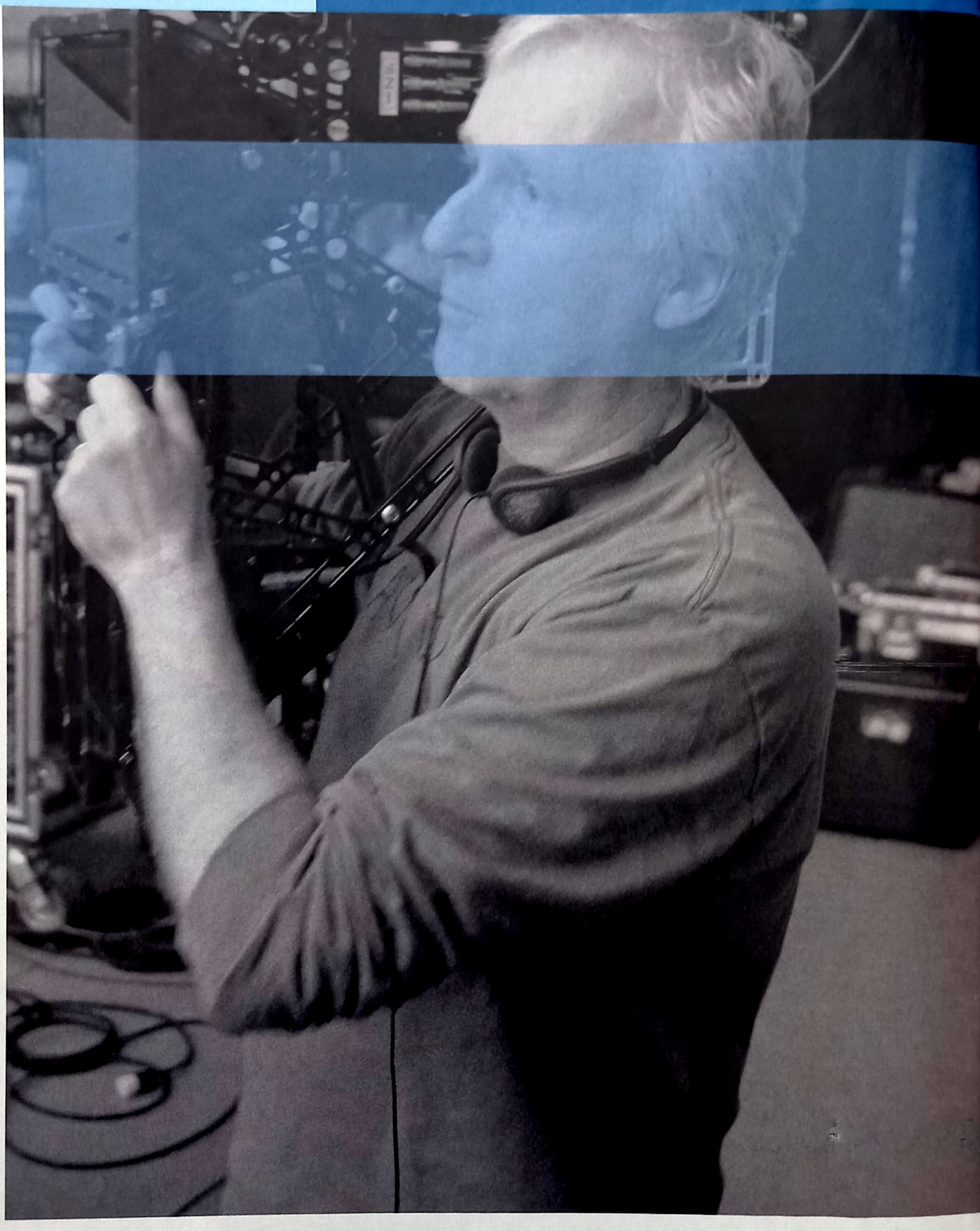
de Teatro com edições
pensou que faltaria assunto...

JORNAL de Teatro

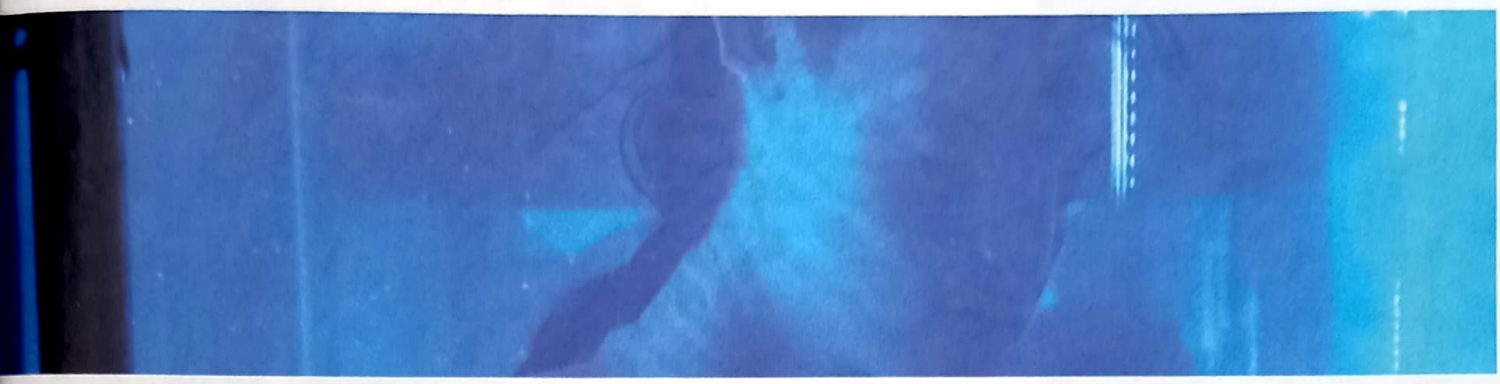
Leia e assine:

www.jornaldeteatro.com.br

Uma publicação aver editora



FOTOS: DIVULGAÇÃO



JAMES CAMERON

Depois de 13 anos longe do cinemão, o diretor de *T2* e *Titanic* fala sobre seu projeto mais ambicioso: a ficção científica *Avatar*

POR ROBERTO SADOVSKI DE SAN DIEGO

Elá se vão quase 13 anos desde que James Cameron afundou um navio em *Titanic*, criando a maior bilheteria da história do cinema. Os anos passaram e a curiosidade em ver o que um dos mais inovadores e geniais cineastas modernos tinha a oferecer foi escalando. Boatos rondavam a internet, então uma novidade entre os fãs de cinema. Será que Cameron ia adaptar o mangá *Battle Angel Alita*? Ou ele seguiria em frente com a continuação de *True Lies*? A outra alternativa seria desenterrar o roteiro de *Avatar*, um filme literalmente à frente de seu tempo que, quando concebido pouco antes do lançamento de *Titanic*, era tecnologicamente avançado demais para ser materializado. Os anos passaram. Cameron voltou às profundezas do oceano com os documentários *Ghosts of the Abyss* e *Aliens of the Deep*. Ele produziu a ficção científica *Solaris* para Steven Soderbergh. Criou a série de TV *Dark Angel*. Retornou outras vezes aos escombros submersos do Titanic, ora como documentarista, ora como explorador, experimentando novas câmeras e técnicas. Pouco mais de quatro anos atrás, *Avatar* começou a sair da gaveta, da forma que Cameron havia imaginado: uma ficção científica em que ele literalmente cria um novo mundo, a lua Pandora, habitada por criaturas ferozes e por uma raça inteligente, os *na'vi*. Humanos entram em cena, querendo explorar (e roubar) esse mundo de beleza por meio de avatares orgânicos capazes de sobreviver no ambiente hostil. Um homem, o ex-soldado Jake (Sam Worthington), chega a Pandora em busca de redenção. Uma nativa, Neytiri (Zoe Saldana), pode lhe mostrar o amor. É uma história clássica, contada por uma das mentes mais geniais que o cinema já produziu. James Cameron recebeu SET em meio à Comic con em San Diego para uma entrevista exclusiva para o Brasil, que você acompanha a seguir.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

***Avatar* é uma ideia original, como há muito não vemos em filmes nessa escala. Há quanto tempo ele está em sua mente?**

Muito tempo, acho que tudo que eu vi ou li ou vivenciei até hoje fez parte do desenvolvimento da história. Revistas em quadrinhos, arte fantástica, romances de ficção científica... Quando criança, eu era uma esponja para esse tipo de coisa, acho que dos 7 ou 8 anos até o fim da escola, já na faculdade. Eu pegava o ônibus para a escola, uma hora e meia de ida e volta, e eu lia um livro por dia. Tudo isso fica impresso no hardware, que ganhou molho quando eu passei a ler autores de ficção científica dos anos 1950 e 60.... (*Arthur C.*) Clarke, (*Isaac*) Asimov, (*Theodore*) Sturgeon... Eu gosto bastante de (*Robert A.*) Heinlein, muito imaginativo, ao mesmo tempo muito realista. Seus conceitos militares eram precisos, ele passava muito tempo desenvolvendo os personagens. E os quadrinhos sempre foram uma influência esmagadora... Era uma confluência de arte e narrativa que abriu meus olhos. Desde que me tornei um cineasta fui capaz de acessar essas memórias e combiná-las com as histórias que queria contar.

Qual a diferença do primeiro esboço do roteiro que você escreveu há 14 anos e o script que foi filmado?

O roteiro mais novo é muito mais detalhado, ele se move de momento a momento, eu pude me dedicar às cenas completas, com mais nuances de personagens. No fim das contas é também um texto mais simples, eu removi alguns personagens, cenas inteiras, eventos que não acrescentavam. O problema é que eu tinha escrito com a estrutura de um romance, foi como se eu estivesse adaptando um livro. E eu descobri da pior maneira, porque, quando eu adapto um de meus tratamentos, eu começo a transformar o texto em cenas, para ver que caminho tomar. Bom, eu terminei com 220 páginas, e não era nem a metade do que havia escrito... Era suicídio continuar, então eu tinha duas alternativas: ou recomeçar do zero ou manter esse processo até o fim e depois cortar. Eu decidi pela segunda opção, já que não podia perder nenhum dos momentos que já estavam lá.

Em que tipo de problema você esbarrou 14 anos atrás quando você teve a ideia de *Avatar*, mas não seguiu em frente?

> “Eu escrevi *Avatar* com a estrutura de um romance; foi como se eu estivesse adaptando um livro. Quando percebi, o roteiro tinha 220 páginas e não era nem a metade do que eu tinha escrito.

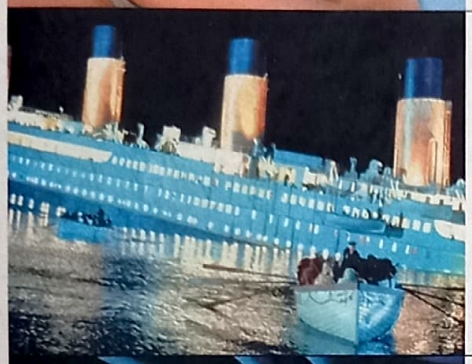
O que eu quis na época foi produzir uma história em torno da ideia de poder criar um planeta inteiro, com espécies alienígenas diversas e realistas. E eu não tinha interesse em usar maquiagem, queria fazer em CG. A gente tinha criado um dos primeiros completamente digitais de traços suaves e interação com os atores, na verdade o primeiro efeito assim, em *O Segredo do Abismo*. Estávamos à frente desse movimento, então *Jurassic Park* mostrou o que era possível fazer com criaturas orgânicas. Eu fiquei impressionado, e quis dar um passo à frente, que seria fazer personagens humanos, totalmente digitais, mas fotorrealistas. Fizemos em *Titanic*, para as cenas de multidão e a distância; eles ainda não convenciam em close. Outros cineastas estavam avançando cada vez mais nas inovações, como Peter Jackson e seu Gollum em *O Senhor dos Anéis*. Na minha antiga empresa, Digital Domain,

TOP 5

FOTOS: DIVULGAÇÃO

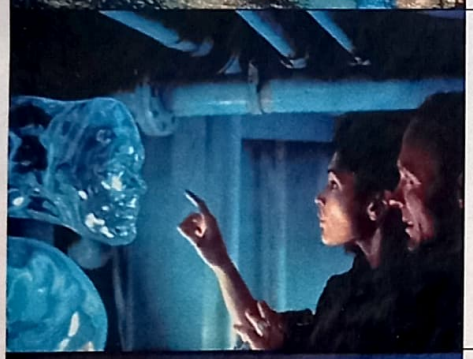
#5 True Lies

Cameron sabe como ninguém explorar o potencial de Arnold Schwarzenegger e, tomando como sabe o curta francês *La Totale!*, fez do brucutu um espião que, por mais de uma década, foi capaz de esconder sua verdadeira profissão de sua mulher e filha. Quando um plot terrorista ameaça a paz na América, suas duas vidas entram em conflito. Divertido e empolgante, *True Lies* é também um dos filmes de visual mais impressionante do cinema moderno, em especial seu clímax, em que Schwarza pilota um jato (é verdade, eu juro que é ele na cabine).



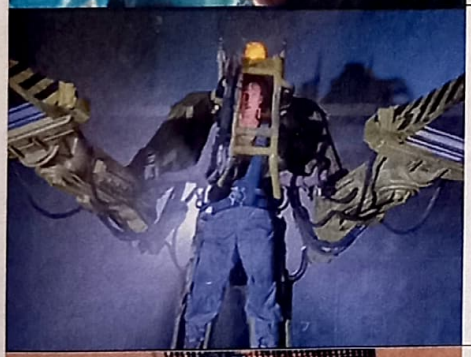
#4 Titanic

A maior bilheteria de todos os tempos – pense bem sobre este número: 1,85 bilhão de dólares – é também uma história de amor clássica que fez de Leonardo DiCaprio um astro. Hoje é fácil desdenhar de *Titanic*, mas o filme traz uma narrativa poderosa que foi capaz de colocar a plateia na viagem trágica que culminou com a morte de centenas de pessoas. Habilmente, Cameron manteve o texto básico e se concentrou na experiência, que resultou num fenômeno ainda sem paralelos. Tudo bem que a gente podia passar sem a música insuportável de Celine Dion...



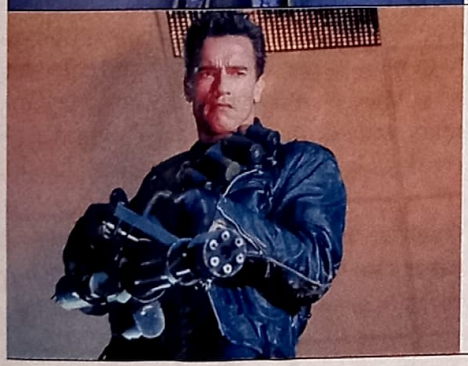
#3 O Segredo do Abismo

Antes de criar mundos alienígenas no espaço, cameron o fez nas profundezas do oceano. Literalmente. *O Segredo do Abismo* acompanha uma equipe de pesquisadores submarinos que parte em uma missão de resgate – acompanhados de uma equipe militar pouco amigável. O que eles encontram é uma raça alienígena que há anos (décadas? Séculos?) tem nos observado, decepcionados com a propensão humana para a violência. Cameron rodou num reator nuclear abandonado (!) e colocou elenco e equipe em condições sub-humanas. Mas, ei!, ninguém saiu ferido. Nem os aliens.



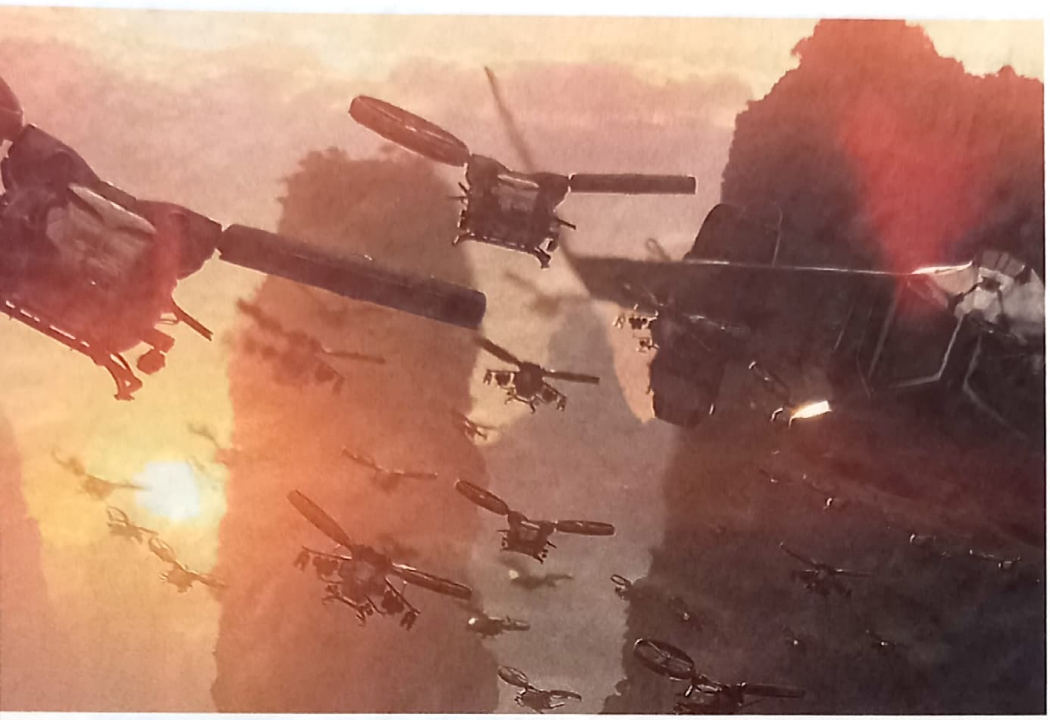
#2 Aliens – O Resgate

Como criar a continuação de um dos maiores filmes de terror de todos os tempos? Simples: subvertendo seus conceitos e fazendo, no processo, um dos grandes filmes de ação da história. Partindo da obra-prima de Ridley Scott, Cameron adicionou um elemento militar à trama e colocou a heroína Ripley (Sigourney Weaver) encarando não um, mas dezenas de aliens assassinos em um planeta hostil. O combate final com a Rainha Alien ficou para a história.



#1 O Exterminador do Futuro/T2

Difícil separar os dois filmes que definiram a carreira de Cameron e de Schwarzenegger, sendo impossível apontar o melhor. No primeiro, de 1984, temos o diretor ainda jovem, mostrando vigor com uma trama original (e infinitamente copiada) e um orçamento baixíssimo – o resultado foi um clássico do gênero. Anabolizado quase uma década depois, Cameron transformou vilão em herói com maestria, foi além dos limites do que era possível fazer com efeitos especiais e criou um daqueles filmes que grudam no *zeitgeist*, uma experiência única e imortal. Assista aos dois em sequência e seja feliz.



> “Usamos zero locações reais. Hoje, a verdade é que não existe nada que não possa ser feito, tudo passa a ser questão de economia e escolha

estávamos trabalhando com estruturas musculares, um processo de CG arcaico, não era nada inovador. Eu via o que a Weta estava fazendo, a integração de técnicas e de software, e sabia o caminho a seguir. Quando conseguimos fazer cabelo que fosse realista, que reagisse com o personagem, com a luz e o ambiente ao redor de maneira natural, eu soube que estávamos prontos. Mas, acredite, é tudo muito complicado, e tem de ser feito por técnicos que não só dominem as ferramentas com precisão, mas que também saibam observar o mundo ao seu redor, que entendam como a técnica vai funcionar de maneira orgânica, a ponto de enganar não só os olhos, mas também a mente.

Das cenas de *Avatar* que você já mostrou, o trailer e os 15 minutos do *Avatar Day*, o que era locação e o que era digital?

Zero locações reais. (*risos*) Hoje, a verdade é que não existe nada que não possa ser feito (*no cinema*), tudo passa a ser questão de economia e de escala. Água, por exemplo, ainda é muito difícil. Interação com superfícies molhadas é algo absurdamente complicado para renderizar satisfatoriamente. Por isso o processo é tão longo. É o que chamamos de desvendar o genoma dos personagens. Quando os artistas de efeitos especiais recebem o design de um personagem, eles levam cerca de um ano para aperfeiçoá-lo. Um ano para cada um deles. Claro que esse processo não é linear, tudo acontece simultaneamente. Ao mesmo tempo, os atores já estão trabalhando comigo nos trajes de captura de movimento, e sua performance tem de ser levada em conta em sua versão digital. A gente revisava o resultado continuamente, e se um personagem parecesse um pouco fora de eixo, era de volta ao trabalho, sem parar, até ficar perfeito – ou pelo menos o mais perfeito que pudemos fazer. E, cara, sempre havia o momento em que a interação da performance do ator com a habilidade do artista digital clicava, e a gente sabia que o personagem havia criado vida. Daí em diante ele nunca era menos que excelente, então era só adicionar cenas e seguir com a história.

E essa descoberta era com o software ou com cada personagem separadamente?

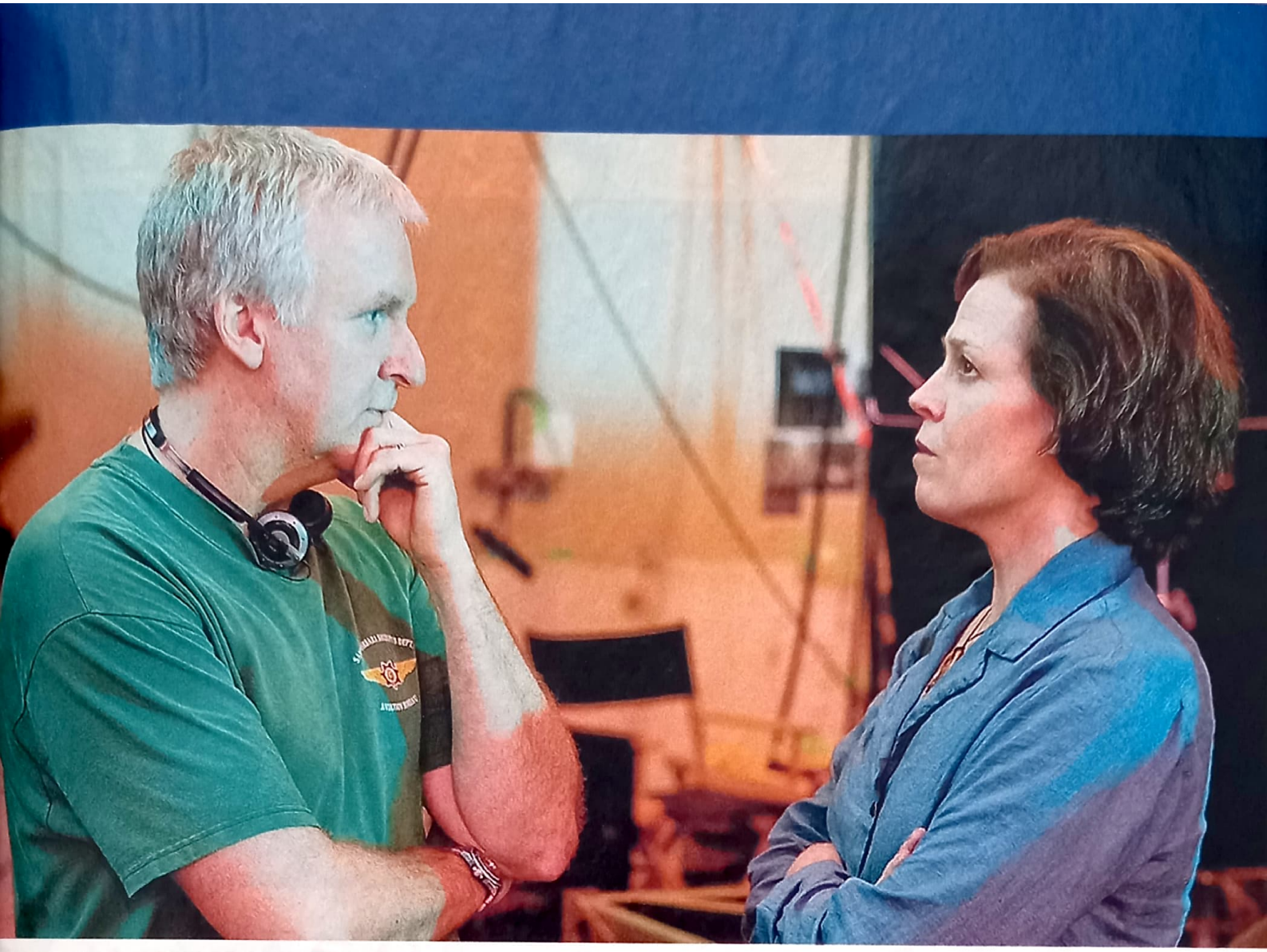
Ah, com cada um. E não só com os humanóides, com os *na'vi*, especialmente Sam (*Worthington*) e Zoe (*Saldana*). Por exemplo, uma criatura como a *banshee*, basicamente os animais voadores que servem de montaria para os *na'vi*, tomava seis meses de trabalho. Mas a gente chegava ao ponto em que ela estava perfeita, em que todo mundo sabe o que fazer, e daí a gente pode ter mil tomadas de uma *banshee* e todas ficam perfeitas. Literalmente elas tomam vida.

Algum dos personagens deu mais trabalho que os outros?

Provavelmente a versão digital de Sigourney (*Weaver*), seu avatar, foi o mais complicado. Isso por dois motivos. Seu rosto, sua estrutura óssea, não é tão fácil de renderizar como a de outros atores, não se traduz muito bem, ela tem traços clássicos. Por isso que seu personagem tem uma aparência mais humana do que, digamos, o de Sam – com o dele era mais fácil a gente ir além e ser mais, digamos, bestial. O outro motivo é que Sigourney é conhecida demais... (*risos*) É impossível não olhar para seu avatar e não vê-la, e isso torna o trabalho de manipular seu personagem mais duro – uma curva fora do lugar e era de volta para a prancheta.

Quantas espécies foram criadas para fazer com que o mundo de *Avatar* fosse realista e, ao mesmo tempo, alienígena?

Entre espécies animais, tanto



Parceria retomada: James Cameron conversa com Sigourney Weaver no set de *Avatar*, 23 anos depois de *Aliens – O Resgate*

proeminentes da trama ou vistas no background, e de plantas, eu diria algumas centenas...

É preciso uma enciclopédia para manter isso tudo à mão...

Eu sei, e é por isso que vamos lançar um livro para acompanhar o filme, para quem quiser saber mais sobre Pandora. Criamos um compêndio enorme não só como guia, mas também na expansão desse mundo. Temos um linguista, um antropólogo cultural, um compositor étnico, botânicos, paleobiólogos, todos trabalhando nesse imenso volume de referências que vai a público. Mas temos nossa bíblia interna, que é ainda mais completa e vai para as pessoas criando o videogame, *graphic novels*, livros... e, por que não, futuros roteiros e coisas assim. Tudo que foi desenvolvido nesse tempo de gestação de *Avatar* está lá, como, sei lá, quantas horas tem o dia em Pandora – o que não é aleatório, foi definido com o trabalho de um astrofísico.

E você sabe dessas coisas, tipo quantas horas tem o dia em Pandora?

Sim, 26 (*risos*). Sabe, tivemos um dia inteiro de discussão sobre as estações. A gente não está só criando um mundo... Pandora é uma lua de um gigante gasoso, e o astrofísico começava com conversas do tipo "bom, a localização é Alfa-Centauro A, você tem de inclinar a órbita do plano eclíptico do sistema solar não menos do que 60 graus de acordo com o ponto de vista da Terra, do contrário já teríamos encontrado um planeta gigante gasoso desse tamanho..." (*risos*). Isso deixa o filme melhor? Bom, se *Avatar* estabelecer uma base de fãs que gosta de esmiuçar mundos detalhados, então coisas assim se tornam úteis.

Como você chegou ao design dos *na'vi*?

No começo eles eram menos humanóides e mais animais, mas geralmente o design é ditado pela história que você quer contar. Então começamos com o visual de Neytiri e Jake. A ideia era fazer Neytiri atraente, mas com guelras e outras protuberâncias de seu design inicial, ela não era assim tão atraente (*risos*). E é uma história de amor! Então os *na'vi* evoluíram para essas criaturas de grande agilidade e leveza – uma expressão do melhor que poderia ser atingido em movimento humano. Então não é só o visual, mas também o modo como os *na'vis* se moviam. Muito desse movimento veio dos ginastas e bailarinos que convocamos

Homem e... máquina?: o soldado Jake (Sam Worthington) encara seu avatar, que lhe permitirá sobreviver no ambiente hostil de Pandora

para dar vida a eles, e é da natureza da captura de movimento trabalhar com expressão corporal. Isso depois tem de ser traduzido aos atores que fazem a performance dos protagonistas, que por sua vez têm seu rosto e expressões reesculpidos digitalmente de forma sutil para se tornar um *na'vi* – o que era impossível de fazer com maquiagem.

Entre escrever o roteiro, lidar com os desafios tecnológicos e fazer o filme, que parte do processo lhe é mais atraente?

Acho que é o momento em que eu me encontro agora, quando recebo as cenas totalmente renderizadas. Trabalhamos com uma espécie de resolução *proxy*, muito básica, como a de videogames de 20 anos atrás, quando rodamos o filme. É o que vemos nos monitores, para ter uma ideia do visual definitivo. É divertido por um tempo, mas se torna tedioso por causa de todo o processo físico de criar cada tomada digital sem saber como ela ficará no final. E eu não me canso de ver e rever as cenas, sempre com um detalhe a mais porque, honestamente, o processo de finalizar um longa e de rever as mesmas cenas pode se tornar maçante.

Como a indústria reage hoje a uma ideia original? Afinal, pelo menos nos últimos dez anos o cinema tem se alimentado de fontes que sejam histórias em quadrinhos, livros, brinquedos, séries de TV e até temas de parque de diversão. Como é chegar com uma proposta 100 por cento nova, sem reconhecimento de marca, em um ambiente assim?

Muito, muito difícil. E mais difícil ainda quando é algo da escala de *Avatar*, que é um filme para uma plateia ampla, com centenas de milhões envolvidos em sua produção e marketing. Os estúdios precisam de uma marca que já tenha valor agregado, porque isso tem de alcançar uma plateia imensa para ter algum retorno. É corajoso por parte do estúdio bancar um filme como *Avatar*, mas, por outro lado, se der certo, a recompensa também é gigante. E eu não digo financeiramente, mas criativamente também. Veja, eu adoro adaptações de quadrinhos, adoro ver esses mundos traduzidos em cinema. Mas eles já existem de tantas formas que eu sinto falta do mistério de descobrir algo verdadeiramente novo quando entro no cinema... Como eu senti quando tinha 14 anos e vi *2001: Uma Odisséia no Espaço* sem a menor ideia do que eu estava prestes a assistir. Era como um salto no desconhecido, e a gente não tem mais isso. As pessoas sabem demais antes de entrar no cinema. Acredite, nada que mostramos de *Avatar* até agora revela o mínimo da história. É o mesmo buraco negro que eu vivi aos 14 anos, e se você quiser saber o que está do outro lado, você tem de embarcar nessa jornada para descobrir. ■

Olho de Thundera: Sharlto Copley interpreta o burocrata que se altera com um contato imediato

DIVULGAÇÃO

Distrito 9

Peter Jackson banca a estreia espetacular do diretor Neill Blomkamp nesta ficção científica original e intrigante

★★★★★ **District 9**, *EUA/Nova Zelândia, 2009.* **De** Neill Blomkamp. **Com** Sharlto Copley, Jason Cope, Vanessa Haywood, David James, Eugene Khumbanyiwa. 112 min. www.d-9.com. Sony. **Ficção científica**

Quando Peter Jackson convocou o sul-africano Neill Blomkamp para dirigir a possível adaptação de *Halo*, um dos games de maior sucesso da história, muita gente virou os joysticks de lado de desconfiança. Três anos depois e com *Halo* já abortado, o desconhecido diretor de comerciais e curtas mostrou que o mundo do entretenimento perdeu a chance de ter a primeira grande adaptação de um jogo para o cinema, mas ganhou um longa de ficção científica original e intrigante como não víamos desde *Matrix*. Em *Distrito 9*, Blomkamp trouxe a preocupação social de volta à fantasia extraterreste ao inverter a lógica de que os humanos são sempre os "mocinhos" da trama.

Em *Distrito 9*, não existem aliens destruindo a Casa Branca e Will Smith jogando um vírus de computador na nave-mãe. Neste drama travestido de longa de ação, uma espaçonave surge nos céus de Joannesburgo e seus ocupantes são capturados e forçados a viver em um gueto minúsculo e deteriorado, separados da sociedade terráquea por seu visual de crustáceo e a remota possibilidade que eles possam usar suas armas para destruir o planeta. Sustentado por um estilo semidocumental – utilizando câmeras de segurança e de TV – e por efeitos especiais impressionantes (de realistas), o cineasta não é nem um pouco discreto na analogia com o apartheid.

Mas a boa vontade social é apenas pano de fundo para a transformação de um homem, o responsável burocrata e tacanho (Sharlto Copley) pela reestruturação da comunidade extraterrestre, que precisa ser deslocada para um campo de refugiados menor e mais cruel. O personagem é tão asqueroso e egoísta no início que talvez seja a jogada mais arriscada e genial de *Distrito 9*, uma ficção científica que não teme em andar sempre no limite e sem apelar para heróis de capa conhecidos ou superseres de quadrinhos. Um sopro de originalidade mais que bem-vindo – pelo menos até *Distrito 10*. Isso é Hollywood.

RODRIGO SALEM

Up

★★★★★

EUA, 2009. **De** Pete Docter e Bob Peterson. **Com** as vozes originais de Ed Asner, Christopher Plummer, Jordan nagai, Bob Peterson, Delroy Lindo. 96 min. Disney.com/UP. Disney. **Aventura**

Se a esta altura você ainda não assistiu a *Up*, a mais nova obra-prima da Pixar, largue a revista agora e voe para o cinema! Não existe meio-termo: em um ano em que blockbusters deixaram a desejar, o filme de Pete Docter (*Monstros S.A.*) foi um dos poucos que somaram momentos antológicos, personagens marcantes e emoção genuína. *Up*, que começa de maneira melancólica, mostrando, desde a infância, o relacionamento de Carl Fredricksen e sua mulher, Elie. Compartilhando o gosto pela aventura, eles constroem sua vida em torno da promessa de visitarem um paraíso perdido na América do Sul. O tempo passa. Eles envelhecem juntos. Ela morre. Carl é deixado sozinho com seus sonhos. E o filme ainda não chegou a dez minutos! A ação começa quando, ameaçado de perder sua casa, Fredricksen decide colocar o sonho em prática: usando milhares de balões, ele transforma seu lar em um dirigível e decola, levando junto um passageiro inesperado, o escoteiro Russell. Daí é correr para o abraço! *Up* não é só para crianças, já que seria bobagem limitar a aventura a um único público: é um filme para todos que vão ao cinema pelo prazer de acompanhar uma boa história. ROBERTO SADOVSKI

Salve Geral

★★★

Brasil, 2009. **De** Sergio Rezende. **Com** Andréa Beltrão, Lee Thalor, Denise Weinberg, Bruno Perillo. 119 min. www.salvegeral.com.br. Sony. **Drama**

Inspirado nos ataques orquestrados pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) à cidade de São Paulo em maio de 2006, *Salve Geral* vê o acontecimento que parou a capital paulista pelo olhar de uma dona de casa da classe média. Viúva e sem dinheiro, Lucia (Andréa Beltrão) luta para sustentar o único filho, um jovem acostumado às facilidades de uma vida sem nenhuma responsabilidade. Em uma de suas irresponsabilidades, Rafa (Lee Thalor) acaba na cadeia. Isso acontece em meio às movimentações do PCC, a facção criminosa que tomou conta das prisões, para criar caos na cidade. Ao mesmo tempo, Lucia tenta libertar o filho e recorre a tudo que está ao seu alcance. Esse nó se desfaz ao longo do Dia das Mães, no qual o indulto coloca

Bastardos Inglórios

Quentin Tarantino cria o filme de guerra definitivo

★★★★★ **Inglourious Basterds**, *EUA/Alemanha, 2009.* **De** Quentin Tarantino. **Com** Brad Pitt, Mélanie Laurent, Christoph Waltz. 153 min. www.inglouriousbasterds-movie.com. Universal. **Drama**

Cineastas de todo o mundo, que tal um acordo? Depois de anos de centenas de dramas xaropes sobre a Segunda Guerra Mundial e algumas raras obras-primas, ninguém mais tem permissão para criar um filme do gênero, certo? Como o próprio Brad Pitt falou, depois de *Bastardos Inglórios* não há razão para voltarmos à eterna luta entre nazistas e aliados. Depois de *Bastardos Inglórios,* não falta mais nada na lista – nem mesmo mudar o curso da História. Quentin Tarantino quebrou a última barreira do seu mundo alternativo, em que mulheres se vingam com espadas e assassinos dançam como o Batman dos anos 1960. Tarantino agora entrou em nossa dimensão e não deixou nada da mesma maneira.

Nesta brincadeira com trilha de western e ecos profundos de *Cães de Aluguel* e *Os Doze Condenados,* Brad Pitt é o tenente Aldo Raine, líder de um batalhão jogado na França ocupada por Hitler para matar nazistas. Do outro lado da trama, Mèlanie Laurent vive Shosanna, judia que viu a família ser dizimada pelo coronel Hans Landa (Christopher Landa, Palma de Ouro em Cannes) e ganhou uma nova identidade como a proprietária de um cinema em Paris. As duas histórias caminham em paralelo quando os dois grupos planejam atacar os alemães na prémiere de um longa de propaganda nazista na charmosa sala parisiense. Além da violência característica de Tarantino, *Bastardos* traz diálogos e frases que vamos repetir por anos a fio, a grande maioria proferida por Landa, vilão mais interessante da mitologia do cineasta. Seu carisma só é rivalizado pela crueldade. Seu papo meigo só perde para seu lado poliglota. Um ingrediente vital em um filme que Tarantino não tem medo de proclamar nas últimas palavras do roteiro: "Esta pode ser minha obra-prima". Sem dúvida. RODRIGO SALEM

Tem fogo?: a Lei Antifumo definitivamente não pegou no mundo de Tarantino

nas ruas centenas de presos que se movimentam no sentido de causar terror na cidade.

Salve Geral não tem ambições tão grandiosas como *Guerra de Canudos* ou *Mauá – O Imperador e o Rei*, mas consegue ir mais longe do que os filmes anteriores de Rezende. Muito por conta de um elenco experiente, Andréa Beltrão à frente, seguida muito de perto pela veterana Denise Weinberg no papel de Ruiva. ALESSANDRO GIANNINI

Quanto Dura o Amor?

★★

Brasil, 2009. **De** Roberto Moreno. **Com** Silvia Lourenço, Danni Carlos, Maria Clara Spinelli, Paulo Vilhena, Gustavo Machado. 83 min. www.quantoduraoamor.com.br. Pandora. **Drama**

O filme de Roberto Moreno (*Contra Todos*) responde à pergunta formulada em seu título com a sutileza de uma bazuca: pouco e nunca termina bem. É engraçada essa insistência entre os cineastas nacionais de que para uma história de amor ser boa ou "relevante" ela tem de terminar de forma deprimente. O destino dos casais que se formam e se quebram em *Quanto Dura o Amor?* fica óbvio pelo tom que Moreno imprime assim que a protagonista Marina (Silvia Lourenço) chega do interior para tentar a carreira de atriz em São Paulo: é um otimismo ingênuo, atropelado pela imensa quantidade de clichês que ele traz. Ao menos no cinema, pelo visto, em matéria de amor somos todos perdedores. R.S.

Terror na Antártida

★★★

Whiteout, *EUA/Canadá,* 2009. **De** Dominic Sena. **Com** Kate Beckinsale, Gabriel Macht, Tom Skerritt, Alex O'Loughlin. 96 min. www.whiteoutmovie.com. Warner. **Suspense**

Kate Beckinsale consegue brindar o público com suas curvas perfeitas mesmo em um filme passado no lugar mais gelado do planeta: é a cena que abre *Terror na Antártida*, com a atriz embaixo de uma ducha quente – um dos poucos momentos de conforto que sua personagem, a delegada

federal Carrie Stetko, vai experimentar. No resto da metragem deste suspense, Carrie precisa descobrir o autor de um assassinato – o primeiro na Antártida – antes que o inverno feche por seis meses a estação de pesquisas em que ela se encontra. Daí começa um óbvio jogo de gato e rato entre Carrie (auxiliada por um agente federal interpretado pelo "Spirit" Gabriel Macht) e o matador. Visualmente deslumbrante nas cenas que mostram a nevasca e sem medo de sequências incômodas – a policial perde dois dedos por congelamento, a amputação é de trincar os dentes –, o filme vai perdendo fôlego até o clímax preguiçoso. Até lá Kate Beckinsale na ducha já se tornou uma lembrança distante. R.S.

Deixa Ela Entrar

★★★★★

Lat Den Rätte Komma In, *Suécia, 2008.* **De** Tomas Alfredson. **Com** Kare Hedebrant, Lina Leandersson, Per Ragnar. 115 min. www.latdenrattekommain.se. Filmes da Mostra. **Terror**

Deixa Ela Entrar é um filme devastador de efeito prolongado, com seus temas, imagens e consequências habitando sua mente muito depois do fim da projeção. Chegando ao circuito comercial brasileiro com um ano de atraso, o longa ganha peso por ser protagonizado por crianças, expostas a um horror profundo. O eixo é Oskar (o angelical Kare Hedebrant), garoto de 12 anos molestado pelos valentões do colégio. É quando ganha uma nova vizinha, Eli (Lina Leandersson), bela e ambígua, que aos poucos revela sua verdadeira natureza: ela é uma vampira. Enquanto Oskar e Eli desenvolvem uma simbiose incômoda, Tomas Alfredson trata de explorar as "regras" dos vampiros sem subvertê-las. O trabalho fantástico de Hedebrant e Lina amplifica esse aspecto, principalmente quando percebemos que Eli deve ter 12 anos há pelo menos dois séculos e nunca fica claro se sua ligação com Oskar é fruto de

admiração, amor ou algo mais terrível. O clímax brutal joga por terra qualquer visão romântica dos vampiros e deixa uma verdade evidente: por mais terrível que seja a realidade, às vezes abraçamos nosso destino. R.S.

Vigaristas

★★★★

The Brothers Bloom, EUA, 2008. **De** Rian Johnson. **Com** Rachel Weisz, Adrien Brody, Mark Ruffalo, Rinko Kikuchi. 113 min. www.thebrothersbloom.com. Paris. **Comédia**

Enquanto Hollywood não se cansa de produzir remakes e sequências, o diretor Rian Johnson tece seus filmes como se andasse numa dimensão paralela onde as pessoas falam como em peças de Shakespeare e o mundo fosse repleto de fantasia. Foi assim na sua estreia, o maravilhoso noir *A Ponta de um Crime*, e a história se repete em *Vigaristas*. Adrien Brody e Mark Ruffalo são irmãos que cresceram praticando golpes, apesar de o mais novo (Brody) ser forçado pela chantagem emocional do parceiro. Pela última vez, a dupla se reúne para tirar a grana de uma milionária (Rachel Weisz, ótima) que destrói Ferraris para se divertir. Johnson monta um quebra-cabeça sobre interpretação, mentiras e amor com personagens tão complexos que a trama passa longe de qualquer clichê que filmes sobre picaretas sugerem. A pérola de 2009. R.S.L

DVD/BLU-RAY

Fazendo a festa: ***Aconteceu em Woodstock*****, de Ang Lee, e** ***O Imaginário do Dr. Led***

Sin City – A Cidade do Pecado

Triunfo estético de Robert Rodriguez e Frank Miller ganha versão cristalina em alta definição

Sin City, *EUA, 2005.* **De** Robert Rodriguez e Frank Miller. **Com** Bruce Willis, Jessica Alba, Mickey Rourke, Clive Owen, Rosario Dawson, Jaime King, Elijah Wood, Benicio Del Toro. 124 min. (147 min. na versão sem cortes). Blu-Ray Buena Vista. **Ação**

Se existe um filme que nasceu para ser visto em alta definição, é *Sin City – A Cidade do Pecado*, transposição primorosa da série em quadrinhos de Frank Miller perpetrada por Robert Rodriguez (e pelo próprio Miller) em 2005. O lançamento em Blu-Ray (duplo) deste filme noir moderno traz o que se espera de um longa já rodado com câmeras digitais e tratado do início ao fim com efeitos visuais: a imagem salta, os detalhes de maquiagem se tornam perceptíveis (o que em nenhum momento é uma crítica) e a fotografia em preto e branco fica ainda mais evidente – e explode quando um detalhe em cores é acrescentado à mistura. *Sin City*, na verdade, traz três contos criados por Miller, mais um prólogo e um epílogo, estes protagonizados pelo assassino interpretado por Josh Hartnett. Cada episódio traz seu próprio tom, mas em comum eles têm o absurdo e a ultraviolência desenhadas por Miller, que se torna hiper-realista quando encenada por gente de verdade. Tudo bem que Marv (Mickey Rourke), o troglodita talhado para uma arena de gladiadores – e não para o mundo moderno –, não é exatamente "gente de verdade".

Mas em *The Hard Goodbye* ele faz o possível para parecer humano, até quando faz uma carnificina para vingar a prostituta Goldie, única mulher que lhe mostrou afeição. *A Grande Matança* também trafega por este universo do submundo, quando Dwight (Clive Owen) segue o alucinado Jackie Boy (Benicio Del Toro) e termina por impedir um massacre no bairro das prostitutas de Sin City com... outro massacre! Já *O Assassino Amarelo* é o mais emocional, com o tira Hartigan (Bruce Willis) na cola de um psicopata (Nick Stahl) e tentando proteger a stripper Nancy (Jessica Alba). Amarrados em uma única narrativa, os episódios são apresentados na íntegra e separadamente em um dos extras do Blu-Ray, com cenas do gibi originalmente cortadas para o lançamento de cinema. O material extra ainda traz making ofs extensos, a "escola de cinema" de Robert Rodriguez e uma opção de áudio que permite ver o filme com a reação da plateia em uma exibição em Austin, cidade natal do diretor. Coisa fina. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★

Extras: ★★★★★

IMAGEM

Trama Internacional

The International, *EUA/Alemanha/Inglaterra, 2009*. **De** Tom Tykwer. **Com** Clive Owen, Naomi Watts, Armin Mueller-Stahl. 118 min. DVD/Blu-Ray Sony. **Aventura**

Clive Owen pode nunca interpretar James Bond no cinema, mas ele não faz feio em tramas de espionagem. No recente *Duplicidade*, ao lado de Julia Roberts, o registro era mais cômico. Mas não há nada engraçado neste *Trama Internacional*, thriller dirigido por Tom Tykwer (*Corra Lola, Corra*), em que Owen é o agente da Interpol Louis Salinger, que, depois de testemunhar a morte do parceiro, se torna obcecado em desmascarar uma cadeia de tráfico de armas responsável pela facilitação de atos de terrorismo – e que pode ser uma das instituições financeiras mais tradicionais do planeta. A única pessoa em que ele pode confiar é a advogada interpretada por Naomi Watts. Como todo filme estilo "Davi vs. Golias", *Trama Internacional* quase sucumbe ante o gigantismo da disputa, principalmente quando somos levados a acreditar que um homem pode fazer a diferença – pode me chamar de cético, mas mesmo em ficção é forçar a amizade. O que não impede de o filme ser um thriller eficiente que traz ao menos uma cena para ficar impressa no córtex: um tiroteio no Museu Guggenheim, em Nova York, brilhantemente coreografado e executado com precisão cirúrgica com Tykwer – tema de um dos documentários do disco. R.S.

Filme: ★★★

Extras: ★★★

24 HORAS 7ª temporada

24: Season Seven, *EUA, 2009*. **De** vários. **Com** Kiefer Sutherland, Cherry Jones, Colm Feore. 1 050 min. DVD Fox. **Ação**

Os fãs de Jack Bauer podem comemorar a chegada da sétima temporada, que chega em pack com seis discos recheados de extras. A celebração é pela qualidade do programa, que vinha decaindo nas últimas três temporadas (a sexta em especial foi uma decepção) e recebeu uma turbinada na nova trama, primeira a ser ambientada em Washington – o que traz nova dinâmica, já que Jack Bauer (Kiefer Sutherland) está longe de seu hábitat, Los Angeles. Quatro anos se passaram, a CTU foi desativada e Bauer está sendo julgado pelo Senado na capital americana – como Bush Filho bem sabe, torturar para salvar a América é considerado "conduta irregular". A burocracia dá lugar à ação quando, em meio a seu depoimento, Jack é chamado para ajudar o FBI a deter um dos planos terroristas mais perigosos que os EUA já tiveram de enfrentar – e nada como terroristas para salvar sua pele. Cada episódio traz comentários em áudio de produtores e diretores da série, além do elenco, traçando um panorama sobre como é manter o interesse num programa baseado em uma única premissa: a ação transcorrer em um dia. O que poderia deixar a narrativa engessada depois da primeira temporada, terminou se mostrando um exercício engenhoso para quem trabalha nos bastidores. MARIA FERNANDA MENEZES

Série: ★★★★

Extras: ★★★

VIDEOFILMES

Anjos & Demônios – Edição Estendida

Tom Hanks perde o mullet e ganha em ação

Angels & Demons, *EUA, 2009*. **De** Ron Howard. **Com** Tom Hanks, Ayelet Zurer, Ewan McGregor, Stellan Skarsgard, Armin Mueller-Stahl. 138 min (146 min. na versão estendida). DVD/Blu-Ray Sony. **Suspense**

Existe algo fora do eixo nesta aventura que segue o megassucesso *O Código Da Vinci*, também dirigido por Ron Howard. Desta vez, o especialista em símbolos Robert Langdon (Tom Hanks) é chamado a Roma quando quatro cardeais são sequestrados, aparentemente por um inimigo mortal da Igreja: a sociedade secreta conhecida como Illuminati, que prevê a queda da fé pela ciência. Em poucas horas, Langdon, auxiliado pela linda e cinematográfica cientista Vittoria Vetra (Ayelet Zurer), segue pistas ancestrais em uma caça frenética por catacumbas, catedrais, criptas e a biblioteca mais secreta do mundo, numa espécie de tour por Roma se o guia fosse James Bond depois de tomar ácido. Razoavelmente bem escrito, caprichado na violência e dirigido com competência, *Anjos & Demônios* comete o pecado mortal de qualquer filme de ação: é enfadonho. O passeio acelerado de Langdon e Vittoria por Roma parece uma versão do game *Tomb Raider* com menos locações e a jornada consegue ter um clímax mais implausível do que a mais absurda ficção científica. Ainda assim, Tom Hanks (que se livrou do mullet de *Da Vinci*) segura a aventura na base do charme, e em casa o filme parece menos exagerado e mais palatável. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★

Extras: N.A.

IMOVISION

Hanks em Roma: correria em ritmo de videogame para salvar a Igreja Católica

VIDEOFILMES

Se Eu Fosse 2

Brasil, 2009. **De** Daniel Filho. **Com** Tony Ramos, Glória Pires, Chico Anysio, Maria Luiza Mendonça, Marcos Paulo, Cássio Gabus Mendes. 98 min. DVD Fox. **Comédia**

A maior bilheteria de filmes brasileiros desde a chamada retomada do cinema nacional – com mais de 6 milhões de espectadores – chega ao formato digital. Mais uma vez, Cláudio (Tony Ramos) e Helena (Glória Pires) vivem uma experiência "fora de corpo". E, mais uma vez, o destino intervém na vida do casal antes que seja tarde demais. Prestes a formalizar sua separação, a dupla troca novamente de corpo um com o outro. Já acostumados com o fenômeno, resolvem sumir durante quatro dias – o tempo que levou para destrocarem na primeira ocasião – mas, dessa vez, chega o quarto dia e nada acontece. Será que ainda têm alguma lição a aprender? A direção simpática de Daniel Filho não complica a narrativa do filme, que aposta num humor simples e direto e na química exemplar de Ramos e Glória. Ainda assim, é pouco para justificar tamanho barulho – mas como explicar um fenômeno? O DVD traz como extras o primeiro e o último dia de filmagem, making of, featurettes sobre os personagens e outros mimos. M.F.M.

Filme: ★★★
Extras: ★★★

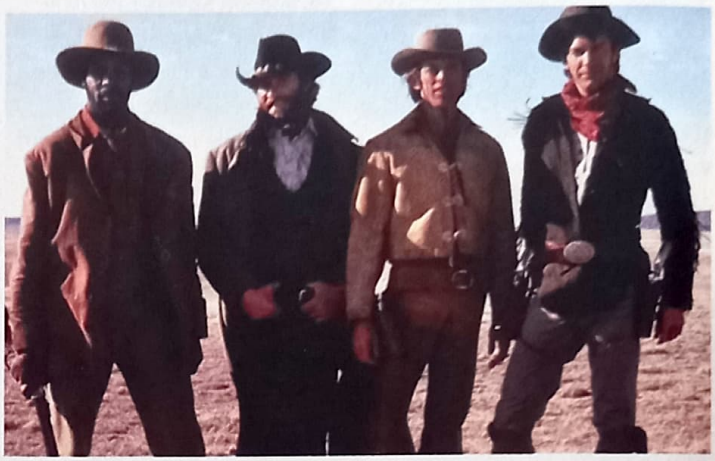
Vamos Nessa!

Gol, *EUA, 1999.* **De** Doug Liman. **Com** Sarah Polley, Katie Holmes, Scott Wolf, Jay Mohr, Desmond Askew, Timothy Olyphant. 102 min. Blu Ray Sony. **Comédia**

Antes de ser responsáveis por megaproduções como *A Identidade Bourne*, *Sr. e Sra. Smith* e *Jumper*, o diretor Doug Liman era um cineasta incensado no circuito independente depois de seu segundo filme, *Swingers*, causar burburinho em Hollywood – além de praticamente lançar as carreiras de Vince Vaughn e Jon Favreau. Antes de encarar Matt Damon como um espião desmemoriado, porém, Liman criou esta pérola, uma comédia modernosa que acompanha o ponto de vista de três pessoas diferentes depois de uma transação ilegal – e acidental. O roteirista John August (também estreando, que depois seria colaborador de Tim Burton em *Peixe Grande*, *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, *A Noiva Cadáver*) pega carona em *Pulp Fiction* e amarra uma noite na vida de Ronna (Sarah Polley), Claire (Katie Holmes), Simon (Desmond Askew), Adam (Scott Wolf), Zack (Jay Mohr) e Todd (Timothy Olyphant) em uma narrativa fragmentada, em que só temos o quadro completo quando vemos todas as partes. Mesmo sem a energia de *Pulp Fiction* ou a ingenuidade revigorante de *Swingers*, *Vamos Nessa!* triunfa pelo elenco em sintonia e em sua melhor forma (Katie Holmes é uma surpresa, assim como Sarah Polley, até então conhecida pelo denso *O Doce Amanhã*) e pela opção de Liman em não fazer uma "comédia adolescente", e sim um filme levemente sombrio (se é que isso é possível), jovem e em sintonia com a mudança do milênio. R.S.

VIDEOFILMES

Filme: ★★★★
Extras: ★★★



VIDEOFILMES

Silverado

Kevin Costner começa sua jornada pelo Oeste

EUA, 1985. **De** Lawrence Kasdan. **Com** Kevin Kline, Scott Glenn, Kevin Costner, Danny Glover, John Cleese. 132 min. Blu-Ray Sony. **Western**

Antes de *Dança com Lobos* coroar sua carreira, Kevin Costner já flertava com o western. *Silverado* foi uma espécie de compensação do diretor Lawrence Kasdan, que lhe deu sua grande chance em *O Reencontro*, mas cortou suas cenas. Costner juntou-se a Kevin Kline, Scott Glenn e Danny Glover como um dos quatro heróis involuntários que têm em seu caminho a esquecida Silverado, cidade tomada por um xerife corrupto e por um ladrão de terras cruel. Embora tenha montado a cena como um faroeste clássico, Kasdan tempera o tom do filme com diálogos "modernos" e um pouco da inquietude típica dos anos 1980 – em que o sabor pela descoberta retratado nos westerns de outrora não combinava com a América pós-Vietnã e em plena era Reagan. É um dos trunfos do diretor, que também escreveu *Os Caçadores da Arca Perdida* e precisa desesperadamente fazer um bom filme para limpar o gosto amargo da hecatombe *O Apanhador de Sonhos*. Esta edição remasterizada para colecionadores de *Silverado* traz uma imagem reluzente em alta definição, formato que parece criado para retratar as paisagens de um bom faroeste. Um documentário inédito e entrevistas com o elenco e equipe de realizadores, além de outros featurettes da época de seu lançamento, completam o pacote ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★
Extras: ★★★

Do outro lado da vida

Patrick Swayze *1952-2009*

Depois de lutar por dois anos contra um câncer no pâncreas, Patrick Swayze infelizmente se foi. O ator, um dos símbolos masculinos de beleza nos anos 1980, estava irreconhecível nos últimos tempos, magro e pálido apesar de todo o tratamento intensivo a que se submeteu. Mesmo assim ele nunca se entregou e continuou trabalhando até o último instante na série *The Beast* (que chega agora em DVD ao Brasil). De descendência apache, Patrick Wayne Swayze, filho de Jesse Wayne Swayze e Patsy Swayze, nasceu em Houston, no Texas, em 18 de agosto de 1952. Sua mãe tinha uma escola de dança e foi lá que o garoto aprendeu seus primeiros passos. A partir daí ele sempre buscou a vida artística e estreou no cinema em *Skatetown, U.S.A.*, de 1979. Foi em *Vidas sem Rumo*, de 1983, que o jovem ator mostrou a cara. Nesse filme de Francis Ford Coppola, Swayze e sua geração chegaram com os dois pés à porta de Hollywood – a seu lado estavam Tom Cruise, Matt Dillon, Ralph Macchio, Rob Lowe, C. Thomas Howell e Emilio Estevez. Todos fariam sucesso de um jeito ou de outro anos 80 adentro. Ao contrário de seus colegas, porém, o ator só chegou ao estrelato quase no fim da década, em 1987, já aos 30 anos, com o sucesso surpreendente de *Dirty Dancing – Ritmo Quente*. O longa até hoje é lembrado como um dos filmes mais famosos da década. Swayze aproveitou para cantar na trilha milionária, emprestando a voz à balada "She's Like the Wind".

Mas nada o preparou para *Ghost – Do Outro Lado da Vida*, de 1990, produção açucarada que pegou na veia e gerou mais de 500 milhões de dólares nas bilheterias do mundo todo. A história do jovem assassinado que volta para salvar sua mulher (Demi Moore) comoveu multidões – sem falar que, com direção de Jerry Zucker (*Top Secret!*), não se distanciava da comédia. A partir dali, dava a impressão que Patrick Swayze estava destinado a ser um dos grandes astros do cinema. Mas ele acabou atropelado por outros jovens atores que estavam surgindo no início dos anos 1990. Um filme emblemático nesse sentido foi *Caçadores de Emoção* (1991), talvez seu melhor trabalho, que ele protagonizou ao lado de Keanu Reeves. Naquele instante, Patrick parecia estar passando o bastão adiante. Nos anos seguintes, o ator não conseguiu mais repetir o sucesso. Em 1996, um acidente durante as filmagens de *Cartas de um Assassino* para a HBO, em que ele quebrou as duas pernas, o colocou de molho até 2000, e quando voltou o cenário em Hollywood era outro. Swayze não era mais o astro romântico de *Ghost*, ou o ator acelerado de *Caçadores de Emoção*. Era um curinga, que cineastas usavam para dar relevância a trabalhos independentes, como Donnie Darko. Uma ponta em *Dirty Dancing – Noites de Havana* era a prova de que o cinema não lhe comportava mais. Já diagnosticado com câncer, ele encarou a série *The Beast*, que não teve uma segunda temporada. Patrick Swayze era casado com Lisa Niemi, aluna de dança de sua mãe, desde 1975, e não tinha filhos. ODAIR BRÁZ JÚNIOR

Swayze em grande forma

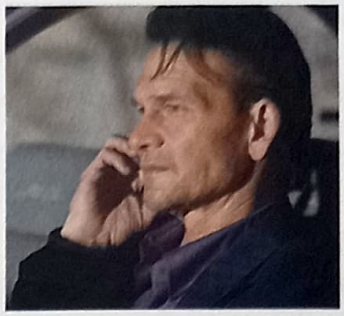
5 Sam Wheat, fantasma camarada de *Ghost – Do Outro Lado da Vida*

4 Vida, travesti deslumbrante de *Para Wong Foo, Obrigada por Tudo*, Julie Newmar

3 Johnny Castle, dançarino gente fina de *Dirty Dancing – Ritmo Quente*

2 Dalton, leão-de-chácara de *Matador de Aluguel*

1 Bodhi, surfista e assaltante de bancos em *Caçadores de Emoção*



The Beast - Primeira Temporada

The Beast: Season One, *EUA, 2009.* **De** Vincent Angell e William Rotko. **Com** Patrick Swayze, Travis Fimmel, Lindsay Pulsipher, Kevin J. O'Connor. 590 min. DVD Sony. **Ação**

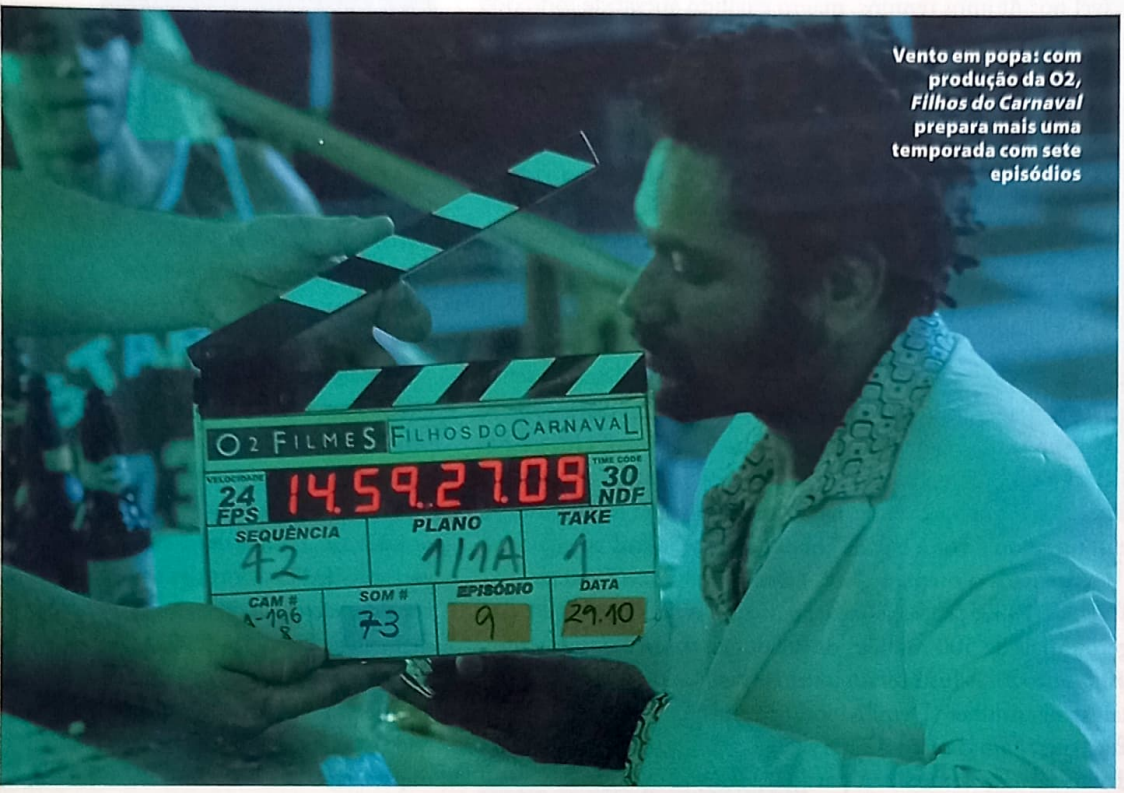
Em um timing pesaroso, chega a primeira temporada da série que traz Patrick Swayze lutando pela justiça no papel de Charles Barker, um nada ortodoxo, mas muito eficiente veterano do FBI. Apesar de ser considerado por muitos como o melhor em campo, incluindo seu parceiro novato Ellis Dove (Travis Fimmel), Barker tem um estilo nada convencional. Enquanto a dupla é testada em casos contra chefões das drogas, traficantes de armas e tiras corruptos, Dove também luta para esconder seu próprio segredo: ele foi instruído a cooperar com uma investigação que o FBI está conduzindo sobre Barker. Apesar da boa premissa e da atuação de primeira de Swayze, *The Beast* não saiu da média das séries policiais, deixando de introduzir algum elemento que a destacasse entre dezenas de produções similares. Ainda assim, é um testamento do talento e da força de vontade do astro, que se recusava a tomar medicamentos para a dor durante as filmagens para não perder a concentração em seu personagem. M.F.M.

Filme: ★★★

Extras: N/A

Assunto de família

A segunda temporada de *Filhos do Carnaval*, série da HBO dirigida por Cao Hamburger, amadurece em dramaturgia e técnica para continuar a saga criminosa dos irmãos Gebara



Vento em popa: com produção da O2, *Filhos do Carnaval* prepara mais uma temporada com sete episódios

FOTOS: DIVULGAÇÃO

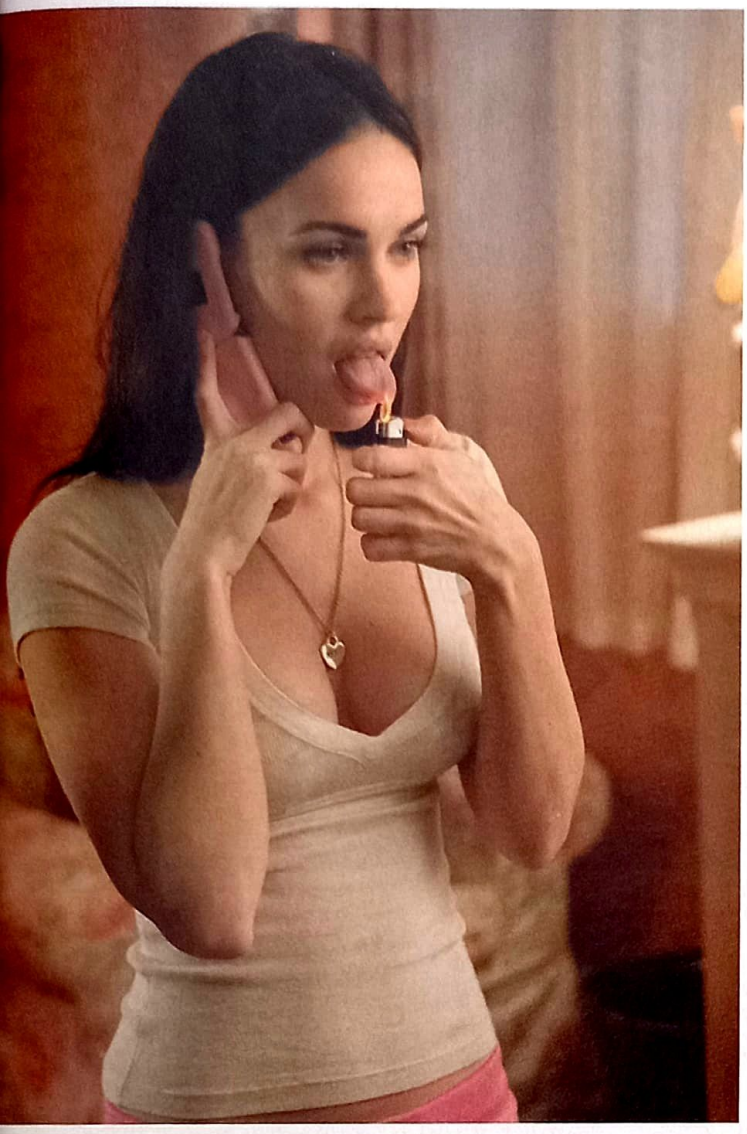
Continuando do ponto no qual parou há quatro anos, a série *Filhos do Carnaval* volta às telas do Brasil no início de outubro, após ter sua primeira temporada exibida nos Estados Unidos (com o título hispânico *Hijos del Carnaval*) e ganhar o Prêmio da Crítica como melhor série de TV pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 2006, além de uma indicação ao Emmy Internacional. O pedigree é justificado. Ao final da primeira temporada, o personagem de Jece Valadão – patriarca Anésio – chorava a morte prematura de seu filho Anesinho (Felipe Camargo), então presidente da Mocidade Independente de Padre Miguel, escola de samba carioca que abriga muitas das locações da série. Na vida real, a produção de *Filhos do Carnaval* lamentou a morte de Valadão e teve de buscar novos rumos para a trama. Nenhum problema para a experiente roteirista Elena Soárez (*Eu, Tu, Eles*, *Casa de Areia*, *Desafinados*, as séries *Cidade dos Homens* e *Antônia*), que buscou em outro ator veterano a brecha para continuar a saga mafiosa da família Gebara. Walmor Chagas, quase irreconhecível sem sua característica cabeleira branca, encarna o irmão de Anésio, Comodoro, que ao longo da temporada buscará algum tipo de vingança dos sobrinhos.

Os irmãos Claudinho (Enrique Diaz), Brown (Rodrigo dos Santos) e Nilo (Thogun, assim como na primeira temporada, o narrador da história) se encontram no enterro do patriarca. Claudinho chama os irmãos para assinar papéis forjados pelo advogado Rafael (Gustavo Falcão), pelos quais o velho Gebara reconhece a paternidade dos dois bastardos. Mas nem tudo são flores e a má-intenção do irmão logo é descoberta quando começam a aparecer processos nas costas dos três. Com o negócio das máquinas caça-níqueis indo de vento em popa, logo os antigos inimigos dos Gebara começam a colocar as mangas de fora, matando aliados e sofrendo represálias, ao bom estilo Corleone. As cenas mais tensas, aliás, são muito bem pontuadas pela trilha sonora de Beto Vilares e Gui Amabis, com a dose certa de acordes e efeitos para que o espectador não desgrude os olhos da tela. Outra guinada em relação à primeira temporada é prometida para os papéis femininos. A mulher de Claudinho, Ana Cristina (Mariana Lima), já dá a entender logo no primeiro episódio que sua vida provavelmente mudará em relação ao marido, que para seu espanto esquece o nome do bebê recém-nascido. Rosana (Roberta Rodrigues), mulher de Nilo, cai na farra com o cunhado Brown, ao passo que Glória, mulher de Brown, se torna confidente de Claudinho. Filmados e finalizados em alta definição, os sete episódios da segunda temporada trazem uma visão técnica de altíssima qualidade sobre a real problemática social brasileira, com casais que traem por prazer e necessidade, chefões de "esquemas" que eliminam seus rivais e, com todo o requinte que a crueldade pede, irmãos que traem irmãos. Pena ainda não haver o DVD da primeira temporada. Fica a dica.

MARIA FERNANDA MENEZES

De Cao Hamburger. **Com** Carlos Alberto Riccelli, Enrique Diaz, Mariana Lima, Roberta Rodriguez, Rodrigo dos Santos, Thogun, Walmor Chagas.
Estreia 8 de outubro, às 22h, na HBO

Próximas atrações



GAROTA INFERNAL

Megan Fox, literalmente com o diabo no corpo, seduz e ameaça seus colegas do colégio nesta comédia de terror escrita por Diablo Cody, roteirista de Juno

SUBSTITUTOS

Bruce Willis caça um assassino num futuro em que as pessoas vivem usando corpos artificiais nesta ficção científica do mesmo diretor de T3

Check list de viagem.

Para Bali, leve protetor solar.

Para Paris, leve seu amor.

Para o Ceará, leve um sorriso e muita preguiça.

Para Orlando, leve disposição para se divertir.

Para todos os lugares, leve **Próxima Viagem.**

Revista **Próxima Viagem**. Saber viver, saber viajar.
Todo mês nas melhores bancas, revistarias e supermercados.

aver editora

e-mail proximaviagem@avereditora.com.br

MUNDO CANIBAL

no cinema:

um jovem sensato

VEJA BEM, SR. TARANTINO, É UMA PROPOSTA IRRECUSÁVEL. O SENHOR DEVERIA AGRADECER AOS CÉUS POR UM ROTEIRO INOVADOR COMO ESSE, DIFERENTE DE TUDO O QUE JÁ FOI FEITO ANTES, CAIR NAS SUAS MÃOS.

DO QUE SE TRATA?

COMEÇAMOS EM UMA CIDADEZINHA AMERICANA, ONDE UM MISTERIOSO ASSASSINO ESTÁ ATERRORIZANDO OS ESTUDANTES VIRGENS.

É AÍ QUE ENCONTRAMOS DONNA, UMA JOVEM QUE NÃO SE ENQUADRA EM ESTEREÓTIPOS. ELA ACABOU DE CHEGAR EM CRAPVILLE E NÃO TEM MOTIVOS PARA VIVER...

... ATÉ CONHECER TOMMY, JOVEM ATLÉTICO E SENSUAL, QUE ESCONDE O TERRÍVEL SEGREDO DE SER DESCENDENTE DE UMA FAMÍLIA DE MÚMIAS!

E A TRAMA SE COMPLICA...

OH MEU DEUS!

...PORQUE OS GAROTOS DA RUA DE TRÁS, UMA GANGUE DE MALANDROS DOTADOS DE SUPER-PODERES RESULTANTES DE UM PROJETO SECRETO GOVERNAMENTAL, NÃO VÃO DEIXÁ-LOS EM PAZ.

QUE OUSADIA!

VOCÊ NÃO VIU NADA! PARALELAMENTE, UM PERIGOSO ELEMENTO ESCAPA DE UMA PRISÃO EXTRATERRESTRE E VEM PARA A TERRA...

RELAXEM, EU JÁ VOLTO...

...NOT!

... CAINDO SOBRE TOMMY QUANDO O CASAL SAÍA DO CINEMA! DAÍ, A COMPLEXA ANATOMIA DO ALIEN FUNDE SUA ESTRUTURA GENÉTICA COM A DO GAROTO, GRAÇAS AO AGENTE MUMIFICADOR QUE ESTE LEVA NA PELE, TRANSFORMANDO-O EM UMA MÚMIA-ZUMBI.

UFF

AAAAA

ENTÃO, COMO COINCIDENTEMENTE ELES PASSAVAM PERTO DE UM ANTIGO CEMITÉRIO DE UMA TRIBO INDÍGENA QUE MUMIFICAVA SEUS MORTOS, O ACIDENTE FAZ OUTROS ZUMBIS-MÚMIA SE LEVANTAREM E, EIS QUE, SINCRONIZADAMENTE, TODOS COMEÇAM A -

NEM SE PREOCUPE EM TERMINAR! EU ACEITO!

O SENHOR É UM JOVEM SENSATO, SR. TARANTINO.

AH, QUE É ISSO, SR. JACKSON. ASSIM EU FICO ENCABULADO.

THRILLER

THEMOVIE.COM

HA-HA-HA!

COMING SOON

argumento : raphael salimena e rogério vilela >> roteiro e arte : raphael salimena >> mundo canibal criado por : rogério vilela, rodrigo piologo e ricardo piologo

Todo sábado

Programa MAGNAVITA

Um programa semanal de entrevistas que leva a aviação comercial a sério

Programa Magnavita,

todos os sábados às 23:00h

Apresentação: Cláudio Magnavita

CNT

CENTRAL NACIONAL DE TELEVISÃO

O MOVIMENTO É ENORME.
MAS A GENTE ADMINISTRA.
Presente em todos os estados, a Infraero administra
67 aeroportos, 80 unidades de apoio à navegação aérea
e 52 terminais de carga. São mais de 100 milhões de passageiros
e 1,9 milhão de pousos e decolagens por ano.
Os números impressionam qualquer empresa.
Mas, pra Infraero, apesar de tudo, ainda há muito por fazer.
Embarque
Departure
Sanitários / Fraldário
Restrooms / Nursery
www.infraero.gov.br
ouvidoria: 0800.727.1234
INFRAERO
Aeroportos Brasileiros
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL